

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL

DISPOSITIVOS DE PODER E CONTROLE E O LUGAR DO CORPO EM RELAÇÕES
DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE DANÇA ONLINE

CURITIBA

2022

LARISSA DAMARIS LORENA DE OLIVEIRA

DISPOSITIVOS DE PODER E CONTROLE E O LUGAR DO CORPO EM RELAÇÕES
DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE DANÇA ONLINE

Dissertação do curso de Pós-graduação Mestrado Profissional em Artes, Linha de Pesquisa: Experiências e Mediações nas Relações Educacionais em Artes, da Universidade Estadual do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marila Annibelli Vellozo
Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Elke Siedler

CURITIBA

2022

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Mary Tomoko Inoue-CRB-91020

Oliveira,Larissa Damaris Lorena de
Dispositivos de poder e controle e o lugar do corpo
em relações de ensino- aprendizagem de dança online. /
Larissa Damaris Lorena de Oliveira,2022
108p.

Dissertação (Mestrado– Universidade Estadual do
Paraná – Mestrado em Artes.

Orientadora : Prof^a Marila Annibelli Velozo

Coorientadora : Prof^a Dr^a Elke Siedler

. 1. Corpo. 2. Dança. 3. Dispositivos de controle.
. 4. Ensino remoto I. T. II. Universidade Estadual do Paraná.

CDD : 793.3

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

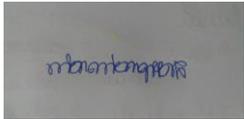
ATA nº 06/2022 - PPGARTES
BANCA DE DEFESA

No dia 27 de 2022, às 19 horas, através de chamada de vídeo pelo aplicativo google meet, realizou-se a Banca de Defesa do Trabalho Acadêmico intitulado DISPOSITIVOS DE PODER E CONTROLE E O LUGAR DO CORPO EM RELAÇÕES DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE DANÇA ONLINE da mestranda Larissa Damaris Lorena de Oliveira, que contou com a presença das professoras/doutoras Marila Annibelli Vellozo (orientadora), Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque e Rosemeri Rocha da Silva, como membros titulares da banca avaliadora. Após a avaliação do Trabalho Acadêmico, a banca deliberou pela aprovação da pesquisa. Nada mais havendo a discutir, o Exame de Qualificação deu-se por encerrado e eu, professora orientadora e presidente da banca, lavrei a presente ata, que segue assinada por mim e pelos demais membros da banca de avaliação.

Recomendações – Indicado para publicação.



Profa. Dra. (UNESPAR) – orientadora Marila Annibelli Vellozo



Profa. Dra. Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque (UESB)



Profa. Dra. Rosemeri Rocha da Silva (UNESPAR)

TERMO DE APROVAÇÃO

LARISSA DAMARIS LORENA DE OLIVEIRA

DISPOSITIVOS DE PODER E CONTROLE E O LUGAR DO CORPO EM
RELAÇÕES DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE DANÇA ONLINE

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes, pela Universidade Estadual do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marila Annibelli Vellozo
Universidade Estadual do Paraná

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Elke Siedler
Universidade Estadual do Paraná

Prof.^a Dr.^a Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque
Professora do Curso de Licenciatura em Dança
Professora colaboradora no PPGCEL
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

Prof.^a Dr.^a Rosemeri Rocha da Silva
Professora do Curso de Licenciatura em Dança
Professora do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Dança
da UNESPAR, Campus Curitiba II

Prof.^a Dr.^a Andrea Lucia Serio Bertoldi
Professora do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Dança
da UNESPAR, Campus Curitiba II

Curitiba, 27 de Julho de 2022.

Dedico esta pesquisa à minha mãe Rosângela Lorena de Oliveira, que além de me gerar sempre me incentivou e me amparou no caminho da pesquisa, que começou na sala de casa quando inventamos o espaço de dança onde todo improvisado e experimentação corporal era permitido.

Também dedico ao meu pai que com muito esforço lutou para que seus filhos tivessem acesso a uma educação de qualidade e assim pudéssemos ocupar os espaços que desejássemos.

Por fim, honro a existência daquelas que vieram antes de mim, e que com todos obstáculos e imposições de uma sociedade machista e patriarcal, desestabilizaram dispositivos de controle de sua época, para que hoje, eu pudesse avançar mais um pouco, para as que virão depois de mim.

Em especial, obrigada Francisca, Euly, Anunciata, Aparecida e Angela !

AGRADECIMENTOS

Desfazer o normal há de ser uma norma.

Manoel de Barros

Como aprendi com a querida professora Marila Vellozo “nós somos o que temos e o que não temos”, e eu sou muito grata pelas situações e pessoas que me atravessaram antes e ao longo desta pesquisa para que este trabalho pudesse ser concretizado.

Agradeço aos meus queridos pais Rosângela Lorena e José Roberto de Oliveira que não mediram esforços para que, através do estudo, eu conseguisse trilhar este caminho da pesquisa (que nunca acaba!).

Minha eterna gratidão também aos meus segundos pais no Paraná, meus queridos tios Angela Santos e Jairo Macedo que sempre me apoiaram e me ensinaram que é pela educação que há transformação! Agradeço também à minha querida irmã de coração e “prima de sangue” Maressa de Oliveira, que foi a primeira pessoa a me provocar a ocupar este espaço de reflexão e estudo em Arte, e está sempre presente incentivando o exercício da pesquisa e auxiliando em tudo que preciso. Aqui também agradeço à outra irmã de coração Aniely Mussoi, que me ensinou sobre o zelo da escrita e sobre a preciosa energia necessária para se pesquisar, ainda quando eu produzia o trabalho de conclusão de curso, na graduação... lições que jamais esquecerei!

Sou muito grata às queridas professoras que me orientaram nesta pesquisa e que tanto me inspiram: as professoras doutoras Marila Annibelli Vellozo e Elke Siedler, obrigada, por todo ensinamento (não só teórico, mas também prático); por acreditarem na relevância do tema desta pesquisa e por todo amparo, mesmo nos momentos em que eu perdia o “fôlego”. Sem a disponibilidade de vocês este trabalho não poderia ser feito, é uma honra aprender com duas mulheres incríveis, que são referências por suas contribuições para as discussões em dança.

Agradeço também as queridas mulheres que compõe à banca de avaliação deste trabalho e, que antes, já eram referências importantes para meus estudos, as professoras doutoras Rosemeri Rocha da Silva e Iara Cerqueira Cerqueira Linhares de Albuquerque.

Sou muito agradecida também às professoras doutoras Clediane Lourenço, Desirée Paschoal de Melo e Denise Gabriel Witzel e o professor mestre Felipe Soares, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, que ainda na graduação plantaram importantes sementes que floresceram nesta pesquisa!

Por fim, agradeço todes meus amigues querides, em especial Lucas Macedo e Dayane Santos; Jovita Navarro, e Milena Mussoi, que me acompanharam neste processo da pesquisa, sempre me apoiando e me incentivando a prosseguir. Grata também à minha mãe Oxum que pelos seus caminhos de força e amor me sustentou até aqui, me ajudando à ressignificar minha espiritualidade e desestabilizar os dispositivos de controle religiosos em mim!

RESUMO

A pesquisa reflete sobre os dispositivos de poder nas relações de ensino-aprendizagem em dança que ocorrem no deslocamento das aulas presenciais para as remotas, no contexto da pandemia da SARS-CoV-2 (Covid-19) (2020-2021), e as possíveis implicações no corpo discente de alunos de turmas do 6.º ao 9.º anos, do Ensino Fundamental II, da rede privada do Paraná. A hipótese é a de que há uma crescente falta de interesse, por parte dos estudantes, de mobilizar o corpo em diferentes amplitudes e deslocamentos pelo espaço, dada as relações que se estabelecem pelo e no aumento do uso de dispositivos digitais online em várias instâncias da vida, principalmente com o deslocamento para aulas remotas, a partir da crise sanitária. O aporte teórico perpassa pelos conceitos de sujeição dos corpos (FOUCAULT, 2009; 2014), Biopolítica (LEMKE, 2018a) e espaços heterotópicos (FOUCAULT, 2003; 2013) em articulação com a teoria Corpomídia (KATZ; GREINER, 2005) e as possíveis relações entre tecnologia e cognição (CLARK, 2003; 2008). A metodologia se baseia na revisão bibliográfica dos autores mencionados e no método exploratório de questionários com professores da rede privada das turmas de 6.º ao 9.º ano do ensino fundamental II, nas cidades de Guarapuava, Ponta Grossa, União da Vitória, Colombo, e Curitiba, no estado do Paraná. Como resultados destacam-se alguns fatores como o espaço, a timidez, a presença da câmera e dos familiares que colaboraram para a transformação do movimento corporal no ambiente remoto.

Palavras-chave: Corpo. Dança. Dispositivos de controle. Ensino remoto.

ABSTRACT

The research reflects over the power devices on dance teaching-learning relationships occurring during the shift from face-to-face to remote classes in the context of the SARS-CoV-2 (Covid-19) pandemic (2020-2021), and the possible implications for students of 6th to 9th grade in elementary school classes in Paraná state private school system. The hypothesis is that there is a growing lack of interest, on the part of students, to mobilize their bodies in different amplitudes and displacements through space, given the relationships that are established by and in the increased use of online digital devices in various instances of life, especially with the shift to remote classes, starting from the health crisis. The theoretical support goes through the concepts of subjection of bodies (FOUCAULT, 2009; 2014), Biopolitics (LEMKE, 2018a) and heterotopic spaces (FOUCAULT, 2003; 2013) articulating with Corpomedia theory (KATZ; GREINER, 2005) and the possible relationship between technology and cognition (CLARK, 2003; 2008). The methodology is based on bibliographical review of the aforementioned authors and on the exploratory method of questionnaires with private school teachers of elementary school II 6th to 9th grade classes, on the cities of Guarapuava, Ponta Grossa, União da Vitória, Colombo, and Curitiba, in Paraná state. The results highlight some factors such different body and space relations, shyness, the presence of the camera and family members, all of which interfered to the body movement transformation in a remote environment.

Keywords: Body. Dance. Control devices. Remote teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Quantidade de tempo de trabalho como docentes em Arte e (ou) Dança em escolas do ensino fundamental II.....	76
Gráfico 2 - Relatos dos estudantes em relação à transição do ensino remoto para o presencial.....	79
Gráfico 3 - Transição para docentes e o ensino da dança.....	81
Gráfico 4 - Aspectos mais evidentes da movimentação corporal dos estudantes, presentes nas aulas de dança presencial.....	84
Gráfico 5 - Como a relação do corpo com o ambiente online interferiu na movimentação corporal.....	86
Gráfico 6 - Percepção da atuação de dispositivos de poder ainda na sala presencial, antes da transição.....	88
Gráfico 7 - Percepção dos docentes da câmera enquanto dispositivo.....	90

LISTA DE SIGLAS

AVA	- Ambiente Virtual de Aprendizagem
AVC	- Acidente Vascular Cerebral
CIPEAD	- Coordenadoria de Integração de Políticas de Educação à Distância
DNA	- Ácido Desoxirribonucleico
EAD	- Ensino a Distância
ERE	- Ensino Remoto Emergencial
ESPII	- Emergência de Saúde Pública de importância Internacional
EUA	- Estados Unidos da América
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LDBEN	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
NSDAP	- <i>Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei</i>
OMS	- Organização Mundial da Saúde
OPAS	- Organização Pan-Americana da Saúde
SEED	- Secretaria de Educação à Distância
UBS	- Unidades Básicas de Saúde
UNESPAR	- Universidade Estadual do Paraná
UNICENTRO	- Universidade Estadual do Centro-Oeste

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	DISPOSITIVOS DE PODER E BIOPOLÍTICA: NOVAS RELAÇÕES EM DANÇA ESCOLAR REMOTA	16
2.1	DISPOSITIVOS DE PODER.....	16
2.2	SUJEIÇÕES ATRAVÉS DE NOVAS DISCIPLINAS DO CORPO.....	20
2.3	ESPAÇO, DISCIPLINA E DANÇA: CONFORMAÇÕES NO ENSINO	26
2.4	CONTEXTOS, OUTROS ESPAÇOS E O CONCEITO DE HETEROTOPIA.....	30
2.5	BIOPOLÍTICA	34
3	TECNOLOGIA E COGNIÇÃO NO AMBIENTE ONLINE DE APRENDIZAGEM	46
3.1	TECNOLOGIA E COGNIÇÃO	46
3.2	ENSINO REMOTO E AMBIENTE.....	51
3.3	CORPO AMBIENTE E DISPOSITIVOS DE PODER	55
3.4	TRANSFORMAÇÕES NAS RELAÇÕES ESCOLARES EM ENSINO REMOTO	56
3.5	AMBIENTES ONLINE DE ENSINO: ENSINO EAD X ENSINO REMOTO EMERGENCIAL.....	60
3.6	CONTEXTO DA CRISE SANITÁRIA.....	64
3.6.1	O ambiente escolar no contexto de crise sanitária	68
4	UM OLHAR ESPECÍFICO PARA O ENSINO REMOTO	70
4.1	QUESTIONÁRIO - DISCUSSÃO A PARTIR DE DADOS LEVANTADOS JUNTO A PROFESSORES DE COLÉGIOS PRIVADOS DE GUARAPUAVA, PONTA GROSSA, UNIÃO DA VITÓRIA, COLOMBO E CURITIBA, DO ENSINO FUNDAMENTAL II, SOBRE DISPOSITIVOS DE CONTROLE E MUDANÇAS, DO MOVIMENTO CORPORAL FRENTE ÀS TELAS	73
4.2	QUESTIONÁRIO: CATEGORIA RELAÇÃO COM A DANÇA.....	74
4.3	QUESTIONÁRIO: CATEGORIA TRANSIÇÃO PARA DOCENTES E O ENSINO DA DANÇA.....	76
4.3.1	Acessibilidade por meio de vídeo	77
4.3.2	O espaço na transição para as aulas remotas.....	80

4.4	CATEGORIA MOVIMENTO CORPORAL.....	82
4.5	CATEGORIA DISPOSITIVOS DE PODER.....	87
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
	REFERÊNCIAS	98
	APÊNDICE – QUESTIONÁRIO	103

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como objeto de estudo os dispositivos de poder e suas implicações no corpo em relações de ensino-aprendizagem em dança remota. O interesse se deu a partir da atuação desta pesquisadora no ambiente escolar, como professora de arte do ensino fundamental II da rede privada, na cidade de Guarapuava, no Paraná. A partir da crise sanitária do vírus SARS-CoV-2 (Covid-19), instaurada em março de 2020, e que culminou, também, no deslocamento das relações de ensino-aprendizagem presenciais para ambientes *online*, através das aulas remotas, despertou-se o desejo pela observação e investigação sobre as relações educacionais que permanecem e (ou) se atualizam e (ou) emergem, bem como suas reverberações no movimento do corpo discente.

Ressalta-se que a formação desta pesquisadora se deu através do curso de Licenciatura em Arte pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) e que sua atuação na rede privada acontece na abordagem não só de conteúdos relacionados à linguagem artística da dança, mas também na explanação e ensino das outras linguagens componentes da área de conhecimento Arte.¹ A contratação de apenas um professor para abordar todas as linguagens artísticas, ainda é uma ação comum tomada não apenas em colégios da rede privada como em instituições públicas de ensino.

Na realidade do ensino privado normalmente é apresentado o conteúdo pela adoção de livros didáticos que orientam a prática docente e os conteúdos ali apresentados devem ser cumpridos de forma integral. Devido a aproximação da pesquisadora com a linguagem artística da dança, quando o conteúdo desta linguagem é abordado pelo material didático, têm-se o desejo de ampliar a abordagem do conteúdo para além da imposição do ensino de danças sob parâmetros eurocêntricos, a fim de aproximar aspectos do cotidiano dos estudantes, trazendo outras referências sob uma perspectiva contemporânea.

¹ Entende-se aqui que a Arte é como campo de conhecimento composto de quatro linguagens principais: Artes visuais, Dança, Teatro e Música, conforme exposto no documento das diretrizes curriculares da educação básica do Paraná (GOVERNO DO PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes curriculares da educação básica: arte.** Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_arte.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2021).

Como objetivo principal da presente pesquisa, observa-se o contexto das atividades escolares no ensino remoto para pensar possíveis transformações do e no corpo do discente e, se de alguma maneira, elas reforçam e atualizam os dispositivos de controle no contexto do ensino formal. Interessa-se em perceber se os dispositivos de poder atuais contribuem para uma possível docilização dos corpos, no sentido de serem direcionados a corporalização de determinadas condutas, destacando-se a restrição das possibilidades criativas do corpo em movimento. A hipótese é a de que há uma crescente falta de interesse, por parte dos estudantes, de se movimentar, isto é, de mobilizar criativamente o corpo em grandes amplitudes e deslocamentos pelo espaço.

Em função disso, reflete-se em que medida uma possível falta de motivação para se mover está relacionada com um tipo de interação que passa a se dar em dispositivos online para as relações de ensino-aprendizagem em ambiente remoto, em detrimento de uma interação que antes se dava, especialmente em escolas de ensino fundamental, por meio da presença face a face com a comunidade escolar.

Como parte da metodologia, apoia-se em uma pesquisa bibliográfica embasada em conceitos apresentados por Michel Foucault sobre a sujeição dos corpos através de dispositivos de poder e das definições sobre espaço, mais especificamente, as heterotopias, para entender a resignificação dos espaços enquanto meios de controle e docilização. Para aprofundar a reflexão, estuda-se os conceitos de "dispositivo" de Giorgio Agamben (2009) e "biopolítica" através de Thomas Lemke². A teoria corpomídia de Helena Katz e Christine Greiner (2005) contribui para o entendimento de corpo e sua relação com o ambiente em processos contínuos de co-afetações, modificando percepções de mundo e, conseqüentemente, maneiras de se mover, estar e ocupar espaços. A reflexão desenvolvida pelo teórico Andy Clark (2008) sobre as relações intrínsecas entre tecnologia e cognição, de maneira a construir sistemas distendidos que irão atuar de forma dinâmica e complexa no ambiente, contribuem para a noção de transformações do e no corpo que ocorrem em situações de aulas remotas em dança escolar.

A pesquisa desenvolve-se, também, a partir de ações experimentais, como a realização de um questionário semiestruturado aplicado a professores da rede

² Professor de sociologia com foco em "biotecnologia, natureza e sociedade" na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Goethe e professor honorário na Universidade de New South Wales, em Sydney (SANTOS; CARVALHO LIMA; LEMKE, 2017).

privada do Ensino Fundamental II, do sexto ao nono ano, nas cidades de Guarapuava, Ponta Grossa, União da Vitória, Colombo, e Curitiba, no estado do Paraná. A referida metodologia contribui para uma melhor compreensão sobre relação do corpo em ambientes de aprendizagem online e o fenômeno da crescente não movimentação corporal frente às telas. O intuito da criação e aplicação deste questionário é investigar quais os possíveis dispositivos de poder do e no corpo permanecem nos ambientes de aprendizagem online e, como eles estão transformando os corpos dos estudantes de um ambiente de sala de aula presencial para salas de aula online.

Justifica-se a realização da presente pesquisa, em especial, em virtude da escassez de estudos e informações sobre a análise de um fenômeno em curso e que reverbera em tensões no contexto escolar. E, também, pela urgência e importância de se investigar sobre novos dispositivos de poder e disciplinarização dos corpos em ambiente remoto de ensino, assim como sobre a necessidade de se pensar em políticas de resistência pela e na dança em processos de ensino-aprendizagem em ensino formal.

Para estruturação dos quatro capítulos parte-se, primeiramente, da discussão sobre a definição dos dispositivos de poder (AGAMBEN, 2009); FOUCAULT, 2003) em diálogo com a discussão sobre espaços (FOUCAULT, 2013). O espaço para Foucault, representa um conjunto de relações que definem o que ele classifica como "posicionamentos" e que podem ser classificados em duas categorias: utopias e heterotopias. A primeira se refere aos posicionamentos sem lugar real (físico), ou que possuem um conjunto de relações que não podem ser identificadas com nenhuma localização real. A segunda trata de lugares reais, mas que trazem consigo um conjunto de relações que caracterizam o espaço de uma maneira que vai além da realidade da localização. Logo na sequência, apresenta-se estudos que atualizam o conceito de dispositivos de poder, através de Thomas Lemke, ao se debruçar sobre a noção de biopolítica que está relacionada às transformações da sociedade, sob regime capitalista, para manter as relações de poder no e do corpo em todas as esferas da vida de cada indivíduo.

No segundo capítulo, apresenta-se a relação entre tecnologia e cognição, a partir dos estudos de Andy Clark (2003; 2008), para entender acerca das transformações do corpo pelo e no uso de alguns aparatos tecnológicos, de modo a alterar a percepção e os modos de interação com o entorno. A partir disto se faz necessário trazer o entendimento de corpo de acordo com os estudos de Christine Greiner e Helena

Katz (2005) sobre a teoria corpomídia em que as autoras discorrem sobre a ideia de corpo como um conjunto de informações em constante transformação, de maneira a ser mídia de si mesmo. O corpo nunca é, no sentido de um sistema fechado e concluído, ao contrário, ele está sempre sendo, ou seja, se modificando. Sob este viés, reflete-se sobre possíveis mudanças do corpo em relações de ensino aprendizagem remotas, de maneira que torna-se relevante a compreensão das diferenças entre os termos "aula remota" e ensino a distância (EAD), para aprofundar as reflexões dos novos desafios impostos pelo contexto da pandemia da Covid-19 em ambiente escolar.

No terceiro capítulo, apresenta-se os dados de uma pesquisa exploratória por meio de elaboração de um questionário desenvolvido com professores de colégios privados do ensino fundamental II, visando levantar informações e aspectos que ocorrem durante o período de transição entre as aulas presenciais a partir de meados de março de 2020 e as aulas e atividades remotas, desde então. O questionário se volta para reflexões sobre o comportamento e disposições corporais dos estudantes e sobre a hipótese que se levanta sobre o fenômeno da redução de movimentação dos estudantes frente às telas. Pretende-se observar e compreender algumas modificações do movimento do corpo dos estudantes, durante as aulas remotas, para tecer uma rede de reflexões sobre as relações de ensino-aprendizagem em dança online.

Por fim, apresenta-se, no capítulo quatro, as considerações e reflexões sobre a análise de dados levantados, atendo-se às possíveis modificações e (ou) transformações dos e nos corpos dos estudantes, em relação ao movimento, nestas relações de ensino aprendizagem remotas.

2 DISPOSITIVOS DE PODER E BIOPOLÍTICA: NOVAS RELAÇÕES EM DANÇA ESCOLAR REMOTA

O presente capítulo é uma articulação dos conceitos de dispositivo de poder e biopolítica com o fenômeno de deslocamento de ambientes de ensino presencial de dança para o *online* com ênfase nos aspectos de regulação da vida dos indivíduos, em especial no que concerne ao movimento do corpo. Percebe-se um conjunto de mecanismos de intervenção e cerceamento governamental e também na esfera da administração e gerenciamento dos colégios que conduz o sistema escolar a operar de determinados modos e que ocasionam impactos nos processos educacionais em sala de aula. Para tanto, torna-se necessário focar, aqui, um breve estudo sobre o conceito de dispositivo, em linhas gerais, que ocorrem desde a discussão proposta por Michel Foucault até as mais recentes, sobre biopolítica, por meio da problematização proposta por alguns pensamentos contemporâneos.

2.1 DISPOSITIVOS DE PODER

A palavra dispositivo (AGAMBEN, 2009) se refere a um termo recorrente nos estudos de Michel Foucault, sendo que Agamben, na obra *O que é contemporâneo e outros ensaios*, dedica um capítulo para discorrer sobre sua origem e significados, ao longo dos séculos. Antes de destacar qualquer definição, o supracitado autor adianta que o próprio Foucault não chegou a criar uma definição específica de dispositivo, havendo um registro de uma aproximação mencionada em uma entrevista que o teórico francês deu em 1977.³ Nela, Foucault (2003) apresenta o conceito de dispositivo e, apesar de não encontrarmos na bibliografia do filósofo francês, como destaca Agamben (2009), exemplos específicos sobre dispositivo, alguns filósofos e historiadores afirmam que é possível elencar cinco características principais a partir da pesquisa foucaultiana e que serão apresentados a seguir.

A primeira característica do dispositivo é que ele é um conjunto heterogêneo de elementos, saberes, poderes, coisas ditas e não ditas. A segunda, pressupõe que o dispositivo está sempre inscrito em jogos de poder, ou, como Foucault classifica (AGAMBEN, 2009, p. 29), as governamentalidades se configuram como o governo

³ A entrevista está disponível na obra: **Ditos e escritos**, v. 3, p. 411-422, 2003.

dos outros, o governo dos vivos, o governo dos corpos e de todos saberes e poderes que configuram o processo de subjetivação.⁴

A terceira característica de dispositivo diz respeito à função de responder a uma urgência, que se relaciona principalmente a acontecimentos históricos, como por exemplo, com a instauração da revolução industrial e o surgimento das fábricas, dispositivos de poder foram criados para diferenciar o corpo do trabalhador que deveria estar passivo as más condições de trabalho ofertadas e ágil para que a produção acontecesse, gerando cada vez mais lucro. A repetição de uma mesma ação, no modelo de produção em série, a separação dos trabalhadores para evitar conspirações e greves, e a crescente redução de movimentação do corpo durante a jornada de trabalho são alguns dos dispositivos criados.

A quarta característica é que sempre apresentam uma configuração, ou seja, uma materialidade, que irá propor limites inclusive ao próprio poder, porém, sempre enquanto uma barreira "porosa" sujeita a reconfigurações conforme a terceira característica que diz respeito a uma resposta a uma urgência. Com a propriedade de se reconfigurar, o dispositivo apresenta, então, sua quinta característica, já que se trata de um conjunto heterogêneo, os dispositivos nunca são fixos.

A partir destas propriedades apresentadas por Foucault (apud AGAMBEN, 2009, p. 28-29) Agamben começa a questionar o caminho do filósofo francês para desenvolver o conceito de dispositivo e, com isso, se volta para o estudo da genealogia desta palavra. Nesta investigação Agamben (2009) retoma publicações anteriores de um professor de Foucault, Jean Hyppolite (1907-1968), a exemplo dos textos de *Introdução à filosofia da história de Hegel*, de 1948. Agamben (2009) explica que no terceiro capítulo de seu ensaio, Hyppolite, investiga o termo positividade advindo da religião cristã. A partir da análise dos estudos de Hegel por Hyppolite, Agamben (2009) percebe a positividade como um elemento histórico composto com todas as regras, ritos e investigações impostas aos seres humanos por um poder externo, mas que, como é percebido por Hegel e descrito por Hyppolite, esse elemento histórico acaba sendo interiorizado no sistema das crenças e dos sentimentos dos indivíduos.

Partindo dessa perspectiva, é como se o corpo não pudesse impedir que mecanismos ou dispositivos externos de poder exercessem controle através desta

⁴ Entende-se subjetivação aqui, como a relação que o sujeito tem consigo mesmo e como essa relação é transformada por discurso verdadeiro, a partir das discussões apresentadas por Michel Foucault no curso intitulado *Subjectivité et Vérité*, de 1981 (FOUCAULT, 2016, p. 6-240).

internalização de regras sistematizadas. Essas regras impostas pelas práticas vão gerando um condicionamento do corpo, ao longo do tempo, pelo qual aprende a responder por assimilação e, conseqüentemente, perde autonomia.

Segundo Agamben (2009), essa análise de Hyppolite é retomada por Foucault, que se apropria do termo positividade para utilizar em suas observações sobre as relações de poder estabelecidas pelas instituições, pelas regras criadas e impostas na sociedade nos processos de subjetivação dos seres. Mas diferente de Hegel, ao se apropriar do conceito de positividade, em seu estudo, Foucault não deseja com isso algum tipo de 'reconciliação', como destaca Agamben (2009) entre o elemento positividade e a relação dos indivíduos, mas a análise foucaultiana deseja investigar quais os modos existentes que essas positivities, ou que mais tarde Foucault classifica como dispositivos, atuam nos mecanismos de poder.

Assim, o termo dispositivo constitui todo o tipo de tecnologia de poder na sociedade moderna, a exemplo da preocupação na organização urbanística das cidades, logo no início da era moderna, com a criação de clínicas psiquiátricas e hospitais afastados das áreas centrais, com intuito de separar os corpos que não eram considerados produtivos e, assim, de alguma forma fugiam do padrão imposto. Sob este entendimento, é possível relacionar-se às tecnologias digitais presentes na sociedade contemporânea e que possibilitam que qualquer cidadão esteja suscetível à vigilância dos sistemas eletrônicos presentes em espaços públicos e privados. Como destaca Santos (2015, p. 175):

As recentes tecnologias digitais ampliam o controle e a vigilância a patamares inimagináveis. Possibilitam a coleta e o armazenamento de dados e informações que geramos, muitas vezes sem o nosso consentimento. Há um olhar onipresente que dissipa quase que imperceptivelmente o controle social.

Os dispositivos permitem que o poder seja exercido não apenas em uma esfera macro como também esteja presente nas micro esferas da sociedade reforçando o controle sobre processos de subjetivação. Contudo, Agamben (2009), ao desejar ir além em seus estudos, se questiona como a apropriação do conceito hegeliano de positividade deu origem ao termo moderno de dispositivo como um conjunto heterogêneo com finalidade de fazer frente a uma certa urgência a fim de se obter um efeito imediato. Agamben (2009), responde a esse questionamento, a partir da apresentação do termo teológico *oikonomia*, criado, ainda nos primeiros séculos de organização da

igreja católica, para resolver a questão da Trindade.⁵ Este conceito suscitou polêmica para alguns membros da comunidade eclesial, que acreditavam que a classificação trina da figura divina poderia gerar uma reabertura do politeísmo. Dessa maneira, alguns pais⁶ da igreja recorreram ao conceito de *oikonomia*, a fim de resolver o problema. Neste conceito, quanto à organização e administração do mundo e de sua casa (igreja), Deus é trino (pai, filho e espírito santo), entretanto, quanto a sua substância ou matéria ele permanecia uno. Como destaca Agambem (2009, p. 36-37):

[...] Como um bom pai pode confiar ao filho o desenvolvimento de certas funções e de certas tarefas, sem por isso perder o seu poder e a sua unidade, assim Deus confia a Cristo a 'economia', a administração e o governo da história dos homens. O termo *oikonomia* foi assim se especializando para significar de modo particular a encarnação do Filho e a economia da redenção e da salvação [...] Os teólogos se habituaram pouco a pouco a distinguir entre um "discurso – ou logos – da teologia" e um "logos da economia", e a *oikonomia* torna-se assim o dispositivo mediante o qual o dogma trinitário e a ideia de um governo divino providencial do mundo foram introduzidos na fé cristã.

Pode-se perceber, gradativamente, como o dogma da Trindade e do governo divino foram estabelecidos como a origem da palavra dispositivo. No século III, no governo de Clemente de Alexandria, a noção de providência já era um significado associado à ideia de *oikonomia* e a tradução deste termo nos escritos latinos é "*dispositio*". Assim:

Os dispositivos de que fala Foucault estão de algum modo conectados com esta herança teológica, podem ser de alguma maneira reconduzidos à fratura que divide e, ao mesmo tempo, articula em Deus ser e práxis, a natureza ou essência e a operação por meio da qual ele administra e governa o mundo das criaturas (AGAMBEM, 2009, p. 38).

Dessa maneira, percebe-se que o termo dispositivo vai classificar toda ação feita como atividade administrativa sem fundamento no indivíduo, ou seja, toda ação governamental acontece não alicerçada no indivíduo, mas impõe a ele um poder

⁵ Dogma cristão que proclama a união de três pessoas distintas, Pai, Filho e Espírito Santo, formando um só Deus (TRINDADE. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/trindade/>>. Acesso: 26 fev. 2021).

⁶ Os pais da igreja foram padres, teólogos e bispos que alcançaram destaque pelos estudos feitos na igreja cristã primitiva, entre os séculos II e VII d.C. (PORFÍRIO, Francisco. Patrística. **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/filosofia/patrística.htm>>. Acesso em: 27 fev. 2021)

externo. Como consequência desta imposição o dispositivo vai inclusive produzir um sujeito, já que se trata de uma atividade de governo sem fundamento no ser.

Através das regras e sistemas exteriores criados, são impostos sobre os sujeitos comportamentos e obrigações expostas como verdades que devem ser corporalizadas por eles e, por consequência, transformarão a percepção sobre si e sobre os outros. Pode-se refletir, então, que a proliferação dos dispositivos, fruto das transformações econômicas e sociais da sociedade globalizada não fez com que estes mecanismos de poder desaparecessem ou perdessem a força de alcance, ao contrário, os dispositivos se reajustam as mudanças sociais para captar mais efetivamente os seres.

As reconfigurações da sociedade ao longo dos séculos fazem com que os dispositivos se ajustem constantemente para continuar exercendo poder sobre os corpos. A partir deste entendimento, essa pesquisa se pauta na compreensão de que no ensino remoto permanece a manutenção, bem como a geração de outros dispositivos a fim de que o poder de várias esferas da sociedade continue sendo exercido sobre os corpos dos indivíduos. Na observação das aulas remotas é possível perceber a existência de reajustes dos dispositivos e até as plataformas digitais que evoluem e se alteram para reforçarem aspectos de controle já existentes nas aulas presenciais.

Ao considerar que a sala de aula também produz dispositivos para criar e reforçar alguns comportamentos, bem como prioriza ações relacionadas ao exercício mental em detrimento de ações corporificadas, questiona-se como se dão as transformações na mobilidade corporal dos estudantes em situação de ensino remoto. Quais serão as consequências para o corpo deste discente que pode entender o ambiente escolar como um espaço para pouca mobilidade?

2.2 SUJEIÇÕES ATRAVÉS DE NOVAS DISCIPLINAS DO CORPO

Pensar sobre a sujeição dos corpos através da disciplina, é relevante, pois esta pesquisa trata de observar alguns dispositivos de controle deslocados da sala de aula presencial para as aulas remotas, no contexto dos processos de ensino-aprendizagem em dança. Para Foucault (2014) os mecanismos da opressão e manutenção do poder foram vistos a partir da ação dos dispositivos sobre os corpos. No capítulo intitulado *Corpos Dóceis*, do livro *Vigiar e Punir* (2014), Foucault analisa como, ao longo dos séculos, o gesto foi sendo decomposto e moldado por meio do

estabelecimento de instituições como hospitais, escolas, quartéis, fábricas, a fim de se produzir corpos úteis, que produzissem sem questionar.

Nesse sentido, para Foucault (2014, p. 134), classifica-se como dócil, "um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado". De acordo com seus estudos, todos os corpos que fazem parte das redes de poder devem ser docilizados. E com a ascensão da burguesia⁷ e a consolidação do capitalismo⁸, por meio da globalização⁹, todos os corpos acabam sujeitos a essas redes nos diversos segmentos da vida. Para Foucault (2014), o poder não se localiza em uma determinada instituição, como o Estado, mas nas relações de força, uma vez que o poder se constitui como uma espécie de rede de relações, em que todos os indivíduos estão envolvidos, e, ora são geradores desse poder, ora são receptores (BRÍGIDO, 2014, p. 56).

A rede de relações permite que o poder se instaure em todas as esferas da vida e, conseqüentemente, permite o ajuste e operação dos dispositivos sobre os corpos. Pode-se observar as relações de poder efetuadas no espaço escolar, por exemplo, no qual as funções exercidas por cada pessoa neste ambiente, pode ser supervisionada: a equipe de direção estabelece regras para a equipe de coordenação e esta por sua vez apresenta as regras e planos de ação para a equipe de docentes, e estes, por sua vez, aplicam as regras sobre seus discentes.

Neste sentido, ocorre um processo que investe para que as pessoas sirvam melhor a sociedade, por meio de práticas de treinamentos disciplinadores aversos a questionamentos ou subversões. O corpo deve atender ao modelo de sociedade que tem como foco a produção e o lucro. Assim, o corpo deve ser ágil e flexível, mas,

⁷ Conceito criado a partir do século XIX para se referir a classe social que assumiu o protagonismo decisivo nas grandes revoluções políticas modernas. A burguesia, entre outras coisas, conseguiu, aos poucos, subverter o modelo político e econômico montado pelo Estado Absolutista, que vigorou entre os séculos XVI e XVIII, substituindo pelo modelo mercantilista que cerceava a livre iniciativa econômica (FERNANDES, Cláudio. O que é burguesia? **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilestola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-burguesia.htm>>. Acesso em: 06 mar. 2021).

⁸ Sistema em que predomina a propriedade privada e a busca constante pelo lucro e pela acumulação de capital, que se manifesta na forma de bens e dinheiro. Apesar de ser considerado um sistema econômico, o capitalismo estende-se aos campos políticos, sociais, culturais, éticos e muitos outros, compondo quase que a totalidade do espaço geográfico (PENA, Rodolfo F. Alves. O que é capitalismo? **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilestola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-capitalismo.htm>>. Acesso em: 06 mar. 2021).

⁹ Termo frequentemente empregado para descrever a atual conjuntura do sistema capitalista e sua consolidação no mundo. Na prática, ela é vista como a total ou parcial integração entre as diferentes localidades do planeta e a maior instrumentalização proporcionada pelos sistemas de comunicação e transporte (PENA, Rodolfo F. Alves. O que é globalização? **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilestola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-capitalismo.htm>>. Acesso em: 06 mar. 2021).

acima de tudo, obediente e produtivo, por meio de regras de conduta, preceitos que caracterizam e estimulam ideais como normativos e, aceitáveis.

Foucault (2014) também destaca que a disciplina o coloca como peça de um sistema, importando, assim, o lugar que este corpo exerce a tarefa a ser cumprida, para que todo o sistema funcione de uma determinada maneira e a serviço do aparelho estatal. Dessa maneira, tira-se o protagonismo do corpo, em sua potência de liberdade, em prol de uma rede disciplinadora com propósito de treiná-lo para servir toda a máquina multissegmentar em que o objetivo é a ação conjunta para busca de um melhor rendimento do indivíduo, a fim de que este gere lucro para o sistema. Este treinamento utiliza-se do tempo para padronizar, ajustando o tempo "de uns e de outros" para se obter produtividade através da extração máxima das forças de cada indivíduo.

Entende-se, portanto, que é para controlar o corpo e treiná-lo para ser controlado que se estabelece a disciplina como um meio e finalidade. Foucault (2014, p. 135) descreve como "disciplina", os métodos que possibilitam o controle detalhado das ações que "realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade".

Neste momento da escrita, traz-se o exemplo da virtuosidade na dança, alcançada por métodos que permitem o controle e a imposição de forças externas sobre o corpo e podem ser observados na prática da dança, assim como, a partir do *ballet* de corte, por exemplo, o treinamento corporal se sobrepôs à liberdade dos indivíduos de explorar movimentações a fim de impor um padrão de dança no palco, no período absolutista.¹⁰ A questão do treinamento será levada a níveis extremos, não somente no *ballet* clássico, mas também em outros tipos de práticas corporais, como a ginástica olímpica. Esse vigor físico levado ao extremo pode ser relacionado à presença do poder penetrando cada vez mais as ações das pessoas em algumas práticas de vida.

Além de algumas práticas corporais que são levadas a extremos, pode-se também destacar a sala de aula como um ambiente promotor de disciplina e mantenedor de dispositivos de poder, onde há o reforço de movimentações corporais que disciplinam

¹⁰ Forma de governo muito comum na Europa entre os séculos XVI e XIX e defendeu a teoria do poder absoluto do rei sobre toda a nação (SILVA, Daniel Neves. O que é absolutismo? **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-absolutismo.htm>>. Acesso em: 06 mar. 2021).

gradativamente a redução da capacidade de se mobilizar e de se posicionar frente a situações e em troca de gestos repetitivos, associados à obediência e passividade. A noção de bom comportamento ainda é associada a não movimentação dos corpos, mesmo em ambientes educativos que não utilizam a configuração em fileiras, um corpo que não se movimenta muito ao decorrer das explanações, geralmente, é um corpo visto como exemplo a seguir.

Além disso, a repetição de pequenos gestos como a permissão do corpo para se levantar e sair da sala para no momento do intervalo ou deixar o ambiente no final da aula, bem como a repetição dos gestos de sentar e levantar – normalmente no mesmo lugar – de frente para a lousa, contribui para a redução de possibilidades de movimentação neste ambiente. Novamente ressalta-se que há o reforço da crença de aquisição de conhecimento apenas através do exercício mental de assimilação do que está sendo apresentado pelo docente, desconsiderando a ação cognitiva corporalizada. A mesma passividade e obediência que será exigida no quartel, nas fábricas, nas igrejas e em outros setores da sociedade moderna¹¹ se replica nas salas de aula e escolas, pela configuração dos espaços, ao andar pelos corredores, ao ser informado por um sinal que apita entre outros fatores. Assim, o corpo se disciplina, conhece e internaliza o modo de contenção do gesto, acatando a lógica do dispositivo da disciplina.

É possível pensar que a disciplina trabalha com a redução funcional do corpo, ou seja, é necessário reduzir e padronizar que tipo de movimentação pode ser executada pelos corpos a fim de gerar rentabilidade. Para constituir uma 'máquina eficiente', algumas 'maneiras' são adotadas: a individualização do corpo como um elemento de uma grande engrenagem; o ajuste do tempo como mecanismo de extração máxima de força e energia desse corpo dócil; e, finalmente, a criação de um sistema de sinais que 'eduque' o corpo a responder prontamente tornando-o obediente ao mínimo sinal e gesto.

O corpo do estudante pode servir melhor ao sistema ao criar-se um repertório de conduta corporal e verbal na sala de aula e decorar os conteúdos para sua futura

¹¹ Sociedade desenvolvida a partir dos acontecimentos posteriores a Revolução Francesa, Iluminismo e Revolução industrial e que trouxeram como principais características o racionalismo, a construção do conhecimento científico através da análise, síntese e a enumeração, o afastamento do teológico, a busca pela ordem –categorizando o que é aceitável e o que é repulsivo e a busca pelo progresso

inserção no mercado de trabalho. Comumente, na sala de aula, ao invés da autonomia, incorre-se a imposição de comportamentos que repliquem padrões estabelecidos. O ajuste do tempo também é feito nos corpos dos estudantes, já que eles devem permanecer muitas horas sentados para aprender o conteúdo das disciplinas. Mesmo que muitas práticas repetidas já tenham sido abandonadas, ainda permanece a ideia de que um corpo útil no ambiente escolar é um corpo que não se movimenta muito, pois movimentos espontâneos ainda são associados a mau comportamento e desobediência.

[...] a idéia do não-movimento como conceito de bom comportamento prevalece. Muitas escolas aboliram as filas e os demais símbolos de respeito a diretores e professores; no entanto, foram criadas outras maneiras de se limitar o corpo. O movimento corporal sempre funcionou como uma moeda de troca. Se observarmos brevemente as atitudes disciplinares que continuam sendo utilizadas hoje em dia nas escolas, percebemos que não nos diferenciamos muito das famosas "palmatórias" da época de nossos avós. Professores e diretores lançam mão da imobilidade física como punição e da liberdade de se movimentar como prêmio. Constantemente, os alunos indisciplinados (lembrando que muitas vezes o que define uma criança indisciplinada é exatamente o seu excesso de movimento) são impedidos de realizar atividades no pátio, seja através da proibição de usufruir do horário do recreio, seja através do impedimento de participar da aula de educação física, enquanto que aquele que se comporta pode ir ao pátio mais cedo para brincar. Estas atitudes evidenciam que o movimento é sinônimo de prazer e a imobilidade, de desconforto (STRAZZACAPPA, 2001, p. 70).

Com o deslocamento para aulas remotas esta redução funcional do corpo pela disciplina parece não ter sido abandonada, ao contrário, parece se manter e ser reforçada, por exemplo, pela redução maior de mobilidade, já que o aluno é estimulado a permanecer muitas horas sentado frente à tela de dispositivos móveis, movimentando apenas mãos e dedos para anotações e digitações. Outra forma de controle é a inserção da câmera na dinâmica da sala de aula, que mesmo já sendo adotada em muitos colégios, a partir das aulas remotas se torna um instrumento de verificação da presença do aluno e do professor na aula.

Com o treinamento e o tempo ajustados, é necessário, ainda, reduzir longas explicações para cada ordem dada assim por meio de um código de sinais, cada corpo pode responder rapidamente a um sinal preestabelecido. Esse mesmo código de sinais estará presente, mais tarde, na relação do corpo com as redes sociais

online através, por exemplo, dos cliques para os *likes*, a fim de facilitar a vida das pessoas, diminuindo o tempo para responder ou reagir a algo.

Por meio da disciplina visa-se obter a obediência corporal de cada indivíduo, gerando, pela repetição, o tipo de comportamento desejado. É interessante destacar, também, que a repetição estará presente no ambiente online, como um facilitador para poupar energia do corpo, clicando apenas no sinal de *like*, ao invés de fazer um gesto com a mão, ou fazer qualquer outro movimento que gosta e que representa que está de acordo. Este fato parece demonstrar que o ensino remoto pode ser utilizado não apenas para permitir mais acesso a informações, mas também como um maior controle.

Novamente no ambiente online é interessante manter os corpos controlados, já que o incentivo a uma maior liberdade corporal reflete na construção de indivíduos que questionam as ordens impostas e o padrão vigente pelo sistema. Ações questionadoras tendem a evidenciar reflexões sobre os dispositivos de poder e sua atuação, abrindo espaço para contestações. Destaca-se que um corpo que se posiciona, normalmente tende a ser entendido pelo sistema como um corpo ameaçador e com comportamentos que devem ser repudiados pelos demais. Mas o repúdio parece, neste caso, ser uma resposta à intimidação que um corpo questionador ocasiona a toda rede de dispositivos do sistema.

Como destaca Fantini (2015, p. 287): "os estudos sobre o poder que Foucault realizou referem-se a toda essa série de poderes cada vez mais tênues, microscópicos, que penetram profundamente os comportamentos cotidianos e os corpos dos indivíduos". Um dos métodos apresentados sobre esta perspectiva da disciplina e dispositivos de controle é o *Lancaster* referente às escolas mútuas.¹² Os alunos eram mantidos todo o tempo ocupados em tarefas diversas, das mais simples até as mais complexas:

Confiam-se primeiro aos alunos mais velhos tarefas de simples fiscalização, depois do controle do trabalho, em seguida, de ensino; e então no fim das contas, todo o tempo de todos os alunos estavam ocupados seja ensinando seja aprendendo. A escola se torna um aparelho de aprender onde cada aluno, cada nível e cada momento, se estão combinados como deve ser, são permanentemente utilizados no processo geral do ensino (FOUCAULT, 2014, p. 162).

¹² Criado por Joseph Lancaster um *quaker* inglês, trata-se de um método que priorizava o ensino ao maior número possível de alunos, com o mínimo de tempo, recurso e qualidade. Utilizava a técnica da repetição e memorização no ensino oral, pois acreditava que esta dinâmica inibia a preguiça, a ociosidade, e aumentava o desejo pela quietude.

A forma do método de *Lancaster* e, mais tarde, os desenvolvimentos dos sistemas educacionais formais demonstram como a disciplina foi e ainda é utilizada, a fim de se alcançar o melhor resultado no âmbito escolar. Neste caso, a disciplina é vista como uma forma de determinar o avanço da educação, entretanto, vale destacar, como apresenta Michel Foucault (2014), que ela não só alterou como produziu padrões de comportamento corporais nas organizações militares e nas escolas, reverberando em todos os setores e espaços da sociedade como nos hospitais, manicômios, entre outros.

É válido ainda ressaltar que, as salas de aulas presenciais de dois anos atrás, em escolas regulares de ensino fundamental na cidade de Guarapuava, por exemplo, ainda mantinham, em 2018, uma configuração de espaço com carteiras enfileiradas com pouco espaço entre e sem incentivo para a ocupação e movimentação corporal. Sabe-se que o sinal tocado para informar o início ou final das aulas nem sempre é mais utilizado assim como a exigência de se tocar e (ou) entoar o hino nacional, mas a disciplina para criar um corpo obediente se manifesta em outros aspectos, como a associação de que um corpo para ser eficiente no ambiente escolar é um corpo mais quieto beirando a passividade e que obedece a uma forma correta para se sentar, se movimentando apenas nos momentos permitidos e mantendo os sentidos atentos e mais fixos para as explicações do conteúdo, a fim de adquirir conhecimento e se tornar um corpo útil para sociedade.

Conforme essa pesquisa articula alguns conceitos como dispositivos e disciplina se levanta a questão sobre o ensino online, pois se percebe que ainda permanecem algumas características do controle exercido desde a implantação do método *Lancaster* na criação das escolas até o presente momento de transição no período de pandemia para as atividades e ensino remoto. No ambiente de aulas remotas se mantiveram a organização das aulas com grades curriculares ou currículos compostos por disciplinas, do mesmo modo, há a permanência de uma hierarquia dos papéis desempenhados por coordenadores, diretores ou supervisores.

2.3 ESPAÇO, DISCIPLINA E DANÇA: CONFORMAÇÕES NO ENSINO

Nos processos disciplinadores, o espaço também deve reforçar a redução funcional do corpo. Foucault (2014, p. 140) descreve como método de individualização espacial a "localização imediata ou quadriculamento" que posiciona cada sujeito em

"seu" espaço. Este método evita a formação de grupos, de aglomerações, e de "pluralidades" já que "o espaço disciplinar tende a dividir em tantas parcelas quanto corpos ou elementos há a repartir".

Essa segmentação chega às salas de aulas das escolas e, em nome da "ordem", cada aluno deve permanecer em um determinado lugar, normalmente em fileiras, mantendo uma postura corporal mais fixa a um lugar apenas e mais rígido e com pouco espaço para se movimentar. Assim, estes espaços representam um local de ordem, predispondo os corpos a uma forma correta para se sentar e se movimentar como o único meio para se tornarem corpos úteis para sociedade.

Atualmente, salas de aula, mesmo quando amplas, ainda são espaços funcionais que expressam e forçam, tanto pela ordem de disposição dos objetos quanto pelas regras de comportamento, a docilidade sobre o mover pelo ambiente e, conseqüentemente, alterar a ordem de objetos dispostos neste ambiente e em busca de uma desierarquização de gênero dentro de um sistema ainda pautado pela lógica androcêntrica e patriarcal., até mesmo, a relação funcional com o mesmo.¹³

Sob este aspecto, considero que nas minhas vivências de estágio e na atuação como docente em turmas do fundamental II e Ensino médio¹⁴ foi possível notar como a dança se mantém vista como uma atividade que deve ser evitada. Os obstáculos para a dança ocorrer quando envolve experimentações corporais, não vem só do espaço reduzido das salas ou da falta de infraestrutura do colégio, mas também de um aparente esforço de coordenadores e de diretores das escolas para que se mantenha a "lógica da ordem", evitando ao máximo, atividades que permitam os alunos se locomoverem mais livremente, emitirem barulhos, estabelecerem conversas e dar risadas durante as atividades e quiçá, moverem as carteiras de lugar para ajustar o espaço para práticas de dança e de movimento.

¹³ Parte-se da seguinte reflexão: como o pátio – local em que se permite movimentações nos intervalos da aula – pode ser também um ambiente para o aprendizado através de experimentações em dança. Ou então, a sala de aula seja não apenas o ambiente para se sentar e manter-se imóvel, mas pode ser o ambiente de descobertas corporais através da dança.

¹⁴ A organização do ambiente escolar brasileiro se baseia na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/9394/96) constituindo a educação básica como ensino infantil, ensino fundamental I e II e ensino médio. Sendo que a educação infantil atende crianças de zero a cinco anos de idade e é obrigatória para crianças de 4 e 5 anos. O ensino fundamental I compreende do 1.º ao 5.º ano, e fundamental II (ou anos finais) compreende do 6.º ao 9.º ano. O ensino médio são os três últimos anos da educação básica.

Pode-se perceber, afinal, como a ideia de um corpo obediente a uma autoridade se relaciona ao constante reforço da disciplina corporal. Esta constante sujeição do corpo e do movimento se relaciona também com o reforço da ideia de que para se dançar é necessário ter um corpo específico com determinadas características como ser magro, ou que necessita, conforme um senso comum, frequentar anos e anos as aulas formais de alguma técnica de dança para se dançar, entre outras coisas. Outra consequência da ação do dispositivo disciplinar sobre os corpos é que os próprios estudantes se tornam resistentes a subverter a ordem imposta pelo espaço escolar ou por um modelo de dança dado como único. Percebendo alguns obstáculos, ao se ter a função de ministrar dança na sala de aula, é necessário muitas vezes que o professor quase não discorra especificamente sobre dança, mas crie outros caminhos para estimular o movimento e a experimentação corporal.

Entende-se, portanto, que há ainda um cenário docilizador, no sentido das regras e da disciplina para se manter o corpo, de alguma maneira mais passivo e mais obediente a um conjunto de regras externas impostas e que tendem a serem corporalizadas pelos indivíduos, não parecendo se construir um panorama estimulante. Com esse conjunto de regras permanece um lugar restrito para o corpo e o movimento corporal havendo docentes de arte que acabam, até mesmo, evitando apresentar o conteúdo da dança em sala, quando este extrapola o limite mais confortável da teoria e da história da dança e quando chega a convidar os estudantes a proporem novas lógicas de movimento corporal. Entretanto, evitar experimentações corporais e a reflexão de que todo corpo pode ser um propositor do movimento não parece ser o melhor caminho para uma educação que forme cidadãos pensantes, críticos e com vivacidade em nossa sociedade.

Pensar no corpo como propositor do movimento foi uma das reflexões desenvolvidas pela professora doutora Rosemeri Rocha da Silva (2013) em sua tese *Uno, Mapa de Criação: Ações Corporalizadas de um Corpo Propositor num Discurso em Dança*. Nesta pesquisa, Silva (2013) discorre sobre a compreensão da não separação entre corpo e mente, entre corpo e o entendimento de corpo, ou seja, parte-se da reflexão de que o processo cognitivo não acontece dissociado da experiência corporal, ao contrário cérebro e corpo estão integrados.

Esse pensamento se relaciona com uma noção de corpo abordada pela educação somática¹⁵ e propõe o entendimento da experiência corporal integrada aos processos mentais, para a construção cognitiva de cada ser. Para se aproximar da definição do conceito de corpo propositor apresentado por Silva (2013, p. 18), é necessário compreender como esta autora entende o significado de propositor, sendo "aquele que apresenta uma proposição ou ideia, que se dá a partir da aproximação com o conceito enação, sobretudo, o que seria uma proposição/sugestão de corpo na dança".

Entende-se o conceito de enação aqui como a compreensão de que toda ação corporalizada não está separada da cognição. Ou seja, como anteriormente descrito, o processo de conhecimento e compreensão de mundo não se dá de forma segmentada entre corpo e mente. Ao contrário, neste processo, a ação entre corpo e mente é integrada. Assim, esta ação é orientada pela cognição e percepção das respostas do indivíduo nessa relação corpo-ambiente. É interessante ressaltar que as respostas de cada indivíduo neste processo cognitivo serão diferentes, já que estarão relacionadas aos processos sensórios motores de cada ser. Ou seja, a ideia de propositor se apresentará como uma proposta de ação corporal conduzida pela percepção e cognição, pois o movimento corporal parte de respostas e reações dos sistemas sensórios motores.

Ainda, há as considerações sobre o corpo conforme desenvolvida por Silva (2013) que entende que os estudantes estão constantemente produzindo novas percepções no ambiente escolar respondendo a essa interação e levando em consideração todos os dispositivos de poder que se manifestam neste espaço e atravessam seus corpos. Com a mudança da sala de aula para o ambiente online parece que essa movimentação corporal continua a ser evitada ou restrita. Um exemplo a se refletir é o fato do corpo estar à frente de uma tela bidimensional tendendo a se movimentar pouco e, sendo pouco requisitado a se mover. Como o indivíduo sente seu corpo? De modo também bidimensional como a tela? Esquecendo-se de outras

¹⁵ O termo nasceu na Europa e América do Norte entre o século XIX e XX, nos anos 1970, a partir do conceito da palavra SOMA – que se refere ao processo de percepção e consciência que cada indivíduo possui acerca de seu próprio corpo-mente. O termo começou a se desenvolver por Thomas Hanna, que publica nos EUA o periódico *Somatics*. Ele reabilita a noção de *soma*, voltando-se para as origens da filosofia grega com Hesíodo, para quem o termo significava *corpo vivo*. Em seguida, o termo *soma* toma outro sentido completamente diferente, pois que *soma* distingue-se progressivamente de *psique* (SILVA, 2013, p. 26).

lógicas e possibilidades de movimentos corporais, tendendo a se manter frontalmente à tela, e sem outros referenciais de como pode se posicionar ou mover?

2.4 CONTEXTOS, OUTROS ESPAÇOS E O CONCEITO DE HETEROTOPIA

A importância do espaço para a disposição dos corpos em salas de aula presenciais e de ensino remoto é discutida na presente pesquisa a partir da reflexão de como este espaço pode ser organizado para a disposição de corpos que estudam em ambientes físicos e presenciais ou online; e de que maneira este espaço reforça a padronização dos corpos pelos dispositivos. Reflete-se também sobre a possibilidade do ambiente educacional ser ressignificado através do conceito foucaultiano de heterotopia.

Michel Foucault (2013) discorreu sobre as possíveis definições de espaços. Há diferentes tipos de espaços e os mesmos não são neutros, existem espaços que são apenas de passagem, lugares fechados em si, locais que se opõe a todos os outros locais, trazendo uma utopia¹⁶ que é localizável. A esta ideia de espaço como uma utopia localizada, Foucault (2013, p. 21) chama de Heterotopia, e a ciência que estuda essa definição de espaço ele denominou de Heterotopologia.

De início, em seu texto *Outros Espaços*, o autor desenvolve sobre como o conceito de espaço se alterou, a partir das mudanças ocorridas, no final da Idade média, que inclui a dessacralização gradativa do espaço entre o sagrado e o profano. É importante ressaltar que, para o autor, essa 'dessacralização' é mais teórica do que prática, já que a sociedade ainda segmenta o espaço ao indicar o espaço para a cultura, contrapondo ao espaço da família; espaço público e espaço privado, espaço de trabalho e espaço de lazer (FOUCAULT, 2003, p. 413). Assim, para o autor, a desmistificação do conceito de espaço se relaciona mais a ampliação do significado teórico, pois ainda temos em nossa sociedade as delimitações físicas separando cada espaço.

Foucault (2003) continua ampliando o significado de "espaço" discorrendo sobre como a sociedade está inserida num espaço heterogêneo, no qual o conjunto de relações que cercam cada indivíduo definem os pensamentos e posicionamentos

¹⁶ Qualquer descrição imaginativa de uma sociedade ideal, fundamentada em leis justas e em instituições político-econômicas verdadeiramente comprometidas com o bem-estar da coletividade (UTOPIA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/trindade/>>. Acesso: 07 mar. 2021).

diferentes, a partir das relações que cada indivíduo estabelece com o mundo, e que desenvolvem posicionamentos igualmente diferentes, visto que:

[...] o espaço no qual vivemos, pelo qual somos atraídos para fora de nós mesmos, no qual decorre precisamente a erosão de nossa vida, de nosso tempo. De nossa história. Esse espaço que nos corrói e nos sulca é também em si mesmo um espaço heterogêneo. Dito de outra forma. Não vivemos em uma espécie de vazio, no interior do qual se poderiam situar os indivíduos e as coisas. Não vivemos no interior de um vazio que se encheria de cores com diferentes reflexos. Vivemos no interior de um conjunto de relações que definem posicionamentos irredutíveis uns aos outros e absolutamente impossíveis de ser sobrepostos (FOUCAULT, 2003, p. 414).

O espaço para Foucault carrega não só a definição física de lugar, mas também um conjunto de relações, e estas relações definem o que o autor classifica como "posicionamentos". Esses "posicionamentos" podem ser classificados em duas categorias: utopias e heterotopias.

A primeira se refere aos posicionamentos sem lugar real (físico), ou que possuem um conjunto de relações que não podem ser identificadas com nenhuma localização real. A segunda categoria trata de lugares reais, mas que trazem consigo um conjunto de relações que caracterizam o espaço de uma maneira que vai além da realidade da localização: heterotopias são "espécies de lugares que estão fora de todos os outros lugares, embora sejam efetivamente localizáveis" (FOUCAULT, 2003, p. 415). Ou seja, são posicionamentos que possuem um lugar real relacionado, porém este local não determina, obrigatoriamente, quais os conjuntos de relações existentes devem ser vistas e criadas neste espaço. As relações desenvolvidas podem ser diferentes da relação que o espaço propõe.

O filósofo utiliza como exemplo metafórico de heterotopias o espelho que, em sua função, apresenta uma imagem irreal refletida, ao mesmo tempo em que, carrega em si uma localização real, já que o objeto espelho se encontra em um espaço localizável. ou seja, mesmo o objeto espelho sendo real e estar localizado em espaço igualmente real, a imagem que é produzida por ele não está em um espaço que não é localizável, que não é real.

No texto *O Corpo Utópico; As Heterotopias* (FOUCAULT, 2013), o autor descreve alguns princípios das Heterotopias. O primeiro deles é que toda sociedade institui as próprias heterotopias e elas são muito diversificadas, se modificando conforme a época e contexto. Como exemplo, ele apresenta como em nossa sociedade até o

século XIX as heterotopias de crise biológica eram mais presentes: o espaço do colégio para rapazes, o espaço do serviço militar, o espaço para as moças na época das regras; ou espaço para que essas fossem violadas em sua sexualidade – sendo um espaço diferente do ambiente em que cresceram. Com o passar dos séculos e manutenção do capitalismo, as heterotopias criadas pela nossa sociedade passam a ser de desvio. É necessário destinar um espaço outro para todo comportamento fora do padrão, assim temos as prisões, clínicas de psiquiatria e casas de repouso.

O segundo princípio descrito por Foucault (2013) é que, assim como as heterotopias podem ser criadas, elas também podem ser destruídas ou transformadas. O exemplo apresentado é do cemitério que até o século XVIII não tinha um valor formal, ficava ao lado da igreja na região central da cidade, sendo o local em que os corpos eram despejados na mesma vala.

A partir do século XIX com a individualização dos corpos, individualiza-se também, os esqueletos, entretanto mesmo cada corpo tendo seu caixão, este é o momento também os indivíduos querem ficar mais longe da morte. Um corpo morto não produz, assim o cemitério deve se deslocar para uma região mais afastada da cidade, por deter a imagem de um espaço de contágio/infecção.

A Heterotopia consegue juntar em um lugar real vários espaços que normalmente seriam antagônicos – este é o terceiro princípio. Teatro e cinema são exemplos deste princípio, além do jardim – que o filósofo afirma ser o exemplo mais antigo:

O tradicional jardim persa é um retângulo dividido em quatro partes que representam os quatros elementos de que o mundo é composto, no meio do qual, no ponto de junção dos quatro retângulos, encontrava-se em espaço sagrado: uma fonte, um templo. E, em torno do centro, toda a vegetação do mundo, toda a vegetação exemplar e perfeita do mundo devia estar reunida. Ora, se considerarmos que os tapetes orientais eram, na origem, reproduções de jardim – no sentido estrito de "jardins de inverno" – compreenderemos o valor lendário dos tapetes voadores (FOUCAULT, 2013, p. 24).

Destarte, a pesquisa em questão percebe o espaço da sala de aula como um espaço heterotópico, que assim como o cinema ou teatro, que em seus quadrados (da tela ou do palco) trazem outros espaços, cenas e pensamentos, a sala de aula, inclusive no formato remoto pode contribuir para a ampliação de conhecimentos e vivências dos estudantes. Partindo da compreensão de que as relações cognitivas acontecem pela integração do corpo e mente, reflete-se como este espaço escolar

pode proporcionar novos posicionamentos que estimulem mais liberdade e autoconhecimento dos estudantes.

No quarto princípio é apresentada a relação das heterotopias com o tempo, elas se ligam de formas diferentes a recortes temporais. Há as heterotopias do tempo quando este se acumula ao infinito – como as bibliotecas e museus que trazem em seu espaço objetos de todos os tempos. E também há as heterotopias ligadas ao modo da festa: como as feiras ou as colônias de férias. Ainda sobre a ideia de recorte de tempo há aquelas heterotopias ligadas à transformação ou renovação, e o maior exemplo são as prisões.

O último princípio se refere à abertura e fechamento das heterotopias. Um destaque importante que Foucault (2013) traz é que a entrada em uma heterotopia se dá, não de forma espontânea, mas quando se é obrigado, quando submetido a ritos ou quando se refere a um processo de regeneração ou purificação, como no *hamam* ou o banho escandinavo, em uma espécie de sauna. Em ambos os exemplos temos a ação da limpeza e purificação associada aos valores religiosos. Entretanto é interessante notar que este espaço não dá acesso a casa dos proprietários, sendo que o visitante não consegue adentrar no espaço familiar.

As heterotopias são a própria contestação de todos os outros espaços, segundo Foucault (2013), esta contestação pode ser exercida de duas maneiras: ou estes espaços criam uma ilusão que acaba denunciando todo o resto (como as casas de tolerância) ou estes espaços criam outro espaço tão perfeito e tão real que acabam denunciando a desordem que é o nosso espaço (tem-se como exemplo aqui as colônias dos Jesuítas no Paraguai¹⁷ e sua meticulosa ordem de regulamentação da vida de todos os habitantes).

O recorte trazido nesta pesquisa é focado na última parte do texto *Outros Espaços*, em que se destacam as heterotopias e sua função ao espaço restante que as cerca; mais especificamente, as chamadas Heterotopias de Ilusão. Estas podem criar um espaço de ilusão que acaba evidenciando todos os outros espaços reais e os colocando como os mais ilusórios "no interior dos quais a vida humana é compartimentalizada" (FOUCAULT, 2003, p. 420). Deste modo, o conceito de Heterotopias é apresentado aqui, para pensar o lugar do corpo que dança como

¹⁷ As colônias jesuíticas foram espécies de cidades desenvolvidas com o objetivo de evangelizar as comunidades indígenas existentes na América como reação do movimento da contra reforma a partir do século XVII e se estenderam até o século XVIII.

uma prática que identifica um espaço outro, um lugar totalmente diferente de todos os posicionamentos que estes lugares refletem e dos quais os mesmos falam, se propondo uma ressignificação espacial da sala de aula remota, para que estes locais possam ser 'lugares' de experimentações corporais.

É um dos focos desta pesquisa pensar a partir do conceito foucaultiano de 'Heterotopia de Ilusão', e destacar este lugar como outro: um lugar que denuncie a segmentação espacial e o reforço da docilização corpórea. Criando, assim, a possibilidade desse espaço também ser um local de experimentações corporais a partir de ações cotidianas, simples e para se repensar os dispositivos que inibem as possibilidades do corpo.

2.5 BIOPOLÍTICA

Como parte da percepção evolutiva do conceito de dispositivo e das relações de poder e controle sobre o corpo, se discorre sobre o termo biopolítica para entender para onde ou como evoluíram estas ideias. Para o termo biopolítica têm-se Thomas Lemke para contextualizar uma discussão mais recente que parte de temas e conceitos como a sujeição dos corpos e dispositivos.

Na obra *Biopolítica críticas debates e perspectivas*, Lemke (2018a) apresenta um panorama sobre o conceito de biopolítica, apresentando este termo como uma ferramenta de interpretação para análise de formas contemporâneas de poder. Logo na parte introdutória o autor ressalta que ao longo da história o termo assume significados até mesmo contraditórios; utilizados tanto em teorias racistas¹⁸ como marxistas¹⁹. Biopolítica de fato, será a política que se ocupará da vida dos indivíduos ao invés da morte, como o próprio filósofo francês Michel Foucault (2013) descreve, mas antes de se chegar às definições propostas por ele é necessário entender que o termo foi aplicado antes da noção foucaultiana e de diferentes formas.

¹⁸ Teorias que são fundadas a partir da crença de que diferenças fenotípicas presentes nos seres humanos devem ser classificadas e propor um tratamento diferenciado a cada linhagem da raça humana. Muitas destas teorias também tentam explicar os diferentes comportamentos humanos, a partir destas diferenças fenotípicas.

¹⁹ A Teoria marxista é um estudo baseado nos conceitos desenvolvidos por Karl Marx e Friedrich Engels na sistematização da teoria política do socialismo. A teoria trazia como necessidade a criação e aplicação de medidas anticapitalistas a fim de se desenvolver uma sociedade mais igualitária.

Na segunda metade do século XIX os estudos dos chamados vitalistas²⁰, apesar de defenderem posições diferentes em muitos assuntos, concordavam com a noção da vida como um critério fundamental normativo para saúde. Os teóricos como Nietzsche²¹, Schopenhauer²² e Bergson²³ entendiam que esse critério era um conceito importante para analisar na sociedade os processos de mecanização, racionalização, tecnização e civilização. A ideia de vida era entendida como experiência corporal e orgânica oposta à noção paralisante do corpo morto.

Este é o pano de fundo para que já na primeira metade do século XX a noção de biopolítica comece a ser desenvolvida. Lemke (2018a) afirma que possivelmente o primeiro estudioso a usar o termo foi o cientista sueco Rudolf Kjellén.²⁴ O mesmo defendia o pensamento de que os estados nacionais eram semelhantes aos seres vivos, se diferenciando apenas por serem maiores e mais poderosos. Nessa concepção chamada organicista, acredita-se que qualquer ação dos indivíduos não são originárias de forma livre e espontânea, mas já são dadas pelo Estado, já que a forma originária de vida precede os indivíduos. Thomas Lemke (2018a, p. 23) ainda ressalta que:

A referência à "vida" serve aqui concomitantemente como ponto de saída mítico e prumo normativo e é despojada de qualquer fundamentação racional ou definição democrática de fins. Nessa perspectiva, somente uma política que se orienta por leis biológicas e que as considera em suas decisões que pode valer como objetivamente adequada e legítima.

A noção de que a política deveria ser orientada por leis biológicas foi o cenário ideal para que regimes antidemocráticos racistas e conservadores se propagassem. A concepção de estado organicista será uma das bases do partido nacional-socialista²⁵ e a biopolítica se apresenta nesse contexto sendo aplicada por este partido tendo

²⁰ O vitalismo se refere à concepção de que existiam diferenças fundamentais entre os seres vivos e seres inanimados, pelos primeiros serem compostos por algum tipo de elemento metafísico ou governados por princípios diferentes. Este elemento ou princípio é classificado pelos vitalistas como princípio vital – conceito semelhante ao de alma.

²¹ Friedrich Wilhelm Nietzsche foi filósofo, filólogo, compositor, poeta e crítico cultural alemão. Nasceu em 1844 e faleceu em 1900.

²² Arthur Schopenhauer foi um filósofo alemão do século XIX. Nasceu em 1788 e faleceu em 1860.

²³ Henri Bergson foi um filósofo e diplomata francês. Nasceu em 1859 e faleceu em 1941.

²⁴ Rudolf Kjellén foi um cientista político sueco que cunhou o termo geopolítica, nasceu em 1864 e faleceu em 1922.

²⁵ O partido surgiu oficialmente em 1920 com o nome de Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (em alemão, o nome do partido era *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*, com sigla NSDAP). Hitler esteve envolvido com o surgimento do partido na data citada e ajudou na elaboração do programa do partido (SILVA, Daniel Neves. O nazismo era de esquerda ou de direita? **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/historiag/o-nazismo-era-esquerda-ou-direita.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2021).

como justificativa uma ideia de superioridade ariana. O estado deveria garantir o desenvolvimento da sociedade criando leis e regulações que afastasse o "perigo" das misturas de raças e pudessem reforçar a crença de que há uma espécie de hierarquia entre as raças que deve ser mantida e respeitada. Nesse contexto a biopolítica será o meio de se criar um novo conceito de Estado e de povo, baseados nos dados biológicos hereditários para reforçar o entendimento de que a ação política estava associada ao pensamento biológico.²⁶

Mas essa noção de uma política da vida que pesquise formas de otimização das raças e controle do comportamento humano não se delimitou apenas no território alemão, ao contrário, foi de interesse mundial:

Assim como o regime nazista, os ideólogos stalinistas buscavam utilizar os novos achados científicos e as possibilidades tecnológicas para refinar e "enobrecer" o ser humano soviético. As visões biopolíticas ultrapassavam as fronteiras e também incluíam atores e movimentos sociais não estatais. A Fundação Rockefeller, que financiou amplamente a ascensão da biologia molecular nos EUA dos anos 1930, esperava obter desse saber novos conhecimentos e instrumentos de controle social para poder conduzir e otimizar o comportamento humano [...] (LEMKE, 2018a, p. 28).

Vale ressaltar que este pensamento e uso da biopolítica não deixou de existir assim que o nazismo foi derrotado ao final da segunda guerra mundial, como destaca Lemke (2018a), essa biopolítica racista permanece com apelo grande através da velha e nova direita que sustentam a relevância da categoria de raça para o desenvolvimento da nação.

A partir de 1960 surge uma nova abordagem na ciência política interessada em buscar e investigar as causas e formas do comportamento político. Os biopolitólogos, como são chamados, acreditavam que existiriam raízes determinantes para ações dos atores políticos e, que mesmo que estas raízes, não tivessem alcançado um padrão homogêneo de comportamento humano, elas ainda sim tinham de alguma maneira influencia determinante para moldar a conduta da vida em seus diversos domínios.

²⁶ A exemplificação destas afirmações são históricas, ao observarmos a biopolítica do partido nacional-socialista com práticas de seleção e aniquilamento das raças e contribuíam para o desejo de expansão imperialista alemão: A preocupação com a pureza da "raça" própria coincidia com a luta contra os inimigos interno e externo. Nesse ponto, as ideias biopolíticas conectam-se com as ponderações geopolíticas. A combinação do programa racial-político com a doutrina do "espaço vital" [Lebensraum] ofereceu fundamento ideológico da expansão imperialista do reino nazista. (LEMKE, 2018a, p. 26).

[...] algo como a formação de hierarquias nas sociedades humanas não seria um fenômeno social, mas sim um resultado inevitável da história do desenvolvimento humano. O motivo para isso estaria na suposta vantagem evolutiva das oportunidades assimétricas de acesso e de participação: "relações bem ordenadas e previsíveis oferecem condições mais favoráveis para a transferência dos genes próprios para a próxima geração" (SOMIT; PETERSON, 1998b, p. 45 apud LEMKE, 2018a, p. 33).

Os biopolitólogos buscavam assim justificativa para a ideia da hierarquia das sociedades, sendo esta um resultado inevitável do desenvolvimento humano. Na visão destes estudiosos os indivíduos foram feitos para competição de recursos e este fato daria vantagens desproporcionais para cada um levando a uma distribuição desigual do poder.²⁷

Apesar da associação entre a análise de genes para padrões comportamentais e as formações das estruturas de governo parecerem absurdas e problemáticas no contexto atual Thomas Lemke (2018a) nos lembra que o problema de fato está na maneira como as respostas dos biopolitólogos não conferem sistematizações mais profundas e coerentes.

Embora o biopolitólogos sempre apoiem programaticamente a consideração do saber biológico para a pesquisa em ciências políticas e sociais, não fica claro, em seus trabalhos, como exatamente os fatores biológicos e seus respectivos fatores sociais e culturais operam em conjunto e se distinguem uns dos outros. Além disso, também fica sem resposta como a "base biológica" "provoca" ou "causa" concretamente determinados padrões de comportamento político (LEMKE, 2018a, p. 35).

Pode-se perceber, assim, que esta linha não consegue explicar muitos fatores, fazendo também um recorte limitado da realidade e cada vez mais questionável no cenário atual. A crise ecológica que se instaura a partir da década de 1960 e se estende até 1970, traz novos significados e estudos para biopolítica. Nessa nova corrente o termo designou os esforços de regulação e administração para a resolução

²⁷ As formas de governo, nesta visão, também derivariam da evolução humana, através das análise do equipamento genético, o ser humano tornaria mais provável um regime autoritário do que democrático. Este último seria realizado apenas em raras pré-condições evolutivas. A democracia iria se constituir somente se os recursos de poder fossem amplamente distribuídos a fim de que nenhum ator alcançasse um posição hegemônica; se afirmando contra o comportamento de dominação humano predeterminante (LEMKE, 2018a).

de problemas globais e também daqueles relacionados ao meio ambiente e as inovações tecnológicas.²⁸

A biopolítica, a partir dos anos 1970, vai trazer o conceito de vida relacionado à ação política e também ao pensamento principalmente de duas visões; a primeira é de que o espaço das sociedades humanas sofre ameaças pelas economia e ordem social já estabelecidas. Dessa maneira a política deve encontrar respostas adequadas ao problema da ecologia, para que a sobrevivência humana seja garantida. A segunda se dá justamente pelo avanço da tecnologia e descobertas biológicas, que vão dificultando o conhecimento sobre quais são, de fato, os fundamentos naturais da vida, e de que forma eles se diferenciam de outras formas de vida criadas artificialmente.

A noção da formação dos indivíduos de forma complexa através de órgãos, tecidos, músculos, ossos, sessões de DNA, entre outras coisas, culmina para a perda de qual seria o início da proteção das espécies e do meio ambiente. Mas as descobertas e tecnologias empregadas no setor biológico não tem como finalidade a adaptação a esse meio, mas sim a modificação e transformação deste para a ocupação da sociedade.

Se o conceito ecológico de biopolítica permaneceu ainda cativo de uma lógica naturalista, na medida em que tematizava a relação recíproca entre processos naturais e sociais para obter os critérios para as respostas políticas corretas à questão do meio ambiente, no centro da versão centrada na técnica não se encontra mais a adaptação "da sociedade" a um "meio ambiente natural" externo a ela, mas a modificação e transformação deste por meio de práticas científicas e tecnológicas. Assim, a tecnologia "verde" é regularmente propagandeada com o argumento dúbio de que ela solucionaria problemas políticos ambientais e de desenvolvimento centrais (LEMKE, 2018a, p. 46).

Todas essas atualizações do termo biopolítica ao longo dos anos, acabaram por demonstrar que os limites que antes pareciam estáveis entre a política e a

²⁸ As inovações tecnológicas também transformaram o campo da biologia e aproximaram do campo da engenharia com as inovações genéticas e reprodutivas. Os estudos no campo deixavam cada vez mais explícitos a frágil a fronteira entre natureza e cultura. Esses resultados de pesquisas acabam mostrando então a necessidade de reforçar novamente essas fronteiras. Como destaca Lemke (2018, p. 43-44): "Era necessário regulamentar quais procedimentos tecnológicos são admissíveis e em quais condições. Também requeriam elucidação quais esforços de pesquisa deveriam ser promovidos com meios públicos e quais proibidos. Questões como essas levaram, por fim, a um segundo complexo de significados de biopolítica, que foi colocado ao lado de considerações e contemplações bioéticas e designava a negociação e o acordo coletivo em torno desta questão: aquilo que é tecnologicamente possível também deve ser socialmente aceito?".

natureza são na verdade consequência direta da ação política e, Thomas Lemke (2018a, p. 50) destaca que o fato da vida se tornar objeto da política traz obrigatoriamente como resultado mudanças nos fundamentos, instrumentos e objetivos da própria ação política. E é nesse momento que os estudos do francês Michel Foucault são apresentados, pois o filósofo foi um dos teóricos que percebeu de forma muito clara essas mudanças acarretadas.

Primeiramente é importante salientar que os estudos foucaultianos sobre biopolítica fazem uma quebra definitiva com repetida tentativa de remeter os processos de estruturação política a fatores determinantes biológicos. Para o filósofo francês existe um processo histórico em que a vida se manifesta como um importante investimento das estratégias políticas. Para ele os processos da vida não são o fundamento da política e discorda também da ideia que estes processos sejam o objeto da ação política. Na verdade, segundo sua análise, a biopolítica vai transformar os conceitos de soberania política e submetendo estes conceitos a novas formas de saber político.

[...] a biopolítica, para Foucault, não tem a ver com a crise ecológica ou com uma consciência ambiental transformada e nem pode ser reduzida à gênese de novas tecnologias. Ela simboliza muito mais uma transformação fundamental na ordem do político [...] (LEMKE, 2018a, p. 54).

Michel Foucault emprega de três diferentes formas a palavra biopolítica em suas obras como explica Lemke (2018a); a primeira forma se relaciona a uma ideia de censura histórica, com a relativização do poder do soberano. Na segunda forma, o autor concede a biopolítica e seus mecanismos a grande contribuição para o surgimento do racismo moderno e, por fim, o terceiro emprego se refere à maneira de particular de governar, que resulta de técnicas liberais de condução. Algumas vezes o autor usará o termo biopoder e outras biopolíticas, conforme Lemke (2018a) reforça, parece que o filósofo francês não distinguiu os dois termos de forma explícita.²⁹

²⁹ A primeira vez que Foucault utiliza o termo foi em uma conferência que participou em 1974, mas o autor vai introduzir o termo sistematicamente apenas dois anos depois, em 1976. O filósofo observa que o poder soberano que deixava viver ou fazia morrer a partir do século XIX começa a ser substituído por uma nova forma de poder que tinha como objetivo "administrar, assegurar, desenvolver e cultivar a vida" (LEMKE, 2018a, p. 55).

Como Lemke (2018a) destaca, cultivar a vida em termos biopolíticos, carregava os dois sentidos: o de ampliar a vida em suas diferentes formas e, conseqüentemente, geri-la, controlando e organizando a vida de cada indivíduo em todos os âmbitos.

Na análise de Foucault sobre essa tecnologia de poder, Lemke (2018a), ressalta que a transformação do poder soberano não foi imanente, mas fruto de uma transformação histórica influenciada pelas revoluções na medicina, na área agrícola e industrial.

Considerando essa construção do conceito de biopolítica, bem como as transformações ocasionadas em relação ao significado, é importante ressaltar que a biopolítica irá se opor ao poder soberano deixando morrer e fazendo viver, ou seja, o poder sobre a vida se sobrepõe ao poder sobre a morte e tem menos relação agora com os sujeitos de direito. Essa tecnologia da biopolítica vai atuar por dois eixos principais: o disciplinamento do corpo individual e a regulação da população. A disciplina enxerga o corpo humano como uma máquina complexa que deve ser docilizada para produzir de forma eficiente. Assim, em vez de oprimir e dominar, como sistemas antigos de servidão e escravidão, a disciplina treina o corpo para aumentar suas forças a fim de que esse corpo colabore para o desenvolvimento econômico, e atendendo, dessa maneira, a regulação do capitalismo. Entretanto, ao mesmo tempo, a disciplina enfraquece esse corpo para que este seja dócil e submisso politicamente.

Nesse sentido, a partir da segunda metade do século XVIII todos os dispositivos desenvolvidos para padronizar e controlar os corpos dos indivíduos, que podemos classificar como tecnologias de poder, irão se direcionar não somente para a disciplinarização dos corpos, mas também ao controle, organização e segurança da população. Entende-se a população nos estudos foucaultianos como o conjunto do corpo social (entidade biológica) independente, que se define por processos e fenômenos, como as taxas de mortalidade, natalidade, longevidade, nível de saúde, produção de riqueza, entre outros. Ou seja, "a totalidade das manifestações concretas da vida de uma população é objeto de uma tecnologia de segurança" (LEMKE, 2018a, p. 29). Dessa maneira, essa tecnologia de segurança visa à regulação dos fenômenos que são próprios de uma população.

Pode-se perceber então, algumas diferenças entre a tecnologia disciplinar e a tecnologia de segurança. A primeira nasceu em instituições como as prisões, a escola, o exército e os hospitais. A segunda surge como já mencionado no século XVIII,

pelo Estado, através da observação e levantamento de dados da população. Apesar das diferenças aparentes listadas, ambas tecnologias visam à docilização e ao controle como reforça Lemke (2018a, p. 59) a população "representa a unificação e a combinação das existências individuais em uma nova forma política". E por essas duas tecnologias de poder buscarem objetivos em comum a partir do século XIX é possível perceber o enlace desses dois poderes a fim de um melhoramento nos mecanismos de poder e controle dos seres

[...] é difícil manter a diferenciação entre ambas as tecnologias políticas, também por motivos históricos. A "Polizey" (polícia) no século XVII, por exemplo, era ao mesmo tempo um aparato disciplinar e de Estado, e a regulação estatal apoiava-se, no século XIX, em uma série de instituições não estatais (seguradoras, fundos de assistência (Hilfskassen), associações de cuidado, instituições médico-higiênicas etc.). No decurso do século XIX, segundo Foucault, chega-se finalmente a um enlace ou acoplamento de ambos tipos de poder, que Foucault denomina "dispositivo" (LEMKE, 2018a, p. 59).

É interessante notar que o acoplamento dos tipos de poder traz a noção de tecnologias de poder, ou seja, da regulação e criação de um conjunto de técnicas com o objetivo da subjetivação do indivíduo. A pesquisa se debruçará mais sobre a tecnologia e sua relação com processos de cognição, entretanto, já é possível perceber que, além desta relação de tecnologia e cognição, há uma relação do dispositivo com tecnologia, e, talvez como essa aproximação de dispositivo³⁰ e tecnologia poderá contribuir também com reajustes do controle sobre o indivíduo.

Nesse cenário, a tecnologia do poder soberano vai perdendo forças para a norma. A lógica que se impõe é da ponderação, ao invés da ideia da sociedade de direito entra em vigor a ideia da sociedade da normalização, como destaca Lemke (2018a). Apesar desta transformação da sociedade e o uso cada vez mais intenso da tecnologia da segurança na visão biopolítica, é importante lembrar que o poder soberano e a morte não perderão o completo valor nesta nova configuração da sociedade. O poder de morte se torna subordinado ao poder da vida, sua manutenção e organização. Entretanto, a contradição biopolítica está justamente no fato de vida se

³⁰ A sexualidade é um dos dispositivos que Michel Foucault percebe a posição desse dispositivo como privilegiada, pois tem efeitos no nível micro do corpo de cada indivíduo e também no nível macro da população. Ela atua tanto como uma "chave da individualidade" presente nos modos de se comportar, nos desejos e motivos sexuais implícitos nos sonhos; como também se faz presente em mediações econômicas, ações políticas, ideológicas e moralizantes.

tornar objeto das ações políticas e, ao mesmo tempo, a garantia e aperfeiçoamento desta vida ser a todo o momento atacados por perigos iminentes, antes não concebíveis.

O direito soberano sobre a morte não desaparece, mas subordina-se a um poder que tem como programa a garantia (Versicherung), o desenvolvimento, e a administração da vida. Consequentemente, o poder de morte é deslimitado e liberto de todas as restrições, uma vez que agora deve servir à própria vida. Não está mais em jogo a existência jurídica de um soberano, mas sim a sobrevivência biológica de uma população. O paradoxo da biopolítica consiste no fato de que, à medida que a vida, sua garantia e seu aperfeiçoamento tornam-se matéria das autoridades políticas, eles são ameaçados por potenciais técnicos e políticos de extermínio até então inimagináveis (LEMKE, 2018a, p. 61).

Essa transformação do poder soberano ao biopoder moderno irá propor também um deslocamento no discurso, antes político militar e, a partir do século XVIII e XIX, para um discurso biológico-racista.³¹ O racismo³² integra essa segunda transformação do biopoder e cumpre duas funções dentro da economia do biopoder, a primeira é a hierarquização e homogeneização, e a segunda é a relação dinâmica entre a vida de uns e a morte de outros.³³

Após a relativização ou transformação do poder soberano já discutida, chega-se a segunda transformação, do biopoder, o racismo. Como descrito acima, nesta transformação, além de se cumprir as funções econômicas para a contínua regulação do capitalismo, também é aprofundada uma relação direta da saúde de alguns e a morte de outros. A morte de alguns não significa só o extermínio do que foge do padrão social imposto, mas também se apresenta como segurança para o coletivo, a população.

³¹ Como Foucault observa, as bases desta transformação acontecem na rebelião puritana na Inglaterra e também na França com a revolta da população contra Luís XIV e os privilégios e abusos até então legitimados na figura do rei. A guerra das raças emerge aí, primeiramente, indicando uma quebra político-histórica e, depois se apoiará em elementos da anatomia e fisiologia. A partir do século XIX o discurso da guerra de raças vai sendo transformado e substituído pelo termo luta de classes, em que no lugar das batalhas, vitórias e derrotas, o racismo emerge em discurso biológico-socil, como reforça Lemke (2018a).

³² Esse "racismo" (somente agora a palavra contém o significado hoje conhecido) apoiava-se então em elementos da versão biológica para formular uma resposta à exigência social-revolucionária. No lugar do tema histórico-político da guerra, com suas batalhas, vitórias e derrotas, entra o modelo evolucionário-biológico da luta pela vida (LEMKE, 2018a, p. 63).

³³ A ação de homogeneizar reforça a diferenciação entre raça boa e ruim e incute a ideia de uma raça singular. Essa diferenciação entre as raças não via trabalhar com a ideia tradicional de oposição entre si, mas sim de uma oposição ou ameaça interna. A própria sociedade vai exercer sobre si mesmo esse racismo como uma "purificação permanente", como Thomas Lemke (2018a) destaca.

O racismo [...] fornece o fundamento ideológico para identificar os outros, isolá-los, combatê-los ou até mesmo assassiná-los – em nome do aperfeiçoamento da vida: "A morte do outro não é simplesmente a minha vida, na medida em que seria minha segurança pessoal; a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral mais sadia" (FOUCAULT apud LEMKE, 2018a, p. 65).

É válido ressaltar que nesta concepção do racismo e o papel dos dispositivos atuando na relação biológica, é que movimentos políticos como o nazismo se apoiam e ganham força. Dessa forma, o Estado moderno assume o papel de protetor da sociedade e da integridade da população regulando e mantendo a ideia retrógrada da superioridade de raça em diferentes tecnologias de poder. O racismo, para Foucault, segundo Lemke (2018a), é uma separação social que se estabelece como resposta a noção de biopolítica e a ideia de purificação interminável e permanente.

A partir das conferências de 1978 e 1979, Foucault (apud LEMKE, 2018a) amplifica as discussões sobre biopolítica e insere o tema em um quadro mais amplo e complexo.³⁴ Para Foucault o liberalismo insere uma nova noção na ação de governar, uma noção mais racional e que acaba formando o limite e fundamento da ação governamental na sociedade, não sendo mais associada a um querer ou ordem divinos, como acontecia na Idade Média. Com a instauração da Idade Moderna a ação governamental passa a ser exercida por leis e princípios internos que ela mesmo criou e que questionaram a todo tempo o papel do governo e a justificação de sua existência. A economia política que se inicia no século XVIII busca investigar o quão úteis são as leis, se há algum grau de nocividade nelas e se mantém pela autorregulação e auto restrição.

Não se trata mais do problema de saber como o príncipe pode governar em conformidade com as leis divinas, naturais e morais, mas a busca pela "natureza das coisas", que estabelece concomitantemente as possibilidades e limites da ação governamental. A nova arte de governo, que começa a delinear-se no meio do século XVIII, diferentemente da razão de Estado, não visa mais exclusivamente a maximização das forças do Estado, mas um "governo econômico", que investiga, por conseguinte, se as práticas governamentais são necessárias e úteis, ou, ao contrário, supérfluas ou até mesmo nocivas. A arte liberal de governo parte menos do Estado do que a sociedade e questiona: "por que é preciso governar? [...]" (FOUCAULT apud LEMKE, 2018a, p. 69).

³⁴ Essa tecnologia de poder vai estar intimamente ligada com as formas liberais de governo, segundo Michel Foucault. O conceito de governo adquire inúmeros significados ao longo do desenvolvimento da sociedade, principalmente a partir do século XVIII.

Assim, nota-se que na tecnologia da biopolítica o Estado age dentro de um limite. Entretanto esse limite não é negativo ou diminui de alguma forma o poder estatal, já que o mesmo mostra ao Estado a naturalidade dos fenômenos sociais, a natureza da população e, assim proporciona possibilidades de intervenção estatal, a exemplo do controle de regras vigente na sociedade e sempre atualizado, ou o contexto da pandemia, entre outros aspectos. Tudo isto a fim da permanência de um modelo que sirva aos interesses capitalistas da Idade Moderna.³⁵

Os conceitos de tecnologia e segurança, dentro deste conceito apresentado por Foucault, conferem contrapartidas e possibilidades de liberdade liberal, como apresenta Lemke (2018a). O mecanismo de segurança irá atuar na autorregulação e nos limites próprios da vida em sociedade. Diferentemente do mecanismo da disciplina, este não atua impondo uma norma para ajustar os indivíduos, mas toma a própria realidade como norma.

Ao invés de ajustar a realidade a um dever ser predefinido, a tecnologia de segurança toma a realidade mesma como norma: como distribuição estatística de frequências, como taxas médias de morbidade, natalidade e mortalidade etc. Os mecanismos de segurança não traçam fronteiras absolutas entre o permitido e o proibido, mas especificam uma média ótima dentro de uma margem de variações (FOUCAULT apud LEMKE, 2018a, p. 72).

Thomas Lemke (2018a) destaca que ao tratar o liberalismo como uma visão geral da biopolítica, Michel Foucault, nestes cursos de 1978 e 1979 estava revisando a forma como abordava o poder biopolítico, combinando noção de subjetivação, modos moral-políticos de existência com as formas físico-biológicas. Desta maneira, buscou-se discorrer neste capítulo sobre a origem e transformações da palavra biopolítica e como estas transformações colaboraram para que o conceito de biopolítica fosse contribuindo para regulação da subjetivação feitas pelos dispositivos, como analisa Foucault (apud LEMKE, 2018a). Entender a tecnologia de poder da biopolítica e sua atuação na sociedade para manutenção do controle sobre os indivíduos é importante também para que se compreenda como a biopolítica pode estar presente no ambiente

³⁵ Uma das formas encontradas pelos historiadores para se dividir a história da humanidade. Seu recorte temporal inicia-se com a queda do Império Bizantino e a tomada da cidade de Constantinopla pelo Império Turco-Otomano, em 1453. Seu recorte final está delimitado com a Revolução Francesa, em 1789. (PINTO, Tales dos Santos. O que é Idade Moderna? **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-idade-moderna.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2021).

da sala de aula e atuar nas relações entre os processos de cognição e as tecnologias digitais, presentes no formato das aulas remotas. Para esta pesquisa interessa investigar de que maneira a biopolítica pode atuar na aulas de dança mediadas pelo espaço remoto a partir da crise sanitária.

3 TECNOLOGIA E COGNIÇÃO NO AMBIENTE ONLINE DE APRENDIZAGEM

Para compreender como os dispositivos de poder podem atuar através de tecnologias digitais, é necessário discutir, ainda que brevemente, a relação de cognição, partindo principalmente de alguns pesquisadores que acreditam que os processos cognitivos não ocorrem apenas na região mental, mas em todo o corpo. E as relações com diversos tipos de tecnologias, como as digitais, transformam a maneira como os seres apreendem o conhecimento. Assim, aproximou-se dos estudos de Andy Clark para relacionar essa mente que se distende pelo corpo com os estudos da teoria corpomídia desenvolvido pelas pesquisadoras Christine Greiner e Helena Katz. Além disso, são apresentados também autores que corroboram com a ideia de que corpo produz conhecimento e a partir deste entendimento de corpo ambiente, faz-se algumas reflexões dos dispositivos de poder e como eles podem atuar nessa relação de corpo e espaço.

Neste entendimento de que o espaço está relacionado com os processos de cognição com o corpo, foi destacado a diferença entre a modalidade EAD e Ensino remoto, a fim de salientar que esta pesquisa tem interesse em observar um espaço com características diferentes do ensino à distância, modalidade esta, que já era desenvolvida antes da crise sanitária. Da mesma maneira, o capítulo se preocupou em pontuar o contexto em que a instauração do ensino remoto se deu: a crise sanitária da COVID-19 e suas características, através de um estudo desenvolvido pela pesquisadora Helena Katz. Por fim, o capítulo se volta para contextualização do ambiente escolar a partir da crise sanitária, ressaltando aspectos importantes que refletiram na forma como estudantes e docentes se adaptaram às mudanças apresentadas.

3.1 TECNOLOGIA E COGNIÇÃO

Os processos cognitivos em intrínseca relação com uma diversidade de artefatos são de interesse de pesquisa do filósofo da mente Andy Clark (2003) ao entender alguns aspectos de transformações da consciência a partir da criação e relação simbiótica com a tecnologia. A primeira tecnologia cognitiva acoplada foi a linguagem, possibilitando novas maneiras dos seres humanos organizarem o pensamento e desenvolverem a comunicação entre si, ao aumentar a capacidade mental.

A linguagem verbal permitiu que as pessoas estruturassem o ambiente, criando nichos cognitivos. Os nichos cognitivos (espaços complexos de mediação epistêmica) auxiliam e/ou modificam modos de solucionar problemas complexos e de fazer tarefas cotidianas. De acordo com Clark (op.cit.), o cérebro tem a capacidade limitada a operações básicas de reconhecimento de padrões, mas a interação com certas tecnologias possibilita a geração de processos cognitivos capazes de resolver problemas complexos (SIEDLER, 2016, p. 28-29).

Para Clark (2003), o ser humano, é naturalmente um ciborgue, uma vez que a mente é estendida sobre o mundo, não está enclausurada no cérebro, evidenciando que não há um limite entre o externo e o interno bem delimitado. A incorporação de equipamentos transforma as relações com o ambiente, complexificando os processos cognitivos, à medida que a pessoa desenvolve circuitos cognitivos expandidos, ao integrar esses dispositivos à sua mente.

O objeto se torna parte de sua mente quando você consegue usá-lo facilmente, quase sem pensar. Quando você usa uma caneta, não precisa pensar que a está segurando na mão. Você foca na tarefa que está fazendo, vê além da caneta. Não é fácil dizer quanto nosso cérebro é responsável por um trabalho que fazemos usando livros, computador e internet. O importante é que o cérebro nos impulsiona para criar esses objetos e usá-los como extensão de nossa mente (CLARK, 2009, s.p).

O corpo cria e se apropria de tecnologias para facilitar os modos de se relacionar com o entorno, bem como para aperfeiçoar a resolução de problemas, de maneira em que o corpo, ao mesmo tempo, constrói e também vai sendo construído por artefatos tecnológicos.

Clark (2003) defende a hipótese de cognição distribuída na qual, para conhecer e atuar no mundo, o corpo, em relação ininterrupta com o ambiente, é indissociável dos dispositivos técnicos, uma vez que eles atuam de forma dinâmica e complexa no processo cognitivo. Sob esta perspectiva, a mente se espalha, distende-se sobre o meio ambiente, isto é, a tecnologia faz parte da mente, sob certas condições. A mente não se restringe ao cérebro, ela se distende para além dos limites da caixa craniana, uma vez que o corpo acopla, ao longo de sua existência, uma circuitaria não biológica, o que resulta em modificações das competências cognitivas (SIEDLER, 2016, p. 28).

Dessa forma, o corpo constrói e é afetado pelo desenvolvimento tecnológico, de maneira a configurar sistemas distendidos que irão atuar de forma dinâmica e complexa nos processos cognitivos, ampliando maneiras de se relacionar com o

ambiente. Siedler (2016) opta assim como, Helena Katz e Christine Greiner, ao se referir a tradução do termo "extended mind" pela opção da palavra distendida ao invés de "estendida". A opção foi para que não houvesse um equívoco conceitual com o autor McLuhan. Para este último, as tecnologias são extensões do corpo, e estes artefatos tecnológicos geram transformações nas ações dos seres, e a forma como ocorrem estas mudanças não dependem do conteúdo que é enviado, como Siedler (2016, p. 27) destaca: "[...] qualquer tecnologia midiática contém em si a sua própria mensagem medida em que o meio é responsável pela geração de novos contextos sociais".

Já para Clark, as tecnologias surgem da estratégia do ser humano para sobreviver. Materializa-se a o pensamento através da linguagem, isso transforma o cérebro, que por sua vez possibilita uma complexidade cada vez maior na própria linguagem e na criação de outras tecnologias, sendo portanto uma relação não de independência com os artefatos tecnológicos, mas uma relação de codependência. Clark se afasta dos pressupostos de McLuhan na medida em que não considera as tecnologias enquanto extensões dos sentidos já que argumenta que elas são indissociáveis ao corpo, transformam-se em corpo" (SIEDLER, 2016, p. 27).

É necessário ressaltar que a noção de cognição se dá pelas condições e interações entre corpo e ambiente. Neste sentido, é possível entender que as plataformas digitais online utilizadas em aulas remotas de dança, no ensino formal escolar, podem se apresentar enquanto complexificação de comportamentos em sala de aula e (ou) de movimentos em dança, dados os novos desafios metodológicos de desenvolvimento de conteúdos em artes do corpo. Podem, também, configurar-se enquanto dispersão dos alunos frente às propostas desenvolvidas pelos professores, precarizando o engajamento de todos em sala de aula. Torna-se necessário compreender os processos cognitivos para tecer reflexões aprofundadas acerca das novas dinâmicas que se dão no contexto remoto. Uma das observações percebidas pela pesquisadora durante as propostas de atividades que envolviam a linguagem da dança apresentadas nas aulas remotas foi em relação ao tempo de atenção dos estudantes frente ao conteúdo abordado. Se antes da crise sanitária era possível ter em média trinta minutos de atenção dos estudantes, a partir das aulas remotas, a pesquisadora constatou, que essa ação diminuiu para a média de dez a quinze minutos. Parece que a intensificação diante das telas e a possibilidade de multitarefas

em um clique na abertura de várias abas das páginas na internet, fez com que o tempo de concentração e forma de fazer esta ação fosse transformada.

Desta constatação vem o desafio de buscar novos caminhos para apresentar o conteúdo de dança para um corpo que está mais acelerado, quanto ação de atenção plena a um conteúdo e naturalmente também adquiriu outras formas de movimentar-se a partir dos processos cognitivos neste contexto de ensino remoto.

Em função disso, o desenvolvimento do Capítulo 4 partindo das percepções de professores do ensino fundamental II, de colégios privados das cidades de Curitiba, Colombo, Guarapuava, Ponta Grossa e União da Vitória, se tornou necessário para essa discussão. O questionário desenvolvido visou investigar como os docentes perceberam as alterações dos processos cognitivos nas aulas em que se abordou dança e, em que medida essa transformação foi atravessada pelos dispositivos de poder que deslocaram para o ambiente remoto e de que maneira se deu, neste contexto, a relação corpo e espaço.

Retomando as noções de cognição, essas foram desenvolvidas ao longo dos séculos, através de estudos de vários pesquisadores. Para o recorte desta pesquisa interessa apresentar alguns aspectos da cognição corporalizada, que reforça a ideia de que a construção do conhecimento se dá por meio de todo o corpo e, a partir disso, refletir como isso se relaciona com a forma que os estudantes se movimentaram nas aulas de dança remotas.

Segundo Tschacher e Dauwalder (2003) não se deve considerar a cognição como um simples atributo da mente localizada em algum lugar do cérebro, mas resultante da associação de vários processos que ocorrem e que são a base da cognição e ação. Os autores reforçam que é necessário considerar que a mente tem um corpo e um cérebro, sendo corporalizada. Humberto Maturana (2001, p. 129), afirma que mesmo as espécies sem sistema nervoso percebem o mundo através das trocas que fazem com o meio, esta troca possibilita que mesmo com uma organização interna estabelecida sempre haja uma mudança de estado destes sistemas como resposta da interação com o meio

Portanto, como operações na dinâmica de estados de um sistema vivo, todas as ações são fenômenos do mesmo tipo, independente do domínio no qual um observador afirma que elas acontecem, quando ele ou ela leva em consideração ao ver o sistema vivo em relação com um meio (MATURANA 2001, p. 129).

Um corpo e seu sistema nervoso percebem de determinada maneira e parecem ser impulsionados pelas necessidades de sobreviver e permanecer no mundo. Alva Nöe (2004), filósofo que desenvolve estudos na área da percepção e consciência, afirma que existe uma ação enativa na percepção, ou seja, ela não se dá de forma predeterminada por representações adequadas ao mundo exterior. Portanto, a ação enativa da percepção se dá a partir da relação com o ambiente e das situações que emergem deste contexto específico.

A abordagem enativa rejeita a ideia de que existe uma separação entre corpo e mente e que a percepção possa ocorrer apenas no cérebro. Greiner (2010) reforça que a partir destas reflexões de Alva Nöe é possível entender a percepção como uma atividade que ocorre no corpo todo de um animal. E neste ponto é interessante destacar que não são todas as criaturas que desenvolvem habilidades corporais e portanto não serão percebidas como nós. Contudo, as habilidades sensório motoras são desenvolvidas pelas trocas entre corpo e ambiente via sentidos e percepção que conforme o corpo se relaciona com as coisas e através dos diferentes sentidos, se habilita a fazer determinadas ações, ou agir de determinadas maneiras. Um exemplo disso é a mudança no foco de atenção que como já mencionado, quando alunos estão com multitarefas – em apenas um clique, abrem várias abas das páginas na internet – que, se modifica. Modifica a capacidade desse aluno em estar em atenção e concentração; e a forma de se relacionar com essa quantidade de informação: várias abas na tela do computador abertas simultaneamente. Com isso o que se quer enfatizar é que dependendo das informações com as quais o corpo se relaciona a cada instante, a habilidade sensório motora desse mesmo corpo se modifica.

Nesse sentido, um aspecto sensório motor que demonstra relações com o desenvolvimento de habilidades parte de um dos sentidos possíveis da percepção, os proprioceptores.³⁶ Pensando em sentidos do corpo que permitem o mover de um corpo temos a ação dos proprioceptores que criam relações do próprio organismo com o ambiente em que o corpo está, sendo responsáveis pelos sentidos de posição, por exemplo, dos membros do corpo em relação ao corpo todo e dos membros e

³⁶ Segundo a definição apresentada no site Portal Educação: "Proprioceptores são órgãos sensitivos localizados nos músculos, tendões e ligamentos. Eles recebem e transportam para o sistema nervoso central informações sobre tensões, pressões ou distensões nas variadas partes do corpo, para que o cérebro decida como reagir e manter o equilíbrio."

corpo todo aos objetos do ambiente. Com isso, quando um adolescente cresce rapidamente, perde, temporariamente, a noção do tamanho de seus membros, sendo necessário algum tempo para que assimile as novas dimensões de seu corpo evitando esbarrar ou bater (sem querer) em pessoas e objetos ao seu redor. Assim, se quer reforçar que o corpo se habilita sensorial e motoramente conforme as mudanças informacionais que se dão entre si mesmo e o ambiente.

Logo, essa ação dos proprioceptores contribui para que o fluxo de informações e troca do corpo e ambiente aconteça e amplie as atividades cognitivas.

O que cada ser conhece é fruto deste processo de perceber e o que cada um percebe é uma ação cognitiva que gera informação do corpo para o ambiente e do ambiente para o corpo. Desta maneira a relação intensificada com o ambiente remoto e as tecnologias digitais possibilitam não apenas a criação dos sistemas distendidos e a alteração da forma dos processos cognitivos acontecerem, como também reforçam que a ação cognitiva não é uma ação apenas mental, mas também corporal.

Este corpo que percebe e conhece a partir das trocas com ambiente transforma-se também através da interação com os aparatos tecnológicos, de maneira a gerar novos nichos cognitivos.

Por nicho cognitivo eu simplesmente refiro-me a uma estrutura física de 'constituição' animal que transforma um ou mais espaços-problemas de forma que (quando bem sucedido) ajuda a pensar e a raciocinar sobre determinado domínio ou domínios. Estas estruturas físicas, combinadas com práticas adequadas transmitidas culturalmente, melhoram a resolução de problemas e (em caso mais dramáticos) tornam possíveis novas formas de pensamento e razão (CLARK, 2006, p. 370).

3.2 ENSINO REMOTO E AMBIENTE

Podemos pensar no contexto de tecnologia digital e dança, nos aspectos de composição de configurações artísticas. Não é de hoje que o modo de compreender e produzir dança se ampliou, exemplificando o aumento das possibilidades da produção em dança. Pode-se pensar em uma composição coreográfica, cuja lógica organizacional é associada às possibilidades de alguns softwares ou aparatos digitais, evidenciando que a relação intrínseca com a tecnologia amplia as possibilidades de pensar-fazer configurações das artes do corpo. Como exemplo

temos os trabalhos desenvolvidos por Ivani Santana, bailarina e pesquisadora em dança que desenvolve sua produção em torno da investigação da percepção humana e a relação da dança com as tecnologias digitais.

É possível captar alguns segundos de execução de movimentos e criar uma partitura corporal digital, com maior duração de tempo, a partir das alterações que estas tecnologias apresentam, a exemplo da inserção de efeitos (duplicação, sobreposição de imagens, entre outros), como também foi visto no último trabalho desenvolvido pelo grupo Cena 11, intitulado Matéria Escura.

Assim, outros sistemas cognitivos surgem como possibilidade de criação de novas questões e resoluções em arte, pela e na relação imbricada com as tecnologias digitais.

No ambiente da sala de aula é possível perceber que os movimentos do corpo em interação com as plataformas digitais solicitam outras gestualidades e um outro tipo de relação entre colegas e professor, de maneira que é possível pensar em outras formas de experienciar a sensibilidade artística pelo viés do movimento, dadas as novas circunstâncias e demandas do ambiente.

A fim de compreender melhor as relações do corpo em situação de ensino remoto, é necessário se aproximar do entendimento de ambiente. Compreende-se ambiente enquanto um espaço de interação de um organismo, a partir de determinadas condições em um fluxo contínuo de possibilidades relacionais. Para o biólogo evolucionista Richard Lewontin³⁷ (2002, p. 54):

Um ambiente é algo que envolve ou cerca, mas, para que haja envolvimento, é preciso que haja algo no centro para ser envolvido. O ambiente de um organismo é a penumbra de condições externas que para ele são relevantes em face das interações efetivas que mantém com aqueles aspectos do mundo exterior.

Assim, o ambiente é recurso para que o cérebro amplie sua potência e isso tem relação na maneira com que os seres se relacionam. Continuando a discussão sobre cognição corporalizada, pela qual constatou-se que o entendimento de mente se estende para além dos limites da região cerebral, e todo corpo está ativamente envolvido no processo de percepção e desenvolvimento cognitivo, apresenta-se agora a noção de *embodied*, ou mente corporificada. Esse conceito é estudado por

³⁷ Richard Lewontin (1929-2021).

alguns autores como dentre eles a professora e pesquisadora Lela Queiroz (2006), que investiga a relação da dança com os processos de cognição e conscientização.

A noção de *embodied*, ou seja, uma mente corporificada, em que a estrutura dos nossos pensamentos é condicionada pela natureza do nosso corpo leva em consideração a não separação do corpo e mente, como normalmente a noção cartesiana apresenta. Nesta noção, a produção de conhecimento se concentra no exercício mental, exemplificado, por exemplo, na frase "penso, logo existo" do filósofo francês René Descartes. O pensamento cartesiano, traz a metáfora do corpo-máquina – em que o corpo responde ao estímulo do conhecimento produzido e comunicado pela mente, como destaca Queiroz (2006, p. 2): "É como se ainda perdurasse a idéia de que à comunicação estivesse reservado o papel dos significados, e aos movimentos estivessem relegadas as funções mecânicas".

Ao se considerar, em contrapartida, que a produção cognitiva é um processo que se distende para além ação da ação mental, é possível fazer reflexões sobre as transformações da mobilidade discente nas aulas de dança escolar, pelo e no uso de tecnologias específicas e fundamentais para o processo de mediação com os colegas e professores e, por conseguinte, a geração de produção de conhecimento no coletivo.

Se o conhecimento é produzido pela participação do corpo e através de trocas com o ambiente, ao se pensar no contexto da crise sanitária instaurada, questiona-se, por exemplo, como as tecnologias de poder, vistas no capítulo 2, se relacionam ou afastam de uma visão corporalizada da mente? E, de que maneira elas podem ou não contribuir para a regulação de um conjunto de técnicas com o objetivo da subjetivação dos estudantes.

A concepção proposta por George Lakoff cientista cognitivo e linguista, e o filósofo Mark Johnson (1999), e retomada por Queiroz (2006) é de que o processo de conhecimento se dá com a participação ativa do corpo em troca de informações com o ambiente. Nestas trocas, o corpo se adapta e cria novas tecnologias para adaptação e ampliação do conhecimento, como já apresentado, a partir dos estudos de Andy Clark. A mente, para Lakoff e Johnson (1999), surge do processo adaptativo do ser humano para sua auto-organização e conseqüentemente, produção de conhecimento. E ainda, para Queiroz:

Esta tese sustentará que os movimentos são processos intrínsecos à auto-organização do organismo que propiciam a cognição. Com essa compreensão, movimentos poderão deixar de ser tratados apenas como resultados de acionamentos motores, de segunda instância. A adoção do princípio de corporalização/embodiment adquire novo sabor: além de estar em jogo o corpo como um todo, os movimentos que o corpo faz participam ativamente na construção da cognição (QUEIROZ, 2006, p. 15).

A pesquisadora também destaca que neste processo cognitivo o fluxo de troca entre corpo e ambiente é contínuo e os movimentos representam justamente os "processos de organização e de mudança das informações que se transformam em corpo (corporalização/embodiment como internalização de informações) e que, a partir desse corpo, agem no ambiente, modificando-se e modificando o ambiente" (QUEIROZ, 2006, p. 16). Esta organização que o corpo constantemente produz se refere justamente ao processo de autorregulação que os organismos fazem diante das necessidades de adaptações para a permanência no ambiente em que se está inserido. A cada novidade proposta pelo ambiente, há também uma complexidade desenvolvida nos organismos a fim da continuidade de sua existência.

O fluxo de troca entre corpo e ambiente é fundamental para o processo de percepção e conseqüentemente para as atividades cognitivas como discorrem Helena Katz e Christine Greiner (2005) na teoria Corpomídia. A teoria Corpomídia fundamenta-se na ideia de corpo como um sistema, e sendo sistema este corpo interage com o ambiente trocando informações num fluxo constante. Essas informações alteram o ambiente e, este por sua vez também altera o corpo.

Essa relação do corpo com o ambiente faz com que o corpo esteja a todo instante atuando por meio de novas informações que entram em negociação com as já existentes e, nesta troca contínua, o corpo se transforma, ele se torna mídia, por um processo de eleição de informações, que acabam por constituir o próprio corpo:

O corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo é o resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde a informações são apenas abrigadas. É com esta noção de mídia de si mesmo que o corpomídia lida, e não com a ideia de mídia pensada como veículo de transmissão. A mídia à qual o corpomídia se refere diz respeito ao processo evolutivo de selecionar informações que vão constituindo o corpo. A informação se transmite em processo de contaminação (GREINER, 2005, p. 131).

Além do processo de contaminação contínua entre corpo e ambiente processando e produzindo informações, vale ressaltar que neste fluxo corpo-ambiente cada corpo irá processar de formas diferentes as trocas de informações, pois cada corpo tem um modo de perceber, como aborda Helena Katz (2004, p. 121-122):

[...] o corpo comunica a si mesmo e não algo que o atravessa sem modificá-lo [...] também carrega requisitos e limites para se realizar. Todavia, como se trata de um projeto de design em que natureza e cultura não estão separadas, o corpo vive em permanente estado de se fazer presente. E tal condição invalida as tentativas de tratá-lo como objeto pronto, sujeito ou agente de influências. O mais indicado, seria pensá-lo enquanto articulador, propositor e elaborador de informações que o singularizam, pois as trata de modo sempre únicos afinal, cada corpo é um, apesar de todos compartilharem informações com o ambiente.

O corpo se desenvolve a partir desse fluxo de informações pelo qual contamina e é contaminado no entrecruzamento com ambiente em que está imerso, sendo que a percepção desta relação acontece de diferentes modos em cada corpo.

Compreender a participação do corpo e do ambiente nos processos cognitivos parece assim, ser importante para desmistificar, por exemplo, a ideia de que conhecimento se dá apenas por atividade mental, e portanto, as experimentações corporais, a partir do estudo da dança, nas aulas de Arte não seriam tão relevantes para os processos cognitivos. Como consequência direta, em geral, se destinam poucas aulas na grade curricular para apresentação de assuntos que abordam a linguagem da dança e, quando estes assuntos são tratados, devem se limitar a não desestabilizar a ordem do ambiente escolar.

3.3 CORPO AMBIENTE E DISPOSITIVOS DE PODER

A partir da discussão apresentada sobre a relação corpo e ambiente e processos cognitivos, resalta-se que nesta relação corpo e ambiente os dispositivos de poder e controle estão atuantes e, independente da forma como eles se atualizam, sua atuação sobre os corpos já produz diferentes maneiras de conhecer e perceber o mundo. Na sala de aula presencial a disposição das cadeiras em fileiras já pretende organizar os corpos dos estudantes, quanto a posição que este corpo está (mais próximo às cadeiras da frente e próximo à mesa do professor, para se ter mais controle deste corpo, por exemplo). Já no ambiente remoto online a presença de

familiares acompanhando a aula, ou o aparato da câmera frontal do computador ou celular, alteraram a forma como os estudantes interagem ou não durante a aula. Conseqüentemente, a relação de entender o espaço do quarto ou de algum cômodo da casa como o ambiente em que as aulas serão ministradas, transformou o modo de apreensão do conhecimento dos discentes. Isto conseqüentemente irá refletir, por exemplo, no desenvolvimento e experimentação de dança no contexto escolar, neste contexto de ensino remoto.

Dessa forma, interessa relacionar o conceito de mente distendida com a noção de *embodied* para compreender a ação do corpo nos processos de percepção e cognição, entendendo assim, a construção do conhecimento e sua relação com o entorno, inclusive com os aparatos digitais, que como outros elementos podem atuar no controle e transformação dos corpos.

3.4 TRANSFORMAÇÕES NAS RELAÇÕES ESCOLARES EM ENSINO REMOTO

Discute-se sobre o deslocamento do ambiente da sala de aula presencial para a aula online e sobre como este acontecimento trouxe novos fluxos de informações e formas do corpo se perceber neste espaço e se mover. Entretanto, ao entender que dispositivos de poder para a disciplinarização e docilização dos corpos já atuavam no ensino com aulas presenciais pesquisa-se como estes dispositivos de poder e controle se adaptam neste contexto das atividades remotas e, como eles se relacionam com a transformação da mobilidade corporal dos estudantes nessas atividades. Reflete-se, por exemplo, se a presença da câmera, a diferença na gestualidade pelos cliques dos dedos dos estudantes para expressar algo ou questionar se relaciona ou não com os dispositivos de poder e a docilização dos corpos? Podem expressar probabilidades de redução ou amplitudes diminuição de movimentos?

Algumas instituições trabalham com programas de softwares que fazem o registro da presença dos docentes, para efetuar o controle no ambiente remoto da execução de trabalho. Interessante perceber que a partir da demanda das aulas remotas os programas de softwares também buscaram se atualizar para manter a atuação de dispositivos de controle, várias extensões desenvolvidas para auxiliar nos aplicativos de reuniões online foram atualizadas para atuar também na maneira de controlar e registrar a presença dos estudantes. A empresa *google meet* contabiliza mais de 17.000 usuários, com aumento de mais de 60% de uso da plataforma ao dia, como

destaca a reportagem da CNN³⁸ sobre o crescimento da plataforma durante a pandemia. Esta plataforma que antes não tinha tempo limite de duração das reuniões, com este aumento, passou a delimitar o tempo gratuito de reunião, ofertando maior duração para reuniões para clientes que optem por sua assinatura. A plataforma ZOOM³⁹ também ampliou sua rede de usuários, de 10 milhões (em 2019) para 300 milhões, só em 2020. A plataforma além de oferecer maior tempo de reunião para quem optar pela compra de seus pacotes, já anunciou, segundo reportagem do jornal eletrônico *meio e mensagem* que tem trabalhado para ampliar seu alcance, inclusive para este novo cenário de atividades híbridas, ambicionando proporcionar a união de experiências reais e online, num futuro bem próximo. Como Alfredo Sestini *head*⁴⁰ da empresa no Brasil destaca na entrevista:

Nossa plataforma foi construída principalmente para clientes corporativos – grandes instituições com suporte total de TI em sua estrutura. No futuro, prevemos negócios nos setores bancário, de saúde, educação e principalmente PMEs. Com a chegada de milhares de novos usuários, parte do desafio é garantir que forneçamos o treinamento, as ferramentas e o suporte adequados para ajudá-los a compreender os recursos de suas próprias contas e a melhor forma de usar a plataforma (trecho da entrevista ao jornal eletrônico meio e mensagem)

Interessa perceber quais modificações têm sido corporalizadas nos estudantes nas aulas de arte quando o assunto abordado é a linguagem artística da dança e suas especificidades, considerando os dispositivos de poder que cerceiam os comportamentos, corporais, como por exemplo, o corpo sentado, de preferência imóvel, considerado o corpo obediente em sala de aula. É importante frisar que o processo de transformações do e no corpo que se dão pela intensificação do uso de dispositivos digitais e exposição às telas destes dispositivos se delineiam há algum tempo, desde a inserção da internet no cotidiano da sociedade e a interação cada mais intensa

³⁸ RIBEIRO, Denise; WELLS, Anthony. Com a pandemia, demanda por videoconferência dispara em empresas brasileiras. **CNN**, 15 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/com-pandemia-demanda-por-videoconferencias-dispara-em-empresas-brasileiras/>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

³⁹ SACCHITIELLO, Bárbara. Zoom projeta futuro de união entre experiências virtuais e reais. **Meio & Mensagem**, 06 jan. 2022. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2022/01/06/zoom-projeta-futuro-de-uniao-entre-experiencias-virtuais-e-reais.html>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

⁴⁰ Segundo a revista Exame esta profissão tem como função fazer manter a relação e também fazer novos conexões com os canais de distribuição e integradores de soluções. (PATI, Camila. Estes 10 cargos estão em alta e têm salários de até 30 mil reais. **Exame**, 10 ago. 2017. Disponível em: <<https://exame.com/carreira/estes-10-cargos-estao-em-alta-com-salarios-de-ate-30-mil-reais/>>. Acesso em: 15 abr. 2022).

com dispositivos digitais, mas é possível perceber uma intensificação durante a crise sanitária da COVID-19, pela imposição do uso da internet em várias instâncias da vida.

A facilidade de buscar respostas, fazer pesquisas, compras ou até estreitar laços afetivos no ambiente online trouxe modificações para nosso modo de viver. Com a criação de aplicativos (apps) nossos celulares e computadores carregam na tela, à distância de um clique, "soluções" para as atividades e demandas do dia-a-dia. Essa intensificação da relação com os apps trouxe modificações corporais importantes, há uma necessidade crescente de estar sempre atentos para as atualizações e facilidades dos apps para aplicarmos em nossa vida, e essa preocupação, segundo Katz e Greiner (2015) acabou imprimindo a lógica dos softwares e transformando nossa vida e corpo em acordo com a lógica operativa dos aplicativos.

[...] corpo e vida estão ficcionalizados. Foram transformados em aplicativos e, como qualquer aplicativo, passaram a depender de uma administração competente – o que pode ser traduzido como a capacidade de estar sintonizado com os avanços técnicos e os conhecimentos científico mais adequados. [...] Estamos lidando com a vida e com o corpo como se eles fossem agora "programas aplicados" que podem ser redesenhados. As explicações de "como" reprogramar o corpo variam, por isso vivemos num estado de sempre alerta para não perder qualquer mudança nas instruções: carboidratos não devem ser comidos à noite, a taxa limite do colesterol ruim abaixou, sal não pode ser iodado, é preciso fazer intervalos de alguns segundos entre os exercícios para que eles funcionem como devem, etc [...] (KATZ; GREINER, 2015, p. 240).

Importante destacar que a discussão de Katz e a investigação desta pesquisa não propõem, um abandono do uso de aplicativos e de aparatos digitais, mas se voltar para como os aparatos digitais imprimiram outra lógica de funcionamento corporal e, no recorte desta pesquisa, compreender em parte como essas outras lógicas possibilitam transformações no modo dos estudantes compreenderem e produzirem dança.

Esta alteração que não é inédita, ao contrário, reforça, uma das características dos dispositivos de controle, de responderem a uma urgência, sempre se rearranjando às mudanças. Se o contexto se transforma e acarreta alterações para estes dispositivos, de modo a permanecerem atuando; a mente distendida, que se relaciona com estes dispositivos e aparatos, também vai ampliando e mudando a forma da produção dos processos cognitivos.

As tecnologias criadas podem atuar como dispositivos de controle, já que como discutido no capítulo anterior segundo Agamben (2009, p. 29) os dispositivos são um conjunto heterogêneo de elementos, e na relação com o corpo, alteram a

percepção de mundo de cada indivíduo, produzindo novas formas de conhecer e agir no espaço que o cerca.

Ao longo do tempo houveram inúmeras criações tecnológicas que transformaram os corpos, e muitas delas foram utilizadas para a manutenção do controle corporal, a fim de que este continuasse gerando lucro para o sistema capitalista. Agora, no século XXI, tem-se o software, que, além de contribuir para determinadas demandas da vida, pode ser utilizado como dispositivo para reforçar o controle e transformar o corpo em produto lucrativo e adaptado nas relações com este mundo sempre conectado. "O software tornou-se a nossa interface com o mundo, com os outros, com a nossa memória e a nossa imaginação – uma linguagem universal, através da qual o mundo fala, e um motor universal com o qual o mundo funciona" (MANOVICH apud KATZ; GREINER, 2015, p. 242).

O uso intensivo de diversos softwares no cotidiano transformou a lógica de como organizamos nossas ideias e pensamentos e nos relacionamos com o mundo. A configuração do software tem o papel de executar uma ação ou tarefa, como destacam Katz e Greiner (2015) é essencialmente de "ação funcionalista de primeiro grau: ele existe para executar a tarefa X". Ressalta-se, entretanto, que essa lógica funcional tem contaminado nossos comportamentos; gradativamente "vamos passando a nos relacionar com tudo e todos também nesse eixo do 'as coisas são para uma certa função'. E lentamente o 'as coisas passa a ser também 'as pessoas'", como afirmam Katz e Greiner (2015, p. 244).

Essa transformação no corpo se relaciona ao fato discutido anteriormente da relação corpo-ambiente e como essa relação é construída a partir de um fluxo contínuo de informações que o corpo troca com o ambiente que o cerca. Sobre esta relação com aparatos digitais Siedler (2016, p. 29) afirma que a interação crescente com estes aparelhos digitais vai modificar esta relação corpo-ambiente "de modo que certos artefatos digitais *on-line* passam a fazer parte do aparato mental nos processos cognitivos, sob certas condições."

Conectando-se ao recorte desta pesquisa e as discussões do capítulo anterior aqui apresentadas sobre os dispositivos de controle é necessário considerar que, por este estudo de cognição, os próprios dispositivos de poder já estão atuando e construindo modos de cognição diferentes. E estes modos diferenciados, que buscam regular o controle dos corpos necessariamente irá atuar também na forma

como produzimos conhecimento, principalmente no ambiente da sala remota, no contexto das aulas de dança no componente curricular de Arte.

Pautando-se nesses aspectos sobre a organização de aulas remotas online e na possibilidade de levantamento de outras informações a partir da coleta de informações obtidas das respostas dos professores ao questionário. A pesquisa pretende observar as mudanças mais específicas do corpo nas relações com o ambiente da internet e de ensino-aprendizagem remota sob a perspectiva de aulas de dança.

3.5 AMBIENTES ONLINE DE ENSINO: ENSINO EAD X ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Apresenta-se a definição de atividades e aulas remotas e de ensino a distância (EAD) buscando diferenciações entre estes modelos, já que as atividades de ensino remotas emergenciais (ERE) se instauraram de forma diferenciada, a partir do contexto imposto pela pandemia da SARS-CoV-2 (Covid-19) e geram comparações equivocadas, pelo senso-comum, de maneira a ressoar nos fazeres da escola.

A crise sanitária contribui para um deslocamento das relações de ensino-aprendizagem para o ambiente online. Entretanto, este ambiente online já é há alguns anos cenário para experiências de ensino a distância (EAD). Se a experiência com este espaço online não é nova a partir da crise sanitária, o que diferencia o ensino remoto emergencial (ERE) e o ensino a distância?

O termo ensino a distância surgiu ainda no século XVIII para nomear o ensino feito através de correspondências. Essa modalidade de estudo surgiu como resposta a tecnologia da imprensa e a atuação dos correios, como ressalta Paiva (2020). Com o avanço e criação de novas tecnologias como a televisão e posteriormente a internet, o ensino a distância foi ganhando novas ferramentas para a produção e compartilhamento dos materiais.

A educação a distância no Brasil, iniciou a partir dos primeiros anos de 1900, como Silva e Sousa (2021) apresentam. Inicialmente o procedimento era por trocas de correspondências para determinados cursos, como de datilografia, se expandindo para a modalidade radiofônica e também para outros cursos como o de línguas (SILVA; SOUSA, 2021, p. 66063). A medida que os anos passam novos caminhos para a EAD vão surgindo no país, com o aumento de cursos profissionalizantes a distância, cursos televisionados e a criação de cursos superiores, tendo como

instituição pioneira a Universidade de Brasília (UnB) a instaurar a modalidade à distância em 1989.

Importante ressaltar que apesar do constante avanço a normatização do sistema de educação a distância só ocorrerá em 1996, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) e também pela criação da Secretaria de Educação à Distância (SEED), no mesmo ano.

Com o avanço das tecnologias digitais e propagação da internet, a modalidade do ensino a distância foi se popularizando e se desenvolvendo cada vez mais; softwares são instalados nos computadores para trazer melhorias a esta modalidade de ensino e se desenvolve também os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs)

Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), também chamados de Sistemas Virtuais de Aprendizagem, ficaram populares no Brasil no final da década de 1990, e é sempre bom lembrar que a web com interface gráfica, como conhecemos hoje, só chegou ao Brasil em 1997. O embrião dos AVAs pode estar no projeto PLATO, um sistema de autoinstrução para um grande número de aprendizes que foi usado para o ensino de muitas línguas (LEVY, 1997) (PAIVA, 2020, p. 60).

O EAD é caracterizado por uma série de regulamentações legais, o Ministério da Educação define a modalidade de educação a distância como aquela:

[...] na qual alunos e professores estão separados, física ou temporalmente e, por isso, faz-se necessária a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação. Essa modalidade é regulada por uma legislação específica e pode ser implantada na educação básica (educação de jovens e adultos, educação profissional técnica de nível médio) e na educação superior.⁴¹

Desta forma, uma das primeiras características que diferenciam a modalidade EAD é o fato da aprendizagem pelo discente acontecer em um local diferente do local em que o docente está apresentando o conteúdo. Outro fator a ser destacado é que para se efetivar são necessárias "técnicas especiais de criação do curso e de instrução, comunicação por meio de várias tecnologias e disposições organizacionais e administrativas especiais" (MOORE; KEARSLEY, 2007). Há um esforço em criar diretrizes pedagógicas para uma metodologia de ensino em que o estudante tem

⁴¹ BRASIL. Ministério da Educação. **O que é educação à distância**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12823:o-que-e-educacao-a-distancia#:~:text=Educa%C3%A7%C3%A3o%20a%20dist%C3%A2ncia%20%C3%A9%20a,tecnologias%20de%20informa%C3%A7%C3%A3o%20e%20comunica%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

papel ativo de responsabilidade e autonomia em todo o processo de aprendizagem, sem deixar de contar com o suporte de tutores e materiais didáticos desenvolvidos para facilitar a compreensão de cada assunto abordado. Portanto trata-se de um ensino de lógica colaborativa focando no entendimento de metodologias ativas.⁴²

A legislação garante que o Ministério da Educação fiscalize as instituições que atuam com cursos EAD, para que todos os requisitos sejam seguidos e também analise outras universidades que desejam atuar com EAD em suas unidades. Os cursos nesta modalidade normalmente oferecem, além do AVA, aulas assíncronas e síncronas; chat para interagir com o professor a partir das discussões em sala; tutoria para tirar possíveis dúvidas, e aplicação de provas, normalmente presenciais, feitas no pólo da instituição.

Diferentemente da estrutura e funcionamento da modalidade de educação à distância, a partir de 2020, um termo relacionado a atividades no ambiente online começou a ser amplamente utilizado: o ensino remoto emergencial (ERE). Este termo foi designado para caracterizar as atividades educacionais feitas em caráter de urgência. A Coordenadoria de Integração de Políticas de Educação à Distância (CIPEAD) classifica o ERE como: "uma solução temporária e estratégica que permitirá, no contexto da Pandemia de Covid-19 – proporcionar à comunidade acadêmica a possibilidade de manter, dentro das circunstâncias possíveis, as atividades de ensino." Como o nome já nos apresenta o contexto destas atividades educacionais se dá por uma urgência estabelecida

[...] esse tipo de abordagem envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas para a instrução ou a educação que, de outra forma, seriam ministradas presencialmente ou como cursos combinados ou híbridos, e que retornarão a esse formato assim que a crise ou emergência tiver diminuído (PAIVA, 2020, p. 62).

O ensino remoto emergencial, se coloca como alternativo no ambiente online como uma possibilidade de ajuste devido a uma circunstância imposta não esperada.

⁴² Estas metodologias se baseiam na compreensão de que o conhecimento se faz pela interação com questão ou objeto analisado e, não por uma apresentação no formato de depósito de informação feito apenas por quem se propõe a ensinar. Como destaca Vanacor, estas metodologias "não possuem uma corrente única de pensamento nem têm um roteiro e um conceito engessado [...]" (VANACOR, Paula. 6 metodologias ativas para revolucionar suas aulas. **Elos Blog**, 18 fev. 2021. Disponível em: <https://blog.elos.vc/6-metodologias-ativas-para-revolucionar-suas-aulas/#utm_source=Blog&utm_medium=Blog_Elos&utm_campaign=CTA_Metodologias_Ativas>. Acesso em: 28 jan. 2022).

Nesta modalidade a intenção é adaptar atividades que antes seriam presenciais, a fim de gerar menos danos na relação com o ambiente educacional a partir do contexto de crise apresentado. Como principais aspectos que diferenciam o ensino remoto emergencial da educação à distância podemos destacar primeiramente a ausência de cursos e capacitação de professores, já que os docentes se viram forçados pelo contexto de crise sanitária a adaptar as aulas para o ambiente online, a fim de que os estudantes não ficassem sem processo de aprendizagem.

A falta de uma preparação prévia também obrigou que os planejamentos pedagógicos feitos para uma modalidade presencial fosse reajustada de forma abrupta, o que se pode caracterizar como segunda característica de diferenciação, já que, como mencionado, o EAD opera com aplicação de metodologias e planejamentos pedagógicos específicos para o ambiente online. A terceira diferenciação entre ERE e EAD se dá pela questão de acesso à internet. Na educação à distância, o acesso é garantido, e mesmo que o aluno não possua acesso à internet em sua casa, ele pode assistir as aulas e fazer as atividades nos computadores disponíveis no polo. A situação emergencial da crise da doença COVID-19, acabou evidenciando um problema antigo no país que é a desigualdade de acesso à aparatos digitais com acesso à internet. Mesmo quando falamos do recorte desta pesquisa que observa as escolas da rede privada, não se pode garantir a mesma qualidade de acesso às plataformas das aulas, nem a qualidade dos equipamentos (câmera, microfone, fone de ouvido, computador, entre outros). A última característica a ser destacada é quanto à comunicação e ao desempenho do estudante. Na modalidade à distância o aluno conta com fóruns, o próprio chat, e o acompanhamento de um tutor, para tirar dúvidas, e expandir as discussões. A participação do aluno a partir das plataformas criadas e pensadas para esta modalidade conseguem mostrar qualidade e desempenho de cada discente no processo de aprendizagem. No ensino remoto, pelo fato de não garantir os mesmos equipamentos e acesso com qualidade, o aluno pode não obter um bom desempenho, além de não contar com a estrutura de apoio para sanar possíveis dúvidas, que possam ter permanecido mesmo com a explanação durante a aula.

Vale ressaltar que diante da diferenciação das terminologias, esta pesquisa se volta para observar as transformações ocasionadas pelos dispositivos de controle e poder na sala de aula que precisou se adaptar a este ambiente remoto emergencial, devido a crise sanitária da SARS-CoV-2 (Covid-19) Tendo em vista que o ensino

online já é uma atividade que ocorre há muitos anos na modalidade EAD, o que interessa observar no objeto de pesquisa é como as relações com os dispositivos de controle e poder se dão e transformam o corpo no ambiente escolar que se tornou de forma emergencial online para experimentar na prática possibilidades para manter as atividades escolares no período de isolamento social devido a crise sanitária do SARS-CoV-2 (Covid-19).

Por se tratar de uma pesquisa sobre possíveis transformações na mobilidade corporal dos estudantes a partir do deslocamento para aulas remotas, devido à crise sanitária do SARS-CoV-2 (Covid-19), é necessário contextualizar o momento para compreender melhor o recorte do estudo.

3.6 CONTEXTO DA CRISE SANITÁRIA

Segundo o site da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), a crise do SARS-CoV-2 (Covid-19), se inicia, na cidade Wuhan distrito de Hubei, na China, quando a OMS foi notificada, em 31 de dezembro de 2019, sobre novos casos de pneumonia. A investigação destes casos, trouxe o conhecimento do surgimento de um novo tipo de coronavírus. Ainda segundo a OPAS os coronavírus

[...] são a segunda principal causa de resfriado comum (após rinovírus) e, até as últimas décadas, raramente causavam doenças mais graves em humanos do que o resfriado comum. Ao todo, sete coronavírus humanos (HCoVs) já foram identificados: HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoV-HKU1, SARS-COV (que causa síndrome respiratória aguda grave), MERS-COV (que causa síndrome respiratória do Oriente Médio) e o, mais recente, novo coronavírus (que no início foi temporariamente nomeado 2019-nCoV e, em 11 de fevereiro de 2020, recebeu o nome de SARS-CoV-2). Esse novo coronavírus é responsável por causar a doença COVID-19.

Devido à alta proliferação do vírus e do crescente número de mortes, no mês de janeiro de 2020 a OMS, comunicou como Emergência de Saúde Pública de importância Internacional (ESPII) e com a constante contaminação em vários países do mundo, no dia 11 de março de 2020 a OMS classificou a COVID-19 como uma pandemia devido aos altos índices de contaminação em diferentes países.

O vírus SARS-CoV-2 (Covid-19) se espalha em ambientes internos ou externos, com aglomerações. Cientistas observaram que a contaminação acontece pela boca e ou nariz, por meio de gotículas contaminadas que se espalham pelo ar,

em ações cotidianas como falar, espirrar, tossir, cantar, respirar, podendo se deslocar a mais de um metro. Sem uma medida de combate para erradicar o vírus SARS-CoV-2 (Covid-19), como a criação de uma vacina, até o primeiro momento, o mundo se deparou com um cenário atípico, e por isso foi necessário investigar quais ações poderiam conter o avanço da contaminação e, conseqüentemente o alto número de mortes, que se agrava nos continentes.

Como principais medidas de combate ao SARS-CoV-2 (Covid-19) estimuladas pela OMS destacam-se o isolamento e distanciamento social em grande escala (*lockdowns*), cancelamento de atividades que gerassem aglomerações, uso de máscaras para cobrir corretamente nariz e boca, higienização correta das mãos com sabão ou álcool em gel.

O confinamento devido à diminuição de atividades que estimulam aglomeração e maior circulação do vírus SARS-CoV-2 (Covid-19) acarretou inúmeras mudanças na sociedade brasileira, inclusive no corpo. O lugar do corpo na crise sanitária que se instaurou a partir do SARS-CoV-2 (Covid-19) é de interesse da pesquisa, visto que o próprio objeto deste estudo se volta para a investigação dos dispositivos de poder e controle atuantes na sala de aula, e como estes dispositivos transformavam a movimentação dos estudantes nas aulas de Arte, quando abordado a linguagem da dança. Com o deslocamento, devido a crise sanitária, para aulas remotas surgiu o interesse de investigação sobre como se dariam as relações de ensino-aprendizagem em dança no ambiente online, e de que maneira os dispositivos de poder poderiam atuar nos corpos dos estudantes, transformando a movimentação dos mesmos.

Importa apresentar o contexto do impacto do SARS-CoV-2 (Covid-19) discorrendo sobre a definição do termo e aplicação do mesmo a partir da situação apresentada pela proliferação do vírus, que ocasionou o isolamento domiciliar e a interrupção das atividades presenciais em vários setores, dentre eles a escola. Em acordo com Katz (2020), o termo pandemia é inadequado, uma vez que se baseia nas diferenciações dos ambientes onde a SARS-CoV-2 (Covid-19) se instala.

O termo pandemia é utilizado em nossa sociedade para designar algum tipo de doença infecciosa que desenvolve uma epidemia, que não se contém ao limite de origem, mas acaba se espalhando por uma região mais ampla. Entretanto, Katz (2020) nos apresenta algumas observações importantes, para entendermos esse contexto da proliferação do vírus Sars-CoV-2 em 2020, como um contexto não

uniforme, visto que a doença SARS-CoV-2 (Covid-19) se apresenta de diferentes maneiras diante das desigualdades sociais de cada país:

Em "pandemia", associamos duas situações distintas. Uma é a ação, de alcance "pan", do coronavírus Sars-CoV-2, que causa a doença Covid-19, contamina regiões distintas do mundo e mata pessoas em todas elas; e a outra, diferente desta, é a condição para que a doença e sua contaminação ocorram, e essa condição não é "pan", mas estritamente local. Em cada lugar ela se estabelece de formas e modos distintos, que dependem das características das políticas de saúde e da situação da desigualdade social preexistentes (KATZ, 2020, p. 8).

Assim, ao nos referirmos ao termo "pandemia", podemos muitas vezes deixar de lado a análise que vai além do alcance a regiões, e que se relaciona a maneira como a doença chega a contextos em que os índices de desigualdade já os diferenciam e dificultam a contenção da doença, por falta de recursos nos hospitais, de subsídios do governo para distribuição de materiais preventivos (como máscaras e álcool em gel) e a má distribuição de renda que permite que alguns corpos, necessitam se expor mais a doença a fim de manter o emprego ou procurar um.

Este olhar que Katz traz para as diferenças de como a epidemia atravessa os diversos contextos da população também reforça a manutenção de uma biopolítica, já que nesta configuração da epidemia existem alguns corpos mais "disponíveis" e "autorizados" a serem contaminados: é como se a desigualdade e a falta de estrutura a qual parte da população brasileira está exposta, legitimasse o risco de morte de parte da sociedade.

Dessa forma, é importante entender a dimensão contextual para que, ao se mencionar a palavra pandemia, se recorde que mesmo ela se referindo a uma crise epidêmica mundial, seus efeitos sobre os corpos dos indivíduos não serão os mesmos, posto que seu alcance e ação afetam áreas com recursos para enfrentamento da crise desiguais.

Crise – que envolve tanto o perigo quanto o risco – é o que emerge quando os limiares da situação que é tida como normal são ultrapassados pelo que não estava previsto e tampouco controlado, não sendo possível restabelecer o que existia antes. Uma crise sanitária, como toda crise, pede intervenção urgente sobre as ameaças e as incertezas que ela traz. Tanto a sua gravidade quanto as possibilidades de recuperação dependem das vulnerabilidades existentes (KATZ, 2020, p. 25).

A palavra "crise" já traz à tona a ideia de desordem e desequilíbrio, ou seja, o contexto de desigualdade, o qual foi discutido anteriormente. Este panorama, que é herança do colonialismo e de manutenção biopolítica para prosseguir a regulamentação e controle dos corpos, se faz presente no contexto instaurado em março de 2020, alterando toda a dinâmica do cotidiano que se apresentava até então nas diversas esferas da sociedade, inclusive no ambiente escolar.

Como já discutido, a crise sanitária se apresentou de formas diferentes em cada região do país. Com a instauração de um vírus desconhecido, os índices de contaminação e morte aumentando em todo mundo, buscou-se medidas para conter, em alguma forma, a crise epidêmica crescente.

A partir deste cenário, dentre as orientações para conter o avanço do vírus mais indicadas pela maioria dos países destaca-se: o uso de máscaras, álcool em gel ou álcool 70 para higienização, quando não fosse possível lavar as mãos, a não aglomeração de pessoas e o isolamento social. Este último sendo indicado por cientistas e especialistas como medida eficaz para conter a transmissão rápida do vírus. Assim, muitas atividades presenciais foram se deslocando para o ambiente online, uma delas foram as atividades escolares, que no setor privado, se adaptaram para aulas online remotas.

Entendendo que o contexto de proliferação do vírus SARS-CoV-2 (Covid-19) não se dá de forma semelhante nos diferentes contextos socioeconômicos em nosso país, é necessário observar também que o momento de isolamento social, por não ter sido premeditado, trouxe um cenário de alto índices de mortes, colapso no sistema de saúde brasileiro, devido as superlotações dos hospitais e transformações no corpo da população em geral.

Uma reportagem de abril de 2021 no site da CNN Brasil, apresenta alguns dados médicos que revelam as transformações que a crise sanitária acarretou aos corpos, mesmo para quem não contraiu a doença. Médicos e especialistas afirmam que o contexto imposto pela COVID-19 possibilitou transformações por exemplo o aumento de doenças como depressão, ansiedade, em que "[...] 4 mil brasileiros adultos, mostrou que 40,4% dos participantes se sentiram frequentemente tristes ou deprimidos; e 52,6%, ansiosos ou nervosos." (CENTOFANTI. 2021), além de problemas na saúde mental de muitos brasileiros, a crise sanitária também correlacionada a problemas com insônia, aumento de peso, o alto índice de consumo de bebidas alcoólicas e cigarro, aumento no número de internações por AVC (acidente vascular

cerebral) e infarto. Este aumento de internações, ainda segundo a reportagem, é reflexo tanto de consequências da contração do vírus, como também pelo receio de pacientes manterem o acompanhamento de quadros de doenças crônicas e contraírem a doença nos ambientes dos hospitais e unidades básicas de saúde (UBS).

Outra consequência desta relação é que com o isolamento social muitas atividades de trabalho necessitam se adaptar para o *home office*, dentre os setores que fizeram as adaptações para o regime de trabalho remoto e domiciliar estão as escolas.

3.6.1 O ambiente escolar no contexto de crise sanitária

Como o ambiente escolar é assunto de interesse ao objeto desta pesquisa, é necessário discorrer brevemente sobre como as transformações ocasionadas pela chegada do vírus SARS-CoV-2 (Covid-19) afetaram a dinâmica escolar, contribuindo para transformações nos corpos dos professores e estudantes. O questionário aplicado aos professores de escolas privadas do ensino fundamental II de algumas cidades no estado do Paraná coletou informações a fim de observar quais as transformações ocasionadas principalmente no movimento dos corpos dos estudantes. Entretanto é importante destacar que o cenário desafiador que se apresentou a partir da instauração da crise sanitária trouxe inúmeras modificações nos corpos dos docentes, também.

A mesma reportagem da CNN Brasil, ainda destaca, por exemplo, o aumento de dores nas costas, pescoço, lombar, lesões no punho, entre outras, já que, o ambiente de trabalho, foi adaptado conforme o espaço de cada família, e também muitas vezes pensando na logística de permitir que os outros membros que também estavam em *home office*, executassem suas atividades de trabalho. Além das dores físicas, a ansiedade pelo cenário de uma doença que se alastrava rapidamente, muitos docentes tiveram de lidar com o luto pela perda de seus entes, ou a incerteza de permanência no emprego visto que a crise financeira afetou muitas instituições escolares.

Com o trabalho sendo executado em casa, os limites entre a hora de descanso e o momento de preparar ou de ministrar as aulas ficaram mais diluídos. Mensagens de alunos ou pais, diretamente no aplicativo de mensagens instantâneas nos telefones celulares dos docentes. A própria presença de familiares ou integrantes da coordenação do colégio assistindo as aulas, a gravação das aulas para consulta

dos alunos ou de terceiros, também parecem reforçar um ambiente de trabalho mais controlado.

Há de se reforçar que, mesmo com diferenças entre cada instituição, as escolas privadas costumam ver o aluno, a partir da ótica capitalista e mercadológica, como um cliente que adquire um produto (o ensino das disciplinas) e espera-se que o contratante fique satisfeito com o produto adquirido. Por isso, as relações nos setores privados de ensino costumam ser mais delicadas e, com o cenário da crise sanitária, exigiu-se mais da classe dos professores, que se viu num esforço ainda maior para manter seus vínculos empregatícios em meio a uma crise também econômica que se intensificou no país, devido também a falta de preparo e má gestão do governo federal.

Na experiência que vivenciei e que compartilhei com meus colegas de profissão nas aulas remotas durante a crise sanitária, era perceptível o cansaço e estresse diante da pressão de um cenário que não foi planejado, ou muito menos esperado. A rápida adaptação às plataformas de reuniões para as aulas e as inúmeras tentativas de testar possibilidades para trazer aos estudantes um momento de aprendizagem com mais qualidade, somadas à cobrança da própria instituição e a incerteza da garantia de nossos empregos e salários, fez com que eu e muitos colegas compartilhassem momentos de muito estresse, ansiedade, dores no corpo, crises de choro e maior índice de irritação. Assim como eu, muitos relataram que foi necessário consultas a especialistas e tratamentos com medicamentos para cenários de crise de ansiedade e ou depressão que se instalaram. O corpo dos docentes também sentiu, pois o cenário das relações educacionais se transformou para todos. Com a atuação de dispositivos deslocados para o ambiente remoto, o corpo respondeu e aprendeu, a partir do contexto, novas formas de se adaptar e produzir conhecimento.

Assim, o que se deseja ressaltar na pesquisa é que os dados coletados no questionário, sobre as transformações ocorridas nos movimentos dos corpos dos estudantes nas aulas de dança, na disciplina de arte, não pode desconsiderar os efeitos deste lugar do corpo na crise sanitária no qual estudantes e professores tiveram de se adaptar, sem planejamentos prévios, nem sempre da melhor maneira, mas da maneira que era possível. Já que como Katz (2020) reforça, a crise sanitária se apresenta de formas diferentes aos contextos igualmente diferentes existentes na nossa sociedade.

4 UM OLHAR ESPECÍFICO PARA O ENSINO REMOTO

Ao elaborar essa pesquisa que reflete sobre dispositivos de poder, especialmente a partir do contexto e acontecimento da pandemia no ensino remoto e, ao desenvolver o capítulo três, observando como operam tecnologia e cognição para entender como o corpo e o movimento se encontram frente às telas dos dispositivos eletrônicos como celulares e computadores, evidenciou-se a necessidade de verificar como algumas destas relações se deram durante o período de transição entre ensino presencial e remoto. Para tanto, se entendeu necessário levantar e coletar dados sobre como os docentes perceberam ou não mudanças no comportamento corporal de seus estudantes nesse período de transição entre os meses de abril e dezembro de 2020, visando testar a hipótese desta pesquisa.

Entendendo conforme Bunge (2006), que indivíduos e organizações podem modificar seu ambiente, assim como podem ser modelados pelo comportamento deste último, a lógica utilizada neste capítulo é guiada pela necessidade de checar os componentes e as relações das unidades de análise⁴³ – docentes e estudantes de dança e de artes do ensino fundamental II, do sexto ao nono ano, em relação ao posicionamento e movimento do corpo dos estudantes no período de transição entre os ensinamentos presencial e remoto. Os objetivos se voltaram para a observação de como foi ocorrendo a transformação da movimentação corporal nas aulas de dança a partir do deslocamento de dispositivos de poder para a aula remota, tendo como contexto o ensino fundamental II, em escolas privadas, a partir da crise sanitária da COVID-19. E para isto, foi necessário, primeiramente, se aproximar do conceito de dispositivo de controle e da evolução do termo através da noção de biopolítica, em seguida, estudar autores que discutem a relação de corpo e ambiente como Christine Greiner e Helena Katz (2005), Helena Katz (2004) e Lela Queiroz (2006) para compreender melhor de que maneira a relação corpo-ambiente afeta, por exemplo uma movimentação corporal e, para essa dissertação, como essa noção e conceito pode subsidiar o olhar para a sala de aula remota, imposta pela crise sanitária da COVID-19. Também, essa pesquisa se pautou em levantar outras vozes e pontos de vista sobre o problema e hipótese desta dissertação para realizar uma reflexão crítica a partir das discussões apresentadas na revisão bibliográfica.

⁴³ Os questionários foram encaminhados a professores, porém a unidade de análise considera os professores e os alunos em virtude de que há questões que solicitam relatos dos professores.

Assim, para a aplicação da metodologia foi desenvolvido um questionário semiestruturado aplicado a professores do ensino fundamental II da rede privada que vivenciaram as aulas remotas.

A escolha de professores de escolas privadas se deu, primeiramente, pela própria experiência da pesquisadora em questão como professora de arte da rede de ensino particular desde 2019. O foco em professores do ensino de dança ou de arte se deu pelo fato, de que, a maioria das instituições educacionais não contrata um docente para cada linguagem específica de arte e, muitas vezes, o docente deve atuar em ensino polivalente abordando todas as linguagens.

Desse modo, o resultado será obtido a partir do estudo de dados levantados e coletados por meio de questionários que conforme Cervo e Bervian (2002, p. 48) assinalam: "o questionário é a forma mais usada para coleta de dados, pois possibilita medir com melhor exatidão o que se deseja". Os questionários foram enviados a uma amostra⁴⁴ composta de uma população constituída de dezoito professores do ensino de dança ou de arte do ensino fundamental II dos anos finais – 6.º ao 9.º anos. Destes, responderam ao questionário dezesseis docentes.

Os dados coletados são provenientes de dezesseis diferentes escolas privadas, das cidades paranaenses de Guarapuava, Ponta Grossa, União da Vitória, Colombo e Curitiba, por serem estas cidades paranaenses no mesmo estado no qual a pesquisadora conhecia e professores de artes vinculados às séries delimitadas pela pesquisa. Dos dados coletados, 5 questionários foram de professores residentes em escolas privadas da cidade de Guarapuava-PR; dois questionários de docentes que residem em Ponta Grossa-PR, um questionário de um docente residente em União da Vitória-PR; um questionário de um docente de Colombo-PR; e os 7 questionários restantes de docentes que residem em Curitiba.

De todo modo, os questionários respondidos apresentam uma diversidade de fatores por serem de diferentes cidades e escolas. Destaca-se que as escolas nas quais foram aplicados os questionários, não possuíam nenhuma atividade online ou aulas síncronas antes da pandemia e, a partir deste acontecimento tiveram de se adaptar ao ensino remoto.

⁴⁴ Segundo Marconi e Lakatos (2006, p. 30) "a amostra é uma parcela convenientemente selecionada do universo (população); é um subconjunto do universo".

A opção por este instrumento de pesquisa semiestruturado se deu por poder detalhar por meio de perguntas abertas, semiabertas e fechadas, tanto uma percepção dos docentes, quanto uma visão de como os estudantes da faixa etária entre 11 a 14 anos, modificaram ou não seus modos de estar e de participar em aulas quanto a detalhes sobre gestos, posicionamento do corpo e reações como *likes* ou de movimentos durante as aulas neste período entre abril e de 2020 a julho de 2021. Isso possibilitou enriquecer ainda mais as perguntas e conseqüentemente, as respostas fornecidas pelos docentes incrementando com dados quantitativos e qualitativos, a leitura dos dados obtidos. O questionário foi enviado no mês de novembro de 2021 à docentes de escolas das cidades mencionadas, que tiveram o prazo de um mês e meio para que respondessem e os retornassem à pesquisadora.

Tomou-se como recorte temporal para a elaboração das perguntas do questionário o período entre abril e dezembro de 2021, considerando como explanado, este início de transição do ensino.

O questionário foi organizado em categorias relacionadas a questões e objetivos da pesquisa que dialogam com a estrutura da dissertação em seu problema e hipótese e, por conseguinte, com conceitos e noções desenvolvidas nos capítulos dois e três dessa dissertação. As categorias, portanto, reafirmam o lugar dessa pesquisa em relação à área de conhecimento da dança (Categoria Relação com a dança); a transição de aulas presenciais para as aulas remotas pela perspectiva do docente que inclui o modo de organização espacial das salas (Categoria A transição para Docentes e o Ensino da Dança); o questionamento sobre as transformações de movimentos corporais dos estudantes (Categoria Movimento Corporal) e sobre a percepção dos docentes quanto a presença de dispositivos de poder (Categoria Dispositivos de Poder). Ou como a seguir:

- Relação com a dança;
- A transição para docentes e o ensino da dança(referente à transição de aulas presenciais para as aulas remotas);
- Movimento corporal;
- Dispositivos de poder.

4.1 QUESTIONÁRIO - DISCUSSÃO A PARTIR DE DADOS LEVANTADOS JUNTO A PROFESSORES DE COLÉGIOS PRIVADOS DE GUARAPUAVA, PONTA GROSSA, UNIÃO DA VITÓRIA, COLOMBO E CURITIBA, DO ENSINO FUNDAMENTAL II, SOBRE DISPOSITIVOS DE CONTROLE E MUDANÇAS, DO MOVIMENTO CORPORAL FRENTE ÀS TELAS

Neste item são discutidos os dados coletados no questionário apresentando os resultados reproduzidos em gráficos de setores e gráficos de formato barra tridimensionais devendo ser interpretados obedecendo à abordagem qualitativa, uma vez que, conforme assegura Roesch (1999, p. 124), esta "envolve uma instância teórica que, de maneira consciente, procura suspender suposições descuidadas sobre significados compartilhados, mas permanece aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos". Outro gráfico apresentado para discussão dos dados coletados é a análise de similitude, através do software gratuito *IRAMUTEC*. Esse software, de acordo com Camargo e Justo (2013, p. 516) é utilizado para:

[...] diferentes tipos de análise de dados textuais, desde aquelas bem simples, como a lexicografia básica (cálculo de frequência de palavras), até análises multivariadas (classificação hierárquica descendente, análises de similitude). Ele organiza a distribuição do vocabulário de forma facilmente compreensível e visualmente clara (análise de similitude e nuvem de palavras).

Para a discussão nesta pesquisa se utilizou da análise de similitude, que de acordo com Klamt e Santos (2021, p. 9)⁴⁵

[...] permite entender a estrutura de construção do texto e temas de relativa importância, mostra as palavras próximas e distantes umas das outras, ou seja, forma uma árvore de palavras com suas ramificações a partir das relações guardadas entre si nos textos.

Assim, esta forma de análise permite perceber as ligações possíveis entre as palavras de um determinado conjunto de dados coletados. A apresentação de diferentes tipos de gráficos para apresentação da discussão dos dados obtidos

⁴⁵ Sobre a análise de similitude através do software *IRAMUTEC*, ainda destaca-se: "A análise de similitude, ou de semelhanças, tem suas bases na teoria dos grafos, parte da matemática que trata das relações que ocorrem entre os objetos em um conjunto, ela possibilita identificar as ocorrências entre palavras." (Salviati, 2017 apud KLAMT; SANTOS, 2021, p. 7).

permitiu uma leitura qualitativa subsidiada também pela leitura quantitativa de dados, por mais que não venham a ser os mais relevantes dados, os quantitativos, pelo próprio recorte da coleta de dados, em se considerando o foco de dezesseis escolas de algumas cidades do estado do Paraná; ao mesmo tempo em que cabe considerar que dados quantitativos, em alguma escala, contribuem para uma leitura qualitativa.

4.2 QUESTIONÁRIO: CATEGORIA RELAÇÃO COM A DANÇA

Nesta primeira categoria do questionário, as perguntas se voltaram para a investigação de como cada docente se relaciona com a dança e qual sua formação. A intenção era saber de que maneira os docentes se relacionam com alguma prática de dança e se de alguma forma isso influencia na escolha como cada um optou por abordar os aspectos da linguagem da dança em sala de aula.

Ao analisar as respostas, percebeu-se uma ausência de professores com formação específica em dança, ou com vivências frequentes em alguma prática. Interessante pontuar que, estas mesmas pessoas, ao longo do questionário, relatam que vivenciaram dificuldades em desenvolver os conteúdos próprios da dança de maneira mais aprofundada.

Importante frisar que a dificuldade vivenciada não se inicia no momento da crise sanitária, este cenário já se delineava antes e acaba indicando como a falta de vagas e incentivo governamental para contratação de professores de cada linguagem artística sobrecarrega a classe de docentes e também restringe o acesso mais profundo aos conteúdos de cada linguagem artística.

Mesmo com dificuldades, ao longo do questionário estes docentes relatam como buscavam formas de apresentar os conteúdos da dança, como a apresentação de vídeos, sequências corporais gravadas por dançarinos para que os estudantes aprendessem e a partir dela criassem uma composição; ou apresentações de vídeos de diferentes modalidades para analisar juntamente com os estudantes quais aspectos diferenciam cada modalidade. Mas o deslocamento abrupto para o ambiente online contribuiu para o aumento das dificuldades de se criar caminhos para se abordar a dança aos estudantes no período de isolamento social, como destaca o professor G:

Alguns alunos se recusavam a participar das aulas on-line, outros não conseguiam se adaptar causando problemas até mesmo em suas notas e desempenho escolar, outros pediam ajuda aos professores e pais para dar

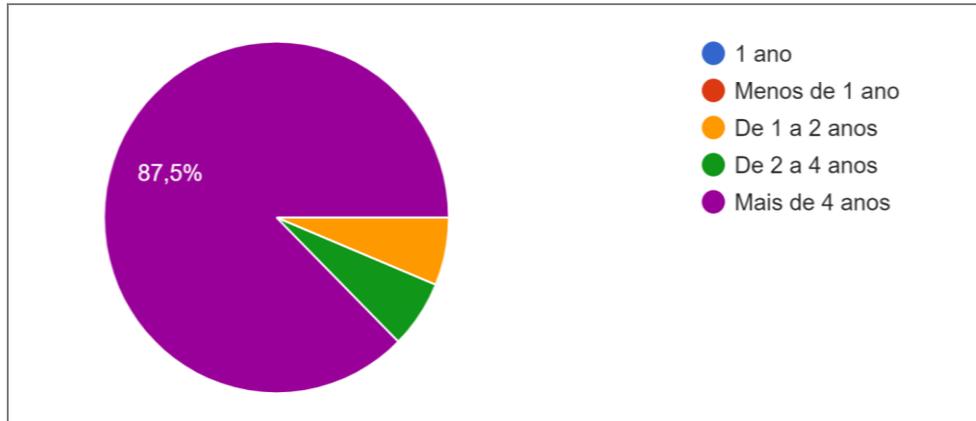
conta das atividades, etc. Além das dificuldades de acesso e adaptação para o modo remoto, muitos também enfrentavam problemas na família, de saúde, desemprego e até mesmo problemas emocionais e psicológicos, o que acabava interferindo em suas atividades escolares.

Interessante notar também que este indício da falta de professores com formação própria em dança parece contribuir para um ensino voltado não para o conceito de corpo como produtor de conhecimento, discutido no capítulo três. Como consequência, percebe-se nos relatos ações desenvolvidas para aulas mais expositivas, ou até mesmo práticas mais teóricas, distanciando-se, dessa forma, de experimentações que priorizem a relação corpo e espaço, e ampliem a percepção dos estudantes sob esse aspecto. Isso foi percebido, por exemplo, na categoria seguinte, quando os docentes relataram sobre as adaptações necessárias a partir da transição para o ensino remoto. A professora T destacou sobre esta dificuldade:

Buscar danças que eu poderia apresentar, sem ter formação na área, que estivesse ligada ao planejamento apresentado pela rede. Depois disso aulas que poderiam ser exploradas em vídeo e (ou) com propostas para prática e em especial para a teoria. Todas elas sempre pensando, em primeiro lugar na proposta educacional, depois no aluno e finalizando com o meu conhecimento (ou falta dele) para trabalhar com o objeto de estudo, sem prejudicar educandos com talento e (ou) com aqueles que não gostam da dança.

Nesta categoria foi questionado sobre a quantidade de tempo de trabalho como docentes em Arte e (ou) Dança em escolas do ensino fundamental II, e o interesse ao desenvolver esta pergunta se deu para o fato de poder observar a experiência dos docentes no seu ofício e também investigar se eles já atuavam nas escolas antes da pandemia. Do espectro de respostas coletados, a maioria já atua há mais de 4 anos, contabilizando 87,5%, 6,3% atuam a menos de 2 anos e 6,3% atua de 2 a 4 anos, como destaca o gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Quantidade de tempo de trabalho como docentes em Arte e (ou) Dança em escolas do ensino fundamental II



Fonte: Questionário (Apêndice).

4.3 QUESTIONÁRIO: CATEGORIA TRANSIÇÃO PARA DOCENTES E O ENSINO DA DANÇA

Na categoria transição para docentes e o ensino da dança, o objetivo das perguntas se voltava para observar o paralelo entre as práticas feitas pelos docentes antes da crise sanitária e as adaptações feitas a partir das aulas remotas. A intenção ao criar esse paralelo de comparação era investigar como a dança era apresentada ainda na sala presencial, e como ocorreu a transição para a sala remota, percebendo de que maneira os docentes abordavam a dança na sala presencial e quais caminhos escolhidos para experimentações feitas remotamente.

A intenção era perceber se houve mudança no tipo de movimentação proposta no ensino presencial para o remoto, como o espaço influenciou nesta transição, e também observar se os alunos perceberam transformações nesta transição e como se expressaram. Muitos docentes relataram que optaram por abordar o conteúdo de dança por meio de práticas nas quais se exemplificasse com vídeos ilustrativos, outros também usaram a estratégia de imagens por meio de propostas para a criação de videodança.

É compreensível que muitos docentes, visto a fragilidade do momento, optaram por apresentar os conteúdos referentes à dança através da apreciação de vídeos com explanações teóricas. Para uma melhor compreensão desta escolha, não se deve esquecer que o contexto do deslocamento para aulas remotas não foi planejado ou desejado e acarretou situações bem desconfortáveis: como o isolamento social, a perda de entes queridos, o medo de uma doença que ainda não havia meios de

contenção e todo um replanejamento feito às pressas para se adaptar a experiência remota. Aliado a isto destaca-se também que muitos docentes não tinham formação específica em dança e se já era necessário um esforço para discutir o assunto de forma estimulante aos alunos nas salas de aula presenciais, com a mudança para as salas remotas, a dificuldade de adaptação para as criações de atividades, aumentou.

Uma docente relatou que acabou por não abordar nenhum conteúdo de dança no período de aulas remotas devido a alguns fatores descritos, como a timidez dos estudantes, a falta de espaço adequado para todos e principalmente a falta de informação pelo fato da maioria manter a câmera fechada, se o estudante estava ali presente para a experimentação corporal ou não. Outros dois docentes relataram apresentar o conteúdo da linguagem da dança de forma mais teórica sem experimentações práticas. Percebeu-se também que além disso, os docentes que mantiveram a abordagem da linguagem de dança, fizeram adaptações. Trabalhar com vídeos ilustrativos e a produção de videodança foi o caminho escolhido por nove dos entrevistados. Outro ponto importante é por exemplo na resposta que um dos docentes trouxe, que ao relatar a opção por trabalhar com videodança, discorre sobre essa não ser uma abordagem formal: "Não trabalhei com dança no sentido mais formal e sim com vídeo dança por exemplo." Essa fala é interessante porque parece subentender que a apresentação mais formal do conteúdo em dança ainda está associada a uma explanação teórica da linguagem artística. Outro ponto a ser analisado não só por esta fala mas pela escolha da maioria dos entrevistados pela abordagem em videodança é refletir que outros caminhos de abordagem o ambiente remoto traz como possibilidades, ou seja, de que outras maneiras as tecnologias digitais podem potencializar uma abordagem em que o corpo é e produz conhecimento neste diálogo com ambiente.

4.3.1 Acessibilidade por meio de vídeo

É interessante ressaltar que, a possibilidade de se apresentar os conteúdos referentes à dança através de vídeos, possibilitou a participação de alguns estudantes que, de acordo com os relatos dos professores, não eram muito participativos nas atividades que ocorriam antes de forma presencial. Como relata a professora T:

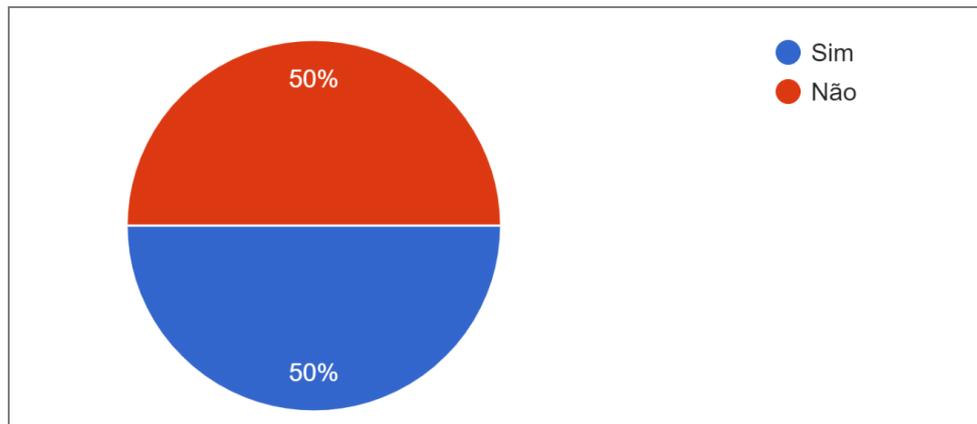
Aluno autista com grandes dificuldades motoras, pouca coordenação motora fina e dificuldades de locomoção, assim como outras características do autismo, especialmente de não se expor em público, fazer aulas práticas e etc. Aproveitou da câmera, usou aplicativos e vídeo de dança e fez a sua dança sendo apresentada com vídeo gravado.

É importante notar que as tecnologias digitais possibilitaram outras formas de conhecer e produzir dança. Nesta relação entre dança e tecnologias digitais percebe-se também que a presença dos aparatos tecnológicos vai influenciar na atuação dos dispositivos de poder conforme discutido no capítulo um. Esses aparatos tecnológicos dialogam com o contexto que os estudantes têm muita proximidade e, naturalmente, geram outra forma de conhecer e experienciar a dança, conforme discutido no subitem 3.4 do capítulo 3. A professora G em seu relato reforça aspectos desta discussão, quando cita o uso da rede do tiktok, por exemplo para impulsionar a criação de danças pelos estudantes:

Propus, em alguns casos (principalmente de alunos mais novos, que percebia um certo desânimo nas atividades), a criação de danças no tik tok, pois muitos alunos têm a tecnologia e essa rede social em específico muito forte no cotidiano, e percebi que o ânimo e vontade ficaram mais fortes quando levei a proposta de uma atividade na plataforma que eles mais consomem conteúdo.

Ao questionar os docentes sobre possíveis relatos dos estudantes em relação à transição do ensino remoto para o presencial, 50% dos entrevistados responderam que houveram relatos e 50% afirmaram que não houveram. Dentre aqueles que responderam que receberam algum tipo de relato sobre a transição do ensino presencial para o ensino remoto, foi destacado que os alunos, normalmente, apresentaram queixas e um desconforto, principalmente nos momentos iniciais frente à mudança.

Gráfico 2 - Relatos dos estudantes em relação à transição do ensino remoto para o presencial



Fonte: Questionário (Apêndice).

Dois professores destacaram que os estudantes manifestaram desânimo associado a diversos fatores, como a falta de espaço, como a professora M destacou: *"Relatam muitas vezes não terem espaço físico para movimentações corporais... Também senti desânimo dos alunos em relação ao contexto em que estávamos vivendo"*. Além disso, estudantes relataram que mesmo a explicação de propostas de exercícios práticas, eram mais desafiadoras de serem compreendidas remotamente, como reforça o docente J que seus alunos *"verbalizaram que remotamente é muito ruim e o entendimento do percurso dos movimentos em muitos aspectos se perdiam muito. A compreensão também ficava limitada mesmo o professor se desdobrando um montão para explicar"*.

Outro ponto a ser destacado é que esta mudança acarretou transformações no corpo dos estudantes. Como discutido no capítulo anterior se a relação de cognição acontece com a presença ativa de todo corpo e da sua relação com ambiente, ao se transformar o ambiente de aprendizagem também outros caminhos de percepção e apreensão do conhecimento são traçados e na ação que se dá no ambiente remoto, o corpo também adquiriu dores musculares, perda de alguns pontos de flexibilidade no corpo, devido a outra lógica de organização proposta nas aulas remotas. O tempo ampliado frente às telas de dispositivos digitais e o espaço mais reduzido para se estar nas aulas ocasionou dores em muitos estudantes:

Na proposta da dança contemporânea com os braços e mãos, muitos relataram as dores articulares e a falta de flexibilidade para movimentos simples como o erguer os braços e fazer movimentos para cima da cabeça, ou movimento das mãos que não conseguiam a flexibilidade necessária.

Dores nos ombros e pulsos em geral. Tenho 6 turmas e em todas houve a reclamação de dor articular, logo no início do ensaio da proposta de movimento [como destaca a professora T].

Isto também reforça os efeitos da crise sanitária no cenário escolar, como já foi mencionado na reportagem da CNN Brasil, no capítulo anterior, sobre o aumento de dores corporais no trabalho remoto. Vale lembrar, como já discutido, que apesar dos professores destacarem os aspectos observados em seus alunos, assim como a maioria da classe trabalhadora que esteve em regime de trabalho remoto também se deparou com esses desafios da reorganização corporal durante o isolamento social, como os dados da reportagem citada comentam.

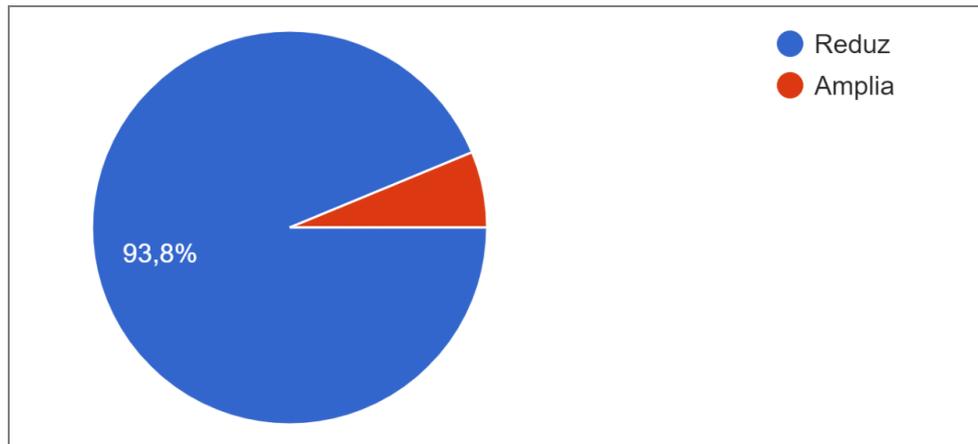
4.3.2 O espaço na transição para as aulas remotas

Como última questão da categoria sobre a transição para docentes e o ensino da dança, houve o interesse de investigar a percepção dos educadores frente ao espaço da aula remota. Para 93,8% das respostas coletadas, o espaço, nesta transição, influencia a movimentação do aluno e acaba reduzindo sua movimentação, em relação a sua organização e (ou) orientação. A professora T comenta:

Reduz pelo espaço físico da residência dos alunos, muitas vezes se restringindo apenas ao quarto. Reduz também o espaço corporal tendo em vista que o isolamento nos deixou mais sedentários e restritos, e pelo espaço psicológico pois muitas vezes os estudantes tiveram ainda mais dificuldade de expressar seus sentimentos e emoções.

A professora N ainda destaca como este espaço alterou a forma de entendimento da execução dos movimentos dos estudantes: *"Os alunos tiveram muita dificuldade inicialmente em compreender o espaço corporal e físico dos locais onde realizavam suas aulas remotas, o tamanho do movimento que podiam realizar, o tamanho da amplitude da câmera em relação ao corpo e espaço".*

Gráfico 3 - Transição para docentes e o ensino da dança



Fonte: Questionário (Apêndice).

Essas situações modificaram a organização corporal e desenvolvimento dos alunos no início, porém, após "acostumarem" com a situação do ensino remoto, o corpo foi mostrando um desenvolvimento bacana e eficiente". É fundamental reforçar aqui como o espaço tem um papel ativo na forma como percebemos e aprendemos. Diante de um novo cenário e outra lógica organizacional, professores e alunos tiveram de buscar novas maneiras de se mover, desenvolvendo outros processos cognitivos. Estes processos são respostas a este espaço diferenciado e a tudo que está inserido neste espaço, as tecnologias entram em contato com nosso cotidiano e, assim, como Andy Clark (2003) discute, auxiliam na resolução de problemas e ao instinto da espécie de manter a sobrevivência. Nesta exposição ao ambiente remoto de ensino, traçou-se novas formas de se comunicar com estudantes, e destes de compreender o que está sendo comunicado, a maior exposição aos dispositivos digitais já está transformando os corpos, em uma relação de codependência com a tecnologia, como Clark (2003) explica, nos apropriamos da tecnologia para sobreviver e ela por sua vez vai possibilitando complexidade na forma como percebemos e conhecemos o entorno produzindo outros tipos de processos cognitivos.

A exemplo dessa mudança dos processos cognitivos em sua relação com a tecnologia, tem-se o relato da professora G, que diferentemente dos outros docentes acredita que o espaço remoto não reduziu, mas ampliou a movimentação dos estudantes, se abrindo para que outras propostas fossem apresentadas aos seus alunos, a fim de que eles aprendessem aspectos importantes da dança:

Acredito que tudo pode ser trabalhado e explorado, mas a longo prazo pode ser cansativo (principalmente nas aulas de dança e cênicas, que exigem contato maior do corpo nosso e do corpo do outro). Digo que amplia porque só foi possível pensar fora do comum quando se tornou obrigatório o ensino remoto, e isso fez com que novas propostas de espaço e corpo fossem apresentadas. Não vejo a hora de que tudo volte ao normal para que seja possível a experimentação dessas atividades de modo presencial também.

Evidentemente isto não quer dizer que é errado a afirmação daqueles que entenderam a transição como redução, há diferentes modos de se observar uma situação que se estabeleceu no ambiente educacional a partir da crise sanitária. E a partir destas observações, o que se pode concluir é que o corpo que produz conhecimento se transforma a partir das relações feitas com o ambiente, com as tecnologias, por exemplo, e este corpo que vivenciou uma crise sanitária e o ensino remoto não será mais o mesmo ao retornar a sala presencial.

Os corpos que voltarão para sala de aula são corpos diferentes, que foram expostos a mais tempo no ambiente online, sentem dores articulares às vezes, foram expostos a um nível de estresse maior, diante do cansaço frente às telas, à perda de entes queridos ou conhecidos, a incerteza de uma contenção a um vírus letal.

Destaca-se também, a partir dos relatos dos docentes, que os níveis de concentração e interesse focalizado são diferenciados, como menciona S: *"eles estão de câmera fechada e normalmente estão na cama, no máximo no quarto e não fazem a proposta"*. Ou seja, a interação corpo-ambiente produziu outro modo de operar na sala remota. Devido a lógica de organização alterada nesse ambiente remoto, o estudante não tinha a obrigação de se mostrar na câmera, ao mesmo tempo, que poderia estar simultaneamente conectado em mais de uma ação ou rede social. E neste sentido interessa compreender como esses corpos, que já são outros, se movimentaram e produziram dança nas aulas remotas.

4.4 CATEGORIA MOVIMENTO CORPORAL

A terceira categoria do questionário foi desenvolvida a partir do interesse de se investigar como o movimento corporal aconteceu nas aulas, primeiramente fazendo perguntas a fim de se traçar um paralelo dos aspectos mais evidentes da movimentação corporal dos estudantes nas aulas presenciais e como isto se alterou no ambiente online. O espaço foi um dos elementos que novamente apareceu como fator de

alteração na movimentação produzida pelos estudantes, de modo geral os docentes percorreram como a diferente disposição organizacional na aula remota acabou ocasionando formas diferentes de se movimentar.

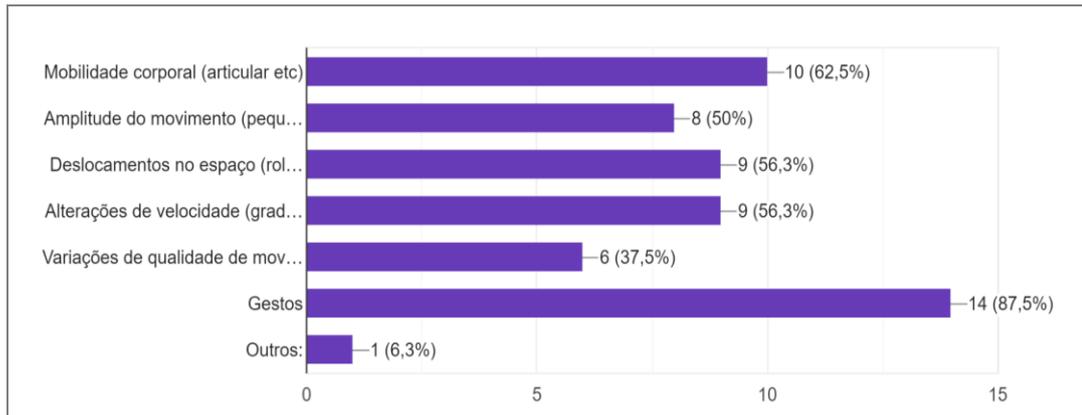
O primeiro ponto a ser ressaltado é que o ambiente da sala remota é, dentro do conceito foucaultiano abordado no capítulo 2, uma heterotopia, pois possui posicionamentos que pertencem a um lugar real relacionado, porém este local não determina, obrigatoriamente, quais os conjuntos de relações existentes devem ser vistas e criadas neste espaço. A sala remota une os espaços das casas de cada estudante para se tornar o espaço de aprendizagem, embora haja não só as relações de aprendizagem, mas também outras relações corporais, que já eram feitas neste espaço antes, como por exemplo, deitar na cama se o espaço da sala remota era no quarto do estudante, ou então sentar para fazer uma refeição, se o espaço para assistir às aulas era a cozinha, entre outros exemplos. Para o docente também a sala remota é um espaço outro, em que nem sempre se vê o aluno, pois nem todas as câmeras estão ativadas, a experimentação corporal apresentada e vista é normalmente mais bidimensional, há uma tela mediando a relação professor aluno.

Para iniciar a sessão de movimento corporal foram selecionados seis aspectos: mobilidade corporal (articular, etc.); amplitude do movimento (pequeno, médio e grande); deslocamentos no espaço (rolar, girar, trocar de lugar, engatinhar etc.); alterações de velocidade (gradações entre lento e rápido); variações de qualidade de movimento (leve, forte, suspenso); gestos. Os docentes deveriam assinalar os aspectos mais evidentes da movimentação corporal dos estudantes, presentes nas aulas de dança presencial, como mostra a figura do gráfico em barras horizontais, a seguir, no qual é possível ver no lado direito de cada barra o número de entrevistados que assinalaram o aspecto em questão, seguida também da porcentagem que este número representa (exemplo: no aspecto de mobilidade corporal articular, 10 pessoas assinalaram este aspecto, o que corresponde a um percentual de 62,5%).

Foi solicitado que os professores comentassem, em seguida, sobre a diferença, a partir da transição para o ensino remoto. A alteração do espaço da sala remota foi um dos assuntos que se destacaram, o espaço se alterou pela disposição que cada estudante tinha do local em que assistia e participava das aulas remotas, mas também havia o espaço que o aparato digital da câmera recortava, e isso acabou afetando a maneira como a turma se movia nas propostas de dança. A professora G destaca:

Percebi mais envolvimento em atividades que não exigiam tanta movimentação, pois o foco naquele momento era aparecer em câmera, e em algumas atividades que foi proposto usar a câmera como objeto cênico causou um pouco de desconforto por causa da falta de preparo adequado (com nos casos dos alunos com notebook, que assistiam pela tv, etc., a mobilidade acabava ficando limitada e era preciso adaptar, e aí levei como proposta explorar o espaço que a câmera não capta também).

Gráfico 4 - Aspectos mais evidentes da movimentação corporal dos estudantes, presentes nas aulas de dança presencial



Fonte: Questionário (Apêndice).

Algumas ações devido a estas informações do espaço diferentes daquelas de costume no ambiente escolar presencial, acabaram por estimular que alguns movimentos e ações como gestos e movimentos mais contidos, fossem mais experimentados, enquanto outros fossem feitos com menos frequência, como os deslocamentos, a professora L destaca a escolha dos estudantes no gesto: *"O que ficava mais perceptível na câmera, os gestos e como cada um reagia!"*. O professor J comenta sobre a ausência de movimentos de deslocamentos nas experimentações corporais dos estudantes: *"[...] os deslocamentos quase nunca aconteciam devido ao espaço e a captura da câmera"*. Outro aspecto importante a ser mencionado é que o aparato da câmera também interferiu na escolha de movimentação, devido ao fato da ação corporal ser mediada pela tela e, neste sentido, os docentes perceberam a timidez como fator de alteração no caminho de movimentação escolhida por cada estudante. O fato de não contar com todo grupo no mesmo espaço experimentando as propostas corporais, sugeriu uma exposição maior, elemento que gera muitas vezes desconforto e timidez – principalmente na faixa etária em que os estudantes se encontram, de acordo com o recorte desta pesquisa, dos anos finais do ensino fundamental II – do sexto ao nono ano, na adolescência, e que há um certo receio de fazer alguma ação que se torne motivo de chacota pelos colegas ou que exponha este indivíduo.

A professora N comenta que:

[...] a mobilidade e amplitude dos movimentos dos alunos alteraram no início das aulas remotas até os alunos compreenderem a amplitude da câmera, se localizarem nos espaços em que realizavam suas aulas remotas e trabalharem a relação da "vergonha" de frente à uma câmera e um professor do outro lado das telas do computador.

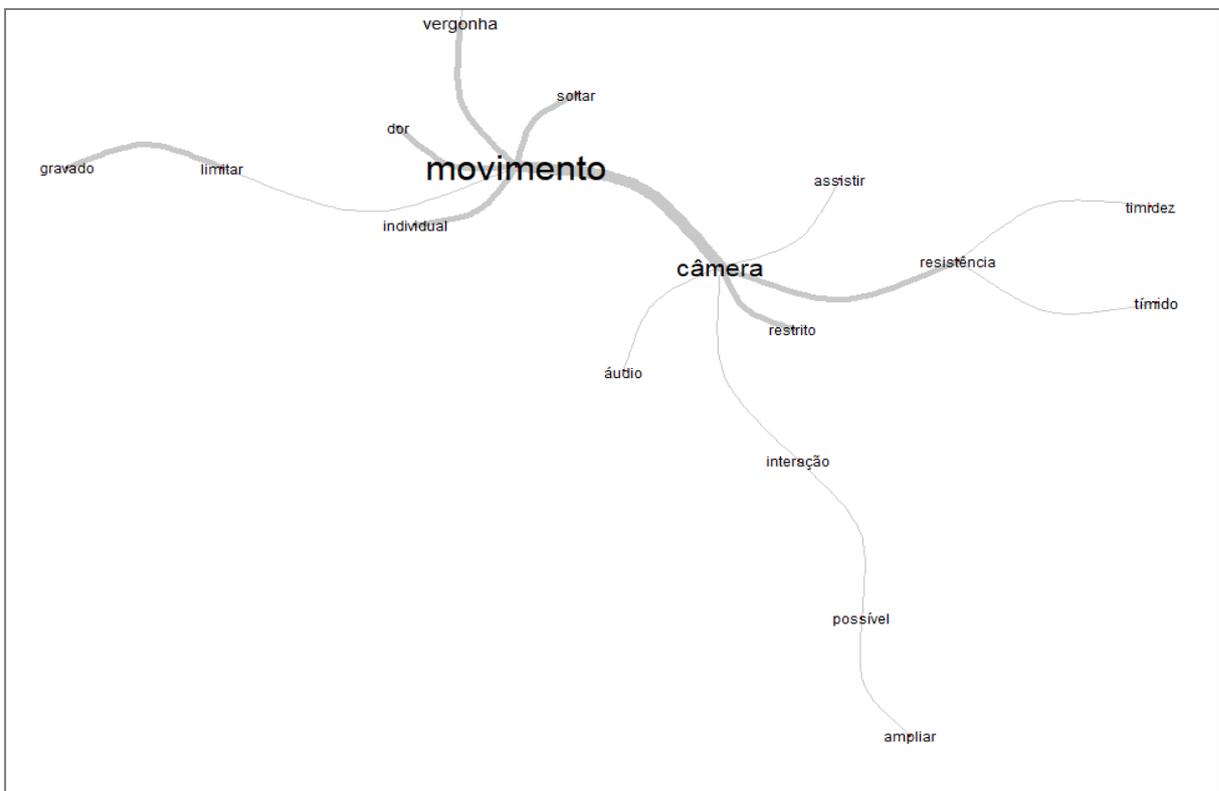
E a professora K acrescenta: *"As movimentações desenvolvidas são mais contidas, precisamos estar sempre lidando com questões de timidez e resistência".* Desta forma que a partir dos relatos, a timidez atua juntamente com o espaço para transformar a movimentação dos estudantes, trazendo outras lógicas de movimentação para a experimentação corporal e que, apesar do contexto diferenciado, estimulou a criatividade da turma para se expressar corporalmente diante das propostas apresentadas na aula, como evidenciado no comentário da professora M: *"Na escola possuímos espaços próprios e propícios às atividades e dinâmicas que envolvem os movimentos corporais... por outro lado os alunos foram criativos ao adaptar esses espaços em casa".*

Estimular a criatividade ativa formas de perceber de modos diferentes e, como discutido no capítulo 3, os processos de cognição e percepção acontecem com participação ativa do corpo todo. No contexto da sala remota é interessante reforçar este conceito de cognição corporalizada para compreender melhor como todos estes fatores do espaço, timidez, câmera, entre outros podem transformar a maneira da mobilidade corporal nos exercícios propostos acontecer.

Ainda sobre o fator da timidez, como aspecto a ser analisado, apresenta-se o gráfico de análise de similitude (figura acima). Neste gráfico é possível observar, de acordo com o texto obtido das respostas dos professores, quais as palavras se relacionam em maior ou menor grau com relação a determinado tema/assunto. Em relação ao tema movimento corporal as palavras timidez e tímido que apareceram nas respostas dos docentes, se conectam com outra palavra, resistência, que por sua vez, se liga à palavra câmara, e essa palavra se conecta à palavra movimento. Essas conexões apresentadas no gráfico fazem refletir sobre como a relação do corpo com o ambiente online interferiu na movimentação corporal, transformando-o. O aparato da câmera é um dos dispositivos deste ambiente, a sua presença traz a possibilidade de gravação das aulas e também que as experimentações corporais

sejam assistidas pelos colegas, neste sentido é possível perceber certa resistência à produção do movimento pela presença deste aparato. O gráfico também reforça o que já foi destacado na fala dos entrevistados sobre este espaço heterotópico remoto. A movimentação quando experienciada neste ambiente, além da câmera, trouxe outros elementos como as dores articulares, ocasionadas, entre outros fatores, pelo aumento do tempo na mesma posição em frente aos dispositivos digitais, a vergonha da exposição e o desafio de soltar o movimento neste espaço que é tão heterogêneo.

Gráfico 5 - Como a relação do corpo com o ambiente online interferiu na movimentação corporal



Fonte: Questionário (Apêndice).

Ao mesmo tempo, outro destaque importante no gráfico, é que, a partir do reconhecimento desses elementos presentes na sala remota é possível refletir em como neste ambiente online pode-se ampliar a interação e movimentação corporal por outros caminhos de abordagem, utilizando, dessa forma, a lógica da cognição corporalizada. Acredito por fim que, outro ponto necessário para que essa transformação dos caminhos de abordagem aconteça se faz pelo reconhecimento dos dispositivos de poder que atuam no ambiente remoto, assunto este abordado na próxima categoria.

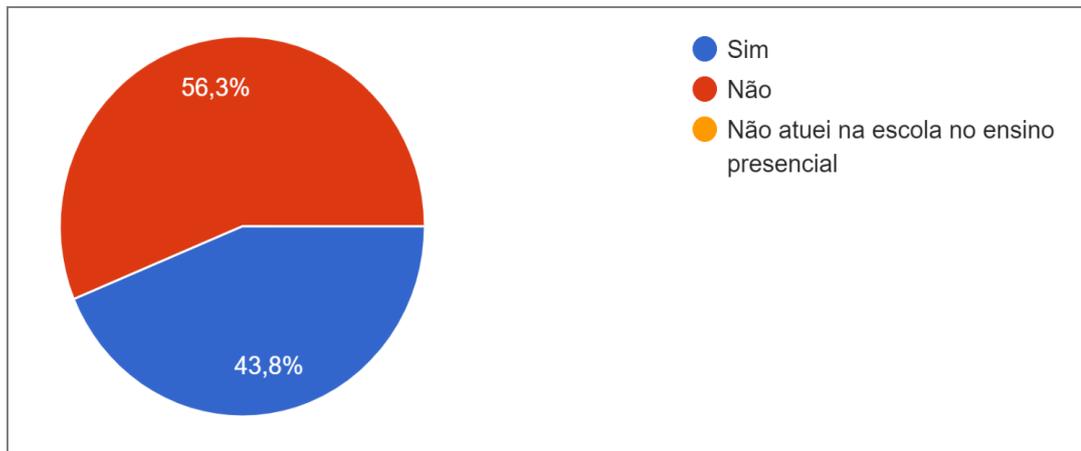
4.5 CATEGORIA DISPOSITIVOS DE PODER

A última categoria do questionário se refere ao conceito de dispositivos de poder, abordado no capítulo 2 deste texto e, também, fator importante dentro da hipótese que foi testada nesta pesquisa. Como mencionado na categoria anterior o processo cognitivo sobre a movimentação corporal nas aulas de dança, segundo muitas respostas obtidas se alterou e é importante destacar que os elementos que podem transformar o caminho de criação de um movimento, também pode atuar como dispositivo de poder, já que como discutido anteriormente, dentre as características dos dispositivos de poder está a sua heterogeneidade, bem como a sua atualização diante das transformações a fim de responder a uma urgência e permanecer atuando.

Neste sentido, esta sessão tinha como objetivo investigar primeiramente qual a visão dos docentes sobre dispositivos de poder, questionando-os se era perceptível a atuação destes dispositivos ainda em sala presencial, e que tipo de elementos estes professores percebiam como dispositivos de poder e controle. Além disso, foi de interesse também investigar qual a percepção dos entrevistados neste questionário sobre a atuação destes dispositivos no corpo dos estudantes, especificamente em relação à movimentação dos mesmos nas aulas de dança. E como último fator, interessou saber a opinião dos professores sobre o aparato digital da câmera, já que é um elemento essencial e de bastante destaque para o contexto das realizações das aulas remotas. Para que houvesse uma compreensão maior do recorte desta sessão foi introduzido um breve entendimento do conceito de dispositivo de poder, baseado nos estudos de Michel Foucault e os autores que atualizaram suas teorias, abordados no capítulo dois desta dissertação.

Em relação à primeira pergunta sobre a percepção da atuação de dispositivos de poder ainda na sala presencial, antes da transição, cerca de 56,3% dos entrevistados responderam que percebiam a presença de dispositivos enquanto que 43,8% afirmaram não perceber a existência de dispositivos de poder e controle na sala presencial.

Gráfico 6 - Percepção da atuação de dispositivos de poder ainda na sala presencial, antes da transição



Fonte: Questionário (Apêndice).

Este resultado já mostra um fato interessante a ser destacado, já que um pouco menos da metade dos entrevistados, ainda na sala presencial, não percebiam a presença de dispositivos de poder. Um contraste importante ao se lembrar da discussão no capítulo dois, sobre a presença dos dispositivos que, segundo Foucault (AGAMBEN, 2009, p. 29), está em toda dinâmica que envolve o processo de subjetivação, ou seja o governo dos corpos e de todos saberes e poderes. Logo, parece que para parte do grupo entrevistado havia um desconhecimento das relações de poder atuantes no espaço escolar. O não conhecimento de tais relações, não significa que elas não aconteciam, mas podem evidenciar que seja importante incentivar mais discussões sobre o tema relacionado ao espaço escolar até mesmo para que haja uma reflexão crítica de como estes dispositivos afetarão ou modificarão as práticas educacionais, como por exemplo aquelas relacionadas às práticas corporais.

Para os docentes que afirmaram perceber a atuação de dispositivos de poder na sala presencial entre os elementos que os mesmos mencionaram, as professoras R e S mencionam a configuração espacial das salas: "*A própria formação das carteiras já é altamente controlador. São raras as aulas com outras organizações*" (Professora R) "*a organização espacial das salas-enfileirada*" (Professora S). Além da organização espacial, o método de avaliação foi outro fato mencionado: "*Acompanhamento da equipe pedagógica, necessidade de ter notas e pontos para as atividades, obrigatoriedade de provas e monitoramento de atividades*" (professor G). Já para a professora L, um elemento que se comportou como dispositivo de poder foi o celular. Os diferentes elementos elencados pelos docentes acabam reforçando novamente a característica

heterogênea dos dispositivos, e conseqüentemente nos lembrando que os espaços existentes não são neutros, assim como as pessoas; frutos da governamentalidade – termo utilizado por Michel Foucault e seus atualizadores referente aos processos históricos da nossa sociedade desde o poder soberano até sua transformação atuação na criação do estado moderno.

A partir das respostas obtidas, interessou-se questionar também em como a atuação destes dispositivos podem ou interferem ou modificam a movimentação do estudante. Sobre isso, a professora N, apesar de não perceber dispositivos de poder atuando na sala presencial comenta que a transição para ambiente remoto colaborou trouxe transformações através de elementos que se inseriram neste outro contexto:

Na minha concepção o aluno se autoestimulava melhor no ensino presencial em que não tinha interferências da família. Já em casa, no ensino remoto, a família interfere constantemente nas aulas, no aprendizado, e muitas vezes na tentativa de exercer o papel de professor no lugar do próprio professor.

Dessa forma parece que outros elementos atuaram como dispositivos de poder no ambiente remoto – reforçando outras duas características dos dispositivos, segundo Foucault (apud AGAMBEN, 2009, p. 28-29), discutida anteriormente – relacionada a configuração e mutabilidade dos dispositivos. Ao mesmo tempo que há uma materialidade na configuração dos dispositivos e, que ela, por sua vez, impõe limites ao próprio poder, essa materialidade, é sempre reconfigurável. Essa flexibilidade se dá pelo fato da característica de dispositivos nunca serem fixos ou imutáveis para permanecerem atuando, mesmo que os contextos se alterem.

Além dos elementos mencionados como dispositivos pelos docentes, havia um interesse nesta pesquisa em saber como os entrevistados viam o aparato digital da câmera, já que ela é um elemento essencial presente nas aulas remotas. Para tanto, as duas últimas perguntas do questionário foram relacionadas a este aparato.

Ao se questionar como os docentes percebiam a câmera enquanto dispositivo, 68,8% responderam que a câmera inibe a movimentação dos estudantes no ensino remoto; em oposição a esta opinião, 12,5% afirmaram a câmera estimula a movimentação dos estudantes, enquanto três grupos de 6,3% elencaram razões para eleger a câmera como promotora de ambas funções: estimular e inibir a movimentação.

Gráfico 7 - Percepção dos docentes da câmera enquanto dispositivo



Fonte: Questionário (Apêndice).

Para os docentes que percebem a câmera como ambas possibilidades de inibição e estimulação destaca-se a fala da professora T:

Inibição e estimulação, dependendo do educando. Este foi um ponto muito interessante observar e que causou surpresa ao ver muitos se apresentarem enquanto estavam escondidos no presencial. [...] muitos se soltaram quando em gravação se sentiram livres. Houve até a participação da família nas atividades propostas em dança quando remoto e gravado. Outros se retraíram e se "esconderam" atrás das câmeras, inventando mil desculpas ou se inibindo por estar sozinho. Exemplo: Aluno autista com grandes dificuldades motoras, pouca coordenação motora fina e dificuldades de locomoção, assim como outras características do autismo, especialmente de não se expor em público, fazer aulas práticas e etc. Aproveitou da câmera, usou aplicativos e vídeo de dança e fez a sua dança sendo apresentada com vídeo gravado.

A professora A acrescenta: "[...]. Ao mesmo tempo que restringe aumenta as possibilidades de utilização dos códigos do audiovisual".

Para aqueles que afirmaram que o aparato da câmera atua como um dispositivo estimulante da movimentação corporal do estudante, a professora G comentou sobre a questão deste aparato não estar fora do cotidiano dos estudantes e que, apesar da timidez é possível pensar maneiras de se aproveitar deste elemento a fim de gerar o estímulo ao movimento corporal:

[...] tecnologia, querendo ou não, já faz parte da rotina da maioria dos estudantes. Antes da pandemia eles já tinham diferentes relações com câmeras e aparelhos. No caso de alunos mais tímidos existem maneiras de abordar e adaptar as propostas, mas no geral os alunos se dão muito bem em atividades que eles têm a oportunidade de mostrar mais as suas criações e habilidades.

Para os entrevistados que acreditam que a câmera é um aparato que inibe a movimentação corporal, foi possível perceber que a maioria trouxe a timidez diante deste instrumento como um fator inibidor. O professor G comenta:

Acredito que se sentem observados, julgados, sem nem saber o que a outra pessoa está fazendo/falando sobre ela, e pensando que está sendo gravada e estará ali para sempre registrado. Isso intimida até nós, professores. Qualquer erro, qualquer coisa, pode ser visto por quem tiver acesso, a qualquer momento.

O professor J acrescenta:

[...] poderiam se apresentar para uma gigante plateia que tudo bem... porém a câmera parece que trouxe o mesmo conceito de se "ter seguidores em redes sociais" ou seja, por mais que fossemos apenas nós do elenco, professor ou grupo que fôssemos visualizar os vídeos a vergonha e a insegurança eram pontos de instabilidade emocional ou de julgamento sobre o que o outro iria reportar a partir do seu olhar julgador.

Já a professora N elenca outros elementos ligados à câmera e que contribuem para inibição do movimento, segundo ela:

[...] tiveram vários pontos dificultadores em todo processo de aulas remotas: família interferindo durante as aulas, alunos que realizavam as aulas da cama, falta de comprometimento (derivado da falta de percepção do momento da aula e estudo), gravação da aula, julgamento dos colegas com relação à movimentação exercida, medo dos colegas gravarem as aulas dançadas e fazerem bullying, dentre outros dificultadores. Todas essas atividades interferiram diretamente nas aulas corporais ou de movimentos.

Interessante perceber como, primeiramente a partir dos diferentes contextos vivenciados por cada docente, diferentes perspectivas de um mesmo elemento são traçadas, isto também acaba por reforçar as características vistas no capítulo dois a partir do conceito foucaultiano apresentado por Agamben (2009) que os dispositivos não somente se deslocaram para o contexto remoto, como também se atualizaram a partir da configuração deste contexto para permanecer em atuação sobre os corpos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender de que maneira o movimento corporal aconteceu a partir das aulas remotas com a crise sanitária da COVID-19 foi interesse desta pesquisa, que buscou investigar a hipótese sobre uma transformação de alguns aspectos do movimento corporal no ambiente remoto e que os dispositivos de poder já presentes em sala presencial, também se transformaram a fim de continuar atuando sobre os corpos neste novo contexto.

Para testar a hipótese apresentada, no capítulo dois do texto iniciou-se uma discussão sobre dispositivos, de acordo com o conceito desenvolvido por Michel Foucault (2003) e reforçado por autores como Giorgio Agamben (2009) e Thomas Lemke (2018b), para trazer a definição do que são dispositivos e como eles atuam, segundo esses autores. Além de se aproximar da noção de dispositivo foi feita uma importante discussão sobre o conceito de subjetivação e sua relação com dispositivos de poder.

Pelo fato do interesse da hipótese da pesquisa ter ocorrido por um acontecimento não esperado, como a crise sanitária, mas que transformou também o espaço físico em que ocorriam as relações de ensino aprendizagem, o capítulo dois ainda discutiu sobre a noção de espaço a partir de definições foucaultianas. Percebeu-se que a definição de espaço, ao final da Idade Média se alterou e além da noção de espaço físico, carrega consigo, segundo o autor, a ideia de posicionamentos. Trazer estes pontos de discussão foi necessário para compreender a importância do espaço para a disposição dos corpos em salas de aula presenciais e de ensino remoto, refletindo de que maneira o espaço reforça a padronização dos corpos através dos dispositivos de poder.

Discutiu-se também sobre o termo heterotopia, desenvolvido por Foucault (2003), relacionando-o à possibilidade do ambiente educacional ser ressignificado, partindo da ideia de que esse espaço pode ser um local de experimentações corporais a partir de ações cotidianas, simples e para se repensar os dispositivos que inibem as possibilidades do corpo.

A fim de refletir sobre como essa discussão se conectava com a pergunta problema e hipótese desta pesquisa, na última parte do capítulo dois discorreu-se sobre a evolução das relações de poder na contemporaneidade. Também foi ressaltado que essa evolução contribuiu para a permanência da atuação dos dispositivos de

poder na sociedade. Sobre esta permanência e atuação dos dispositivos a última parte do capítulo apresentou o termo biopolítica, através do autor Thomas Lemke (2018a) e um rápido histórico sobre uso deste conceito e como ele foi se tornando a evolução das relações de poder por meio da complexificação da nossa sociedade. A apresentação do conceito, assim como os pontos abordados ao longo do capítulo, foram importantes para contemplar o primeiro objetivo específico da pesquisa de entender o conceito de dispositivo de controle e a evolução deste termo através da noção do conceito de biopolítica.

Além disso, o capítulo possibilitou perceber como se dão as relações de poder e como os dispositivos atuam no controle dos corpos; compreender essas relações se torna relevante ao desejar aprofundar as questões que envolvem corpo dos estudantes nas aulas de dança a partir da crise sanitária e as mudanças ocasionadas neste ambiente remoto.

Pelo fato da pesquisa investigar o espaço remoto e como se dão as relações de ensino aprendizagem em dança neste contexto, o terceiro capítulo se preocupou em entender como os dispositivos de poder podem atuar através de tecnologias digitais. Para isto foi necessário apresentar autores que estudam os processos cognitivos, mais especificamente destacar alguns estudiosos que abordam os processos cognitivos e defendem a ideia de que eles não ocorrem apenas na região mental, mas em todo o corpo e que o conhecimento se dá por essas trocas com o espaço.

Se o corpo participa ativamente do processo de aquisição do conhecimento e, ao mesmo tempo, ele é influenciado pelo espaço e também pelos dispositivos de poder, foi importante apresentar aspectos dos estudos de Andy Clark (2003), Christine Greiner e Helena Katz (2005), bem como outros autores que corroboram com a ideia de que corpo produz conhecimento, para o desenvolvimento de algumas reflexões dos dispositivos de poder e como eles podem atuar nessa relação de corpo e espaço, dentro do recorte escolar remoto.

Além de entender a relação corpo espaço tecnologia e cognição, neste capítulo contextualizou-se a diferença conceitual dos termos EAD e Ensino Remoto. A contextualização foi importante para entender que a primeira modalidade já existe há algum tempo nas relações educacionais e tem uma lógica de operação bem diferente da segunda modalidade que se origina pelo fruto de uma crise sanitária mundial. Dessa forma, reforçou-se o recorte para o interesse da pesquisa. Como última parte do capítulo, após a contextualização dos termos acima citados, houve a

necessidade de também de descrever o contexto apresentado pela expansão do vírus da COVID-19, pois como Katz (2020) apresenta, a pandemia chegou de diferentes formas na sociedade, trazendo consequências em vários âmbitos da vida dos indivíduos, refletindo conseqüentemente nas relações educacionais. Assim, tão importante quanto compreender que o corpo está ativo no processo de cognição e que esta relação se dá pela interação com as tecnologias e com o ambiente, é também entender que se o contexto se altera abruptamente, como em uma crise sanitária mundial, a forma como cada um adquire conhecimento também se modifica. Juntamente com este panorama, a pesquisa também reforçou que este contexto experimental em isolamento levou professores e estudantes à exaustão física e mental, e sensibilizou muitos que perderam seus entes por conta da proliferação do vírus.

Discorrer, ainda que brevemente sobre este contexto foi muito necessário para reforçar que diante do desafio das aulas remotas os docentes trabalharam como puderam para diminuir de alguma maneira as lacunas nos processo de aprendizagem dos estudantes enquanto também vivenciavam no cotidiano os desafios pessoais e profissionais do contexto apresentado.

O capítulo quatro apresentou a aplicação de metodologia, através da elaboração e envio de questionário para docentes do ensino fundamental II, das turmas de 8.º e 9.º anos, de colégios privados das cidades paranaenses de Guarapuava, Ponta Grossa, União da Vitória, Colombo e Curitiba.

O interesse do questionário estava em coletar dados sobre como os docentes perceberam ou não mudanças na movimentação corporal de seus estudantes nesse período de transição entre os meses de abril e dezembro de 2020, visando, observar como ocorreu a transformação da movimentação corporal nas aulas de dança a partir do deslocamento dos dispositivos de poder para a aula remota, e testar a hipótese da pesquisa. Após a apresentação do recorte feito para aplicação ao público-alvo, foi feita uma análise das respostas coletadas partindo dos conceitos discutidos nos capítulos dois e três, a fim de buscar respostas para a pergunta problema que se levantou no início da pesquisa.

Na análise obtida através das respostas coletadas foi possível perceber primeiramente que com a crise sanitária o desafio para a abordagem do conteúdo de dança nas aulas de arte se tornou mais desafiador. Não só pelo contexto dos espaços diferenciados que cada estudante dispunha para participar da aula, mas também pelo próprio contexto da crise sanitária, que fragilizou a sociedade como um todo,

em que professores e estudantes foram atravessados pelo medo de um vírus mortal e desconhecido, além da perda de entes queridos, a aquisição de dores corporais devido ao tempo ampliado frente às telas e a falta de preparação para a configuração da aula remota, devido a crise sanitária trazer a urgência do isolamento e da experimentação das atividades em ambiente remoto, sem um treinamento prévio.

Além dos desafios diante das transformações, os relatos coletados puderam confirmar a mudança na movimentação corporal dos estudantes que contavam, em sua maioria, com menos espaço físico, a timidez diante de se mostrar na câmera, e uma outra lógica de movimentação corporal que produz o movimento para dentro do recorte da tela da câmera e, também, pensa na produção de movimentos a partir de dispositivos digitais.

O ambiente online trouxe, segundo muitos docentes afirmaram, possibilidades para os estudantes que em ensino presencial eram mais tímidos e com a ferramenta do vídeo e os recursos de edição se encorajaram para experimentar a movimentação corporal. Em contrapartida, outros não se sentiram tão confortáveis em se mover, em um espaço menor, e não abriam a câmera para participar das aulas remotas, reforçou-se também nas discussões levantadas que muitos alunos tiveram dificuldades em compreender as alterações nos espaços que antes já possuíam uma função específica (como: "descansar - no quarto"; ou fazer uma refeição - na cozinha) e necessitavam ser vistos agora como um espaço de ensino-aprendizagem.

Além da timidez e do espaço reduzido, a câmera trouxe alterações para as produções de movimentação corporal dos estudantes; os mesmos contavam com o recorte da tela da câmera para pensar em como produzir a ação desejada. Os movimentos muitas vezes carregavam a ideia bidimensional que o quadro da tela forma e fizeram movimentos mais frontais. Se o espaço se alterou, assim como a lógica das aulas e relação com as tecnologias digitais intensificada, este corpo que é convidado a dançar em sala de aula também se alterou. Consequentemente o que se entende e reconhece dentro dos processos cognitivos do que é dança também se modificou para os estudantes, já que como discutido no capítulo três a produção de conhecimento se dá pela participação ativa do corpo, sua relação com o ambiente e as tecnologias disponíveis neste espaço.

Aprender e experimentar possibilidades de produzir dança nas aulas neste contexto, não acontece dissociado da presença dos dispositivos de controle, que como discutido no capítulo um, são heterogêneos e estão sempre se atualizando para

responder a uma urgência e com o objetivo de controlar e criar corpos úteis para a lógica capitalista de nossa sociedade. Neste sentido, foi interessante constatar que para cada realidade, os docentes também percebem diferentes elementos atuando como dispositivos de controle na aula remota: como a câmera, a interferência de familiares durante a aula, gravação de aulas, falta de espaço adequado para aula, entre outros aspectos. E essa interferência destes elementos atuando como dispositivos de poder também modificam a maneira como o estudante vai produzir as experimentações corporais.

Como pontos positivos, alcançados na pesquisa destaca-se desenvolvimento do conceito de dispositivo de controle e a evolução deste termo através da noção do conceito de biopolítica feita no capítulo dois do texto, assim como a apresentação de como se dá a relação corpo e espaço de quem estuda a dança no ambiente online feitas no capítulo dois, e de que maneira essa relação transforma a movimentação corporal na sala de aula remota, imposta pela crise sanitária da COVID-19 feitas no capítulo três.

Como pontos negativos, destaca-se a não obtenção de algumas respostas devido, às vezes, o entrevistado não ter compreendido o que a questão pedia, ou simplesmente não detalhar mais a resposta. Como foram em poucos momentos que se percebeu isto, acredita-se que a análise da pesquisa não foi prejudicada, entretanto pensa-se que para uma pesquisa futura, pode-se construir as perguntas de forma a estimular o detalhamento das respostas e garantir a máxima compreensão na leitura, além de reforçar mais pedidos de uma leitura atenta ao enunciado. Outro ponto a ser lembrado é que não foi possível pelo tempo disponível para o desenvolvimento da etapa final do texto, compreender outros métodos de leituras de gráficos para apresentar outros formatos aos leitores, entretanto mesmo a escolha da apresentação dos dados analisados de forma tradicional, possibilitou a pesquisadora destacar os pontos considerados importantes à reflexão proposta na pesquisa. Deseja-se, para pesquisas futuras, ampliar o estudo para apresentar análises cada vez mais dinâmicas aos leitores.

Importante salientar que as discussões aqui apresentadas não cessam a discussão, ao contrário pretendem estimular novas pesquisas para se compreender cada vez mais as transformações corporais nas relações de ensino aprendizagem. Principalmente agora que no momento de finalização da escrita desta dissertação o cenário da crise sanitária se desenhou de outra forma, em que a vacinação está em curso e muitas escolas retomaram suas atividades presenciais. Entretanto, como discutido no capítulo três, a relação com o ambiente e os aparatos tecnológicos

digitais desenvolve outros caminhos de apreensão do conhecimento. Logo, interessa saber para discussões futuras que corpo é este que está retornando a sala presencial, como as práticas no ensino remoto, bem como a atuação dos dispositivos de poder evidenciam ou outro corpo presente?

Além dos encaminhamentos para estudos futuros, a pesquisa também possibilitou refletir sobre a produção de dança nesse outro espaço: o remoto. Ela acontece, e pode acontecer a partir de uma perspectiva que traga o corpo como participante ativo no processo cognitivo, instigando os estudantes a perceberem os desafios e diferenças do ambiente remoto como possibilidades para a criação. Reforça-se que este não é um processo fácil, demanda estudo e experimentação de possibilidades e compartilhamento dos resultados obtidos, mas pensa-se que este pode ser um caminho de refinamento para que a prática de dança ao ser abordada na disciplina de arte também possa ser apresentada de maneira mais aprofundada, visto que como mencionado, no próprio recorte entre os entrevistados muitos docentes não tinham formação ou vivência em dança. Sendo esta uma realidade do sistema educacional brasileiro, que ainda não possibilita a presença de um profissional de cada linguagem artística específica atuando em sala de aula, tem-se como desafio, principalmente após o período mais crítico de isolamento e aula remota, refletir em como apresentar a dança no contexto escolar, a partir da perspectiva de que corpo é conhecimento e de experimentações de movimentação que estimulem a identificação de dispositivos de controle, bem como, a desestabilização dos mesmos parece ser de total importância.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é dispositivo. In: **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009. p. 27-51.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 20 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **O que é educação à distância**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12823:o-que-e-educacao-a-distancia#:~:text=Educa%C3%A7%C3%A3o%20a%20dist%C3%A2ncia%20%C3%A9%20a,tecnologias%20de%20informa%C3%A7%C3%A3o%20e%20comunica%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

BRÍGIDO, Edimar Inocêncio. Michel Foucault: uma análise do poder. **Revista de Direito Econômico e Socioambiental**, v. 4, p. 56-75, 2014.

BUNGE, Mario. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.

CENTOFANTI, Marcella. Como a pandemia está afetando diferentes partes do nosso corpo. **CNN Brasil**, 10 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/como-a-pandemia-esta-afetando-diferentes-partes-do-nosso-corpo/>>. Acesso em: 24 jan. 2022.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CLARK, Andy. **Natural-born cyborgs: Minds, Technologies and the future human intelligence**. New York: Oxford University Press, 2003.

_____. Language, embodiment, and the cognitive niche. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 10, n. 8, p. 370-374, 2006.

_____. **Supersizing the mind: embodiment, action and cognitive extension**. New York: Oxford University Press, 2008.

_____. Somos todos cyborgs. [Entrevista concedida a Marcela Buscato. *Época*, edição 580, 2009. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI79112-15224,00-SOMOS+TODOS+CYBORGS.htm>>. Acesso 14 de janeiro de 2022.

FANTINI, Wilne S. A dança do rei: o balé de corte e o poder de soberania em Foucault. **Holos**, Natal, v. 1, p. 280-290, 2015.

FERNANDES, Cláudio. O que é burguesia? **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-burguesia.htm>>. Acesso em: 06 mar. 2021.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: **Ditos e escritos III - estética**: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 411-422.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

_____. **O corpo utópico**: as heterotopias. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. **Subjetividade e verdade**: curso no Collège de France. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

GOVERNO DO PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes curriculares da educação básica**: arte. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_arte.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2021.

GREINER, Christine. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. **O corpo em crise, novas pistas e o curto-circuito das representações**. São Paulo: Annablume, 2010.

KATZ, Helena. Visto de entrada e controle de passaporte da dança brasileira. In: CAVALCANTI, Lauro (Org.). **Tudo é Brasil**. São Paulo: Itaú Cultural, 2004. p. 121-131.

_____. **Um, dois, três**: a dança é o pensamento do corpo. Belo Horizonte: FID Editorial, 2005.

_____. **O que lateja na palavra pandemia**. Copenhagen/Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2020.

KATZ, Helena; GREINER, Christine. Por uma teoria do corpo mídia. In: GREINER, Christine (Org.). **O corpo pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005. p. 125-133.

_____. (Org.). **Arte & cognição. Corpomídia, comunicação, política**. São Paulo: Annablume, 2015. v. 1.

KLAMT, Luciana; SANTOS, Vanderley Severino dos. O uso do software IRAMUTEQ na análise de conteúdo: estudo comparativo entre os trabalhos de conclusão de curso do ProfEPT e os referenciais do programa. **Research, Society and Development**, v. 10, p. e8210413786-15, 2021.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the Flesh**: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought. New York: Basic Books, 1999.

LEMKE, Thomas. **Biopolítica**: críticas, debates e perspectivas. São Paulo: Politeia, 2018a.

_____. Rearticulando o conceito de dispositivo: combinando STS e analítica de governo. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, v. 23, n. 1, p. 32-62, jan./abr. 2018b. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/33885>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

LEWONTIN, Richard C. **A tripla hélice: gene, organismo e ambiente**. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância**. São Paulo: Thomson Pioneira, 2007.

NOË, Alva. **Action in perception**. Cambridge: The MIT Press, 2004.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. Ensino remoto ou ensino a distância: efeitos da pandemia. **Estudos Universitários**, v. 37, n. 1 e 2, p. 58-70, 2020.

PATI, Camila. Estes 10 cargos estão em alta e têm salários de até 30 mil reais. **Exame**, 10 ago. 2017. Disponível em: <<https://exame.com/carreira/estes-10-cargos-estao-em-alta-com-salarios-de-ate-30-mil-reais/>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

PENA, Rodolfo F. Alves. O que é capitalismo? **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-capitalismo.htm>>. Acesso em: 06 mar. 2021.

_____. O que é globalização? **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-capitalismo.htm>>. Acesso em: 06 mar. 2021.

PINTO, Tales dos Santos. O que é Idade Moderna? **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-idade-moderna.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

PORFÍRIO, Francisco. Patrística. **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/patristica.htm>>. Acesso em: 27 fev. 2021.

QUEIROZ, Clélia Ferraz Pereira de. **Corpulações: informação, comunicação, movimento e contato**. 214 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

RIBEIRO, Denise; WELLS, Anthony. Com a pandemia, demanda por videoconferência dispara em empresas brasileiras. **CNN**, 15 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/com-pandemia-demanda-por-videoconferencias-dispara-em-empresas-brasileiras/>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

RODRIGUES, Lucas de Oliveira. O que é modernidade? **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/o-que-modernidade.htm>>. Acesso em: 06 mar. 2021.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração**: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SACCHITIELLO, Bárbara. Zoom projeta futuro de união entre experiências virtuais e reais. **Meio & Mensagem**, 06 jan. 2022. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2022/01/06/zoom-projeta-futuro-de-uniao-entre-experiencias-virtuais-e-reais.html>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

SANTOS, Eduardo; CARVALHO LIMA, Bruna Della Torre; LEMKE, Thomas. Entrevista com Thomas Lemke. **Tempo Social**, v. 29, n. 2, p. 305-313, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/117787>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

SANTOS, Mauro Sérgio. A moderna sociedade de controle. **Ensaio Filosóficos**, v. 12, p. 170-179, 2015.

SIEDLER, Elke. **Redesenhos políticos do corpo**: uma análise de modos de circulação e concepção da dança on e off-line. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), São Paulo, 2016.

SILVA, Daniel Neves. O nazismo era de esquerda ou de direita? **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/historiag/o-nazismo-era-esquerda-ou-direita.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

_____. O que é absolutismo? **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-absolutismo.htm>>. Acesso em: 06 mar. 2021.

SILVA, Naiara Porto; SOUSA, Erivan Coqueiro. A educação a distância (EAD) e o ensino remoto emergencial (ERE) em tempos de Pandemia da Covid 19. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, p. 66061-66075, 2021.

SILVA, Rosemeri Rocha da. **Uno, mapa de criação**: ações corporalizadas de um corpo propositor num discurso em dança. 205 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cadernos Cedes**, v. 21, n. 53, p. 69-83, abr. 2001.

TRINDADE. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/trindade/>>. Acesso em: 26 fev. 2021.

TSCHACHER, Wolfgang; DAUWALDER, Jean-Pierre. **The dynamical systems approach to cognition**. Singapura: World Scientific, 2003.

UTOPIA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/trindade/>>. Acesso: 07 mar. 2021.

VANACOR, Paula. 6 metodologias ativas para revolucionar suas aulas. **Elos Blog**, 18 fev. 2021. Disponível em: <https://blog.elos.vc/6-metodologias-ativas-para-revolucionar-suas-aulas/#utm_source=Blog&utm_medium=Blog_Elos&utm_campaign=CTA_Metodologias_Ativas>. Acesso em: 28 jan. 2022.

VELLOZO, Marila Annibelli. **Dança e política**: organizações civis da dança na construção de políticas públicas. Tese (doutorado) - Programa de Pós Graduação Escola de Teatro e Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/9626/1/Tese%2520Marila%2520Annibelli%2520Vellozo.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2022.

APÊNDICE– QUESTIONÁRIO

Cara (o) Docente

Este questionário diz respeito ao estudo sobre a atuação dos dispositivos de poder e a transformação na movimentação corporal dos estudantes do ensino fundamental II nas aulas de dança em escolas privadas, a partir do deslocamento para aulas remotas devido à crise sanitária da COVID-19 que comporá a dissertação de Mestrado da pesquisadora.

Entendo ser desnecessário sublinhar a carência de estudos e pesquisas sobre as possíveis transformações vivenciadas na área de Dança a partir do deslocamento de dispositivos de poder para o espaço online. É nessa ideia que me apoio para solicitar, às organizações da sociedade civil, respostas a este questionário. Confio que cada um compreenderá a importância deste instrumento de pesquisa para o estudo que me proponho a desenvolver.

A contribuição das respostas extrapolará as questões individuais, pois será direcionada a uma reflexão acerca da atualização dos dispositivos de controle e poder que atuam nas aulas de dança remotas online, assim, aponta para a importância de se dar início a um diálogo que se propõe identificar a atuação e atualização dos dispositivos de poder e controle no ambiente das aulas de arte, quando abordado o conteúdo da linguagem da dança.

Comprometo-me, como pesquisadora, a manter o anonimato quanto aos nomes dos participantes, utilizando as informações somente para os fins a que esta pesquisa se destina, visando levantar as vozes e os modos de atuação da sociedade civil na área específica da Dança ou quando à ela relacionados.

Solicito um prazo de entrega de respostas até 15 de dezembro. Agradecendo sua contribuição, reitero, ainda, que qualquer dúvida poderá ser esclarecida pelo e-mail: larissaalorenaoliveira@gmail.com

Atenciosamente,
Larissa Lorena

1. Dados Gerais

- 1.1 Nome: _____
- 1.2 Como prefere ser chamado: _____
- 1.3 Endereço: _____
- 1.4 Telefones: _____
- 1.5 Cidade: _____ Estado: _____
- 1.6 Contato em meio eletrônico (e-mail, site, blog, etc.): _____

2. Relação com a dança

1. Qual sua formação em dança?
2. Qual sua formação superior?
3. Há quantos anos você trabalha com a docência em Arte e (ou) Dança em escolas do ensino fundamental?

 1 ano
 Menos de 1 ano
 De 1 a 2 anos
 De 2 a 4 anos
 Mais de 4 anos

A transição para docentes e o ensino dança

1. Que tipo de adaptações você precisou fazer em suas aulas de dança devido ao impacto da pandemia que forçou o trânsito do ensino presencial para o ensino remoto?
2. Que tipo de movimentações você propunha aos seus alunos no ensino presencial durante as aulas que ministrava?
3. Que tipo de movimentações propõe aos seus alunos no ensino remoto?
4. Há depoimentos ou relatos de alunos em relação à transição do ensino presencial para o ensino remoto, no que diz respeito à movimentação corporal ou outros aspectos que integram uma aula de dança?

Sim

Não

5. Se sua resposta anterior foi sim, comente a respeito.
6. Como o espaço, nesta transição, influencia a movimentação em relação à organização/orientação espacial do aluno?
7. Você acredita que o espaço, nesta transição, reduz ou amplia movimentação corporal dos estudantes no ensino online?

Reduz

Amplia

Justifique sua resposta _____

Movimento Corporal

8. Assinale quais aspectos da movimentação corporal de seus alunos eram mais evidentes durante as aulas presenciais de dança:

Mobilidade corporal (articular etc.)

Amplitude do movimento (pequeno, médio e grande)

Deslocamentos no espaço (rolar, girar, trocar de lugar, engatinhar etc.)

Alterações de velocidade (gradações entre lento e rápido)

Variações de qualidade de movimento (leve, forte, suspenso, interrompido etc.)

Gestos

Outros:

Justifique sua resposta _____

9. Assinale quais aspectos da movimentação corporal de seus alunos são mais evidentes durante as aulas de ensino remoto:

Mobilidade corporal (articular etc.)

Amplitude do movimento (pequeno, médio e grande)

Deslocamentos no espaço (rolar, girar, trocar de lugar, engatinhar etc.)

Alterações de velocidade (gradações entre lento e rápido)

Variações de qualidade de movimento (leve, forte, suspenso, interrompido, etc.)

Gestos

() Outros: _____
 Justifique sua resposta _____

10. Quais destes dispositivos você percebe que altera (reduz ou amplia) a movimentação corporal dos estudantes no ensino online:

- () Câmera
 () Exposição às telas
 () Gravação da aula nas plataformas
 () Plataformas (teams, GSuite, etc.)
 () Outras. Quais: _____
 Justifique sua resposta _____

Espaço e Organização Espacial

11. Como era a organização espacial do estudante em relação ao ambiente das salas durante as atividades presenciais? (objetos como carteiras e mesas, entre outros estavam dispostos na sala de aula presencial)

12. Como se dá a organização espacial entre o ambiente das aulas remotas e o estudante, nas atividades remotas?

Dispositivos de Poder

Entende-se por instrumentos de controle e (ou) dispositivos de poder elementos que podem de alguma maneira limitar, controlar ou interferir na aula de cada docente e no desempenho dos estudantes.

13. Você percebia instrumentos de controle e (ou) dispositivos de poder no ambiente das aulas e salas do ensino presencial?

- () Sim
 () Não
 Se sim, quais: _____

14. Você percebe instrumentos de controle e (ou) dispositivos de poder no ambiente das aulas de ensino remoto?

- () Sim

() Não

Se sim, quais: _____

15. Estes instrumentos de controle e (ou) dispositivos de poder interferem ou modificam a movimentação dos seus estudantes?

16. Você considera a câmera como um dispositivo:

() que inibe a movimentação dos estudantes no ensino remoto

() que estimula a movimentação dos estudantes

() outra opção? Nenhuma das duas opções

Justifique sua resposta: _____